

JUGELY REGIS DOS ANJOS SILVA  
organizadora



**POR TRÁS  
DA LUPA**



editoraifrn

ROSS • DO NOT CROSS • DO NOT CROSS • DO NOT CROSS



JUCELY REGIS DOS ANJOS SILVA

*organizadora*



**POR TRÁS  
DA LUPA**



editora **ifrn**

Natal, 2019

Presidente da República  
**Jair Messias Bolsonaro**

Ministro da Educação  
**Abraham Weintraub**

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica  
**Ariosto Antunes Culau**

---



Reitor

**Wyllys Abel Farkatt Tabosa**

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação  
**Márcio Adriano de Azevedo**

Coordenadora da Editora IFRN  
**Kadydja Karla Nascimento Chagas**

---

### **Conselho Editorial**

Albino Oliveira Nunes  
Ana Paula Borba Costa  
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira  
Anisia Karla de Lima Galvão  
Carla Katarina de Monteiro Marques  
Cláudia Battestin  
Emiliana Souza Soares Fernandes  
Fabrícia Abrantes Figueredo da Rocha  
Francinaide de Lima Silva Nascimento  
Fábio Alexandre Araújo dos Santos  
Genoveva Vargas Solar  
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior  
José Augusto Pacheco  
José Everaldo Pereira  
Jozilene de Souza

Jussara Benvindo Neri  
Kadydja Karla Nascimento Chagas  
Lenina Lopes Soares Silva  
Luciana Maria Araújo Rabelo  
Maria da Conceição de Almeida  
Márcio Adriano de Azevedo  
Nadir Arruda Skeete  
Paulo de Macedo Caldas Neto  
Ramon Evangelista dos Anjos Paiva  
Regia Lúcia Lopes  
Rejane Bezerra Barros  
Rodrigo Luiz Silva Pessoa  
Sílvia Regina Pereira de Mendonça  
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

---

### **Projeto Gráfico, Diagramação e Capa**

Hanna Andreza Fernandes Sobral

### **Coordenação de Design**

Charles Bamam Medeiros de Souza

### **Revisão Linguística**

Laianni Vitória Cosme e Silva

### **Coordenação de Revisão**

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Prefixo editorial: 94137

Linha Editorial: Artístico-Literária

Disponível para *download* em:

**<http://memoria.ifrn.edu.br>**

---



### **Contato**

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol. Natal-RN.

CEP: 59015-300. Telefone: (84) 4005-0763 | E-mail: [editora@ifrn.edu.br](mailto:editora@ifrn.edu.br)





Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

P832 Por trás da lupa / organizador Jucely Regis dos Anjos Silva; Projeto gráfico, diagramação e capa Hanna Andreza Fernandez Sobral; coordenação de design Charles Bamam Medeiros de Souza; revisão linguística Laianni Vitória Cosme e Silva; coordenação da revisão Rodrigo Luiz Silva Pessoa. – Natal: IFRN, 2019. 182p.

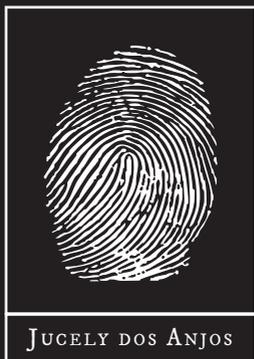
ISBN: 978-85-94137-84-5

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura – Contos. 3. Contos policíacos – Ficção. I. Silva, Jucely Regis dos Anjos (Org.). II. Título.

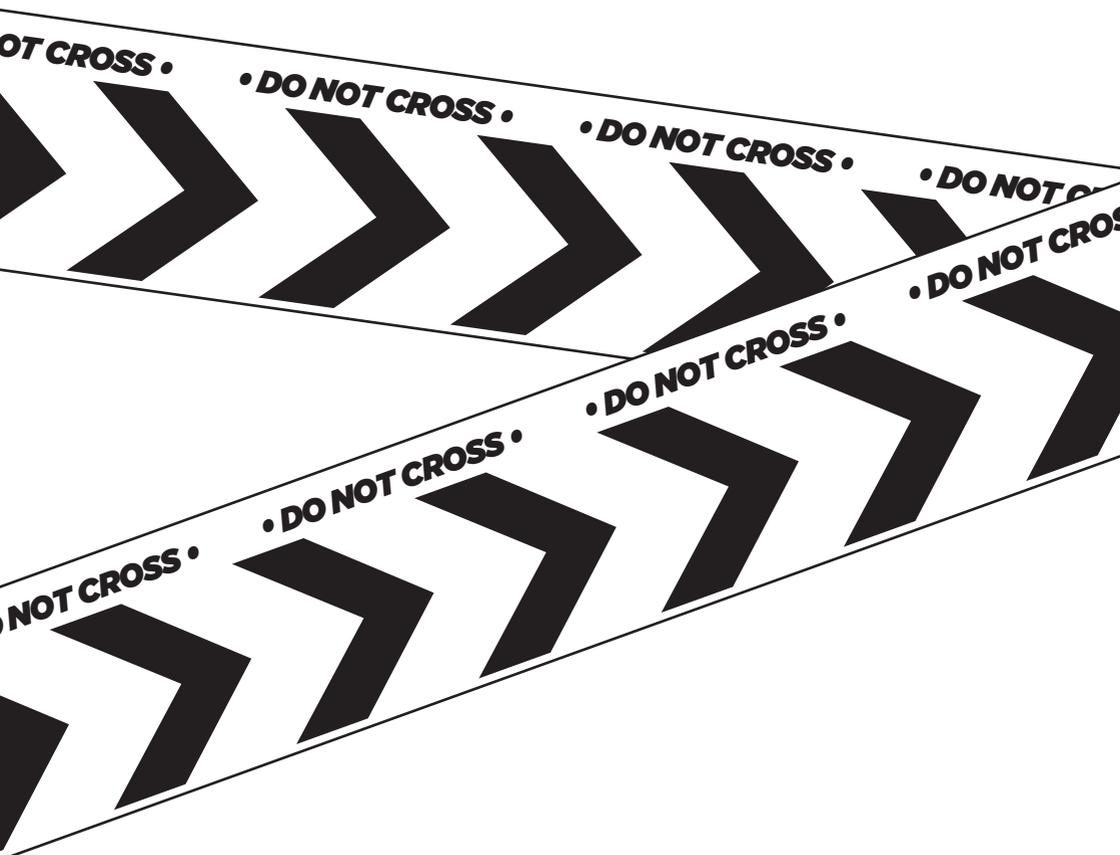
CDU 82-93

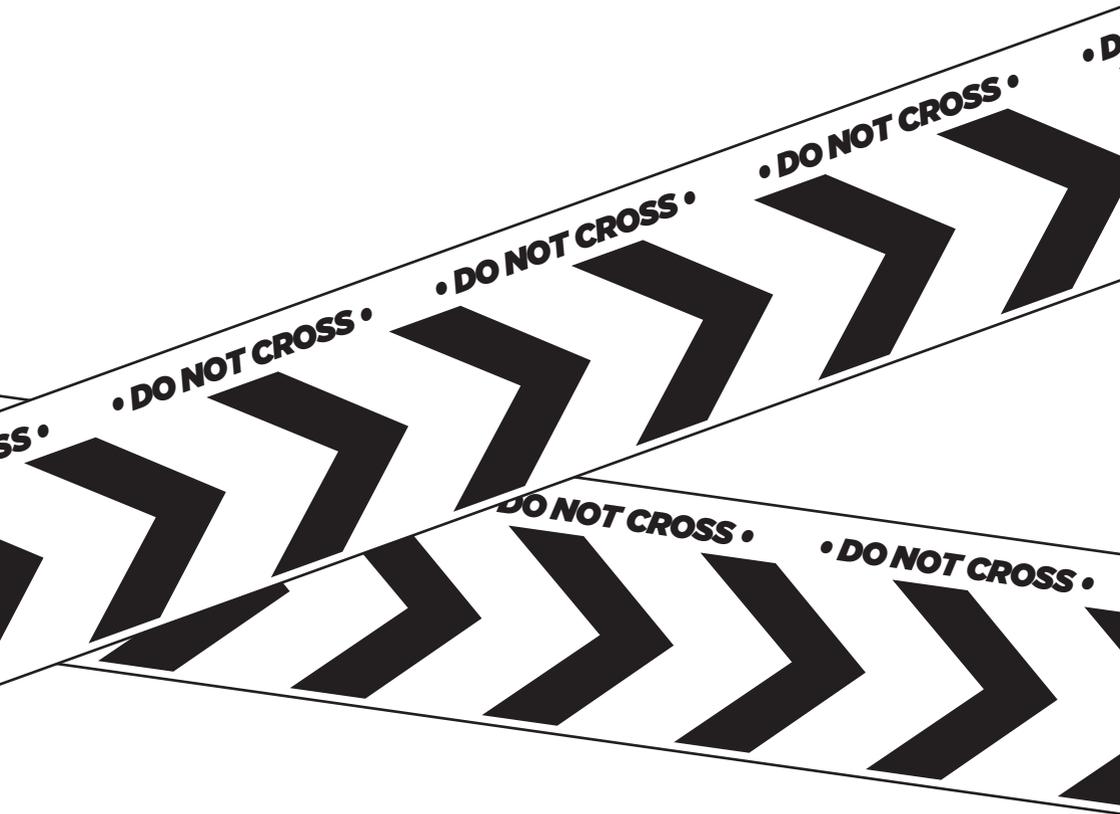
**Catálogo da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária  
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502**

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.



*Dedicamos este trabalho a toda a rede de pessoas que tem lutado por uma educação pública, gratuita e de qualidade, tornando possível no IFRN um ensino de excelência, e especialmente aos membros dessa rede no campus Pau dos Ferros. Também o dedicamos ao adolescente em situação de vulnerabilidade social, o qual, se alfabetizado, gostaria de ler um livro como este.*





**CONFIDENTIAL**

# SUMÁRIO

**1****13** | APRESENTAÇÃO**17** | PREFÁCIO**21** | CAPÍTULO 1  
O Assassino “Incondenável”**31** | CAPÍTULO 2  
Inveja e vingança**3****45** | CAPÍTULO 3  
O Caso do Destruidor de Corações**61** | CAPÍTULO 4  
A Última Dança**73** | CAPÍTULO 5  
Famble**83** | CAPÍTULO 6  
Bailando Para o Caminho da Morte**91** | CAPÍTULO 7  
Hotel Lavanda



**99** | CAPÍTULO 8  
Lady Williams

**113** | CAPÍTULO 9  
Um Assassino Entre Nós

**125** | CAPÍTULO 10  
O estranho caso da Floricultura Martínez

**137** | CAPÍTULO 11  
Lábios azuis

**149** | CAPÍTULO 12  
Uma Fórmula Incomum

**155** | CAPÍTULO 13  
Veratrum Album

**163** | CAPÍTULO 14  
O assassinato na mansão do Sr. Fortuna

**171** | CAPÍTULO 15  
Festa ou tragédia?

68

64

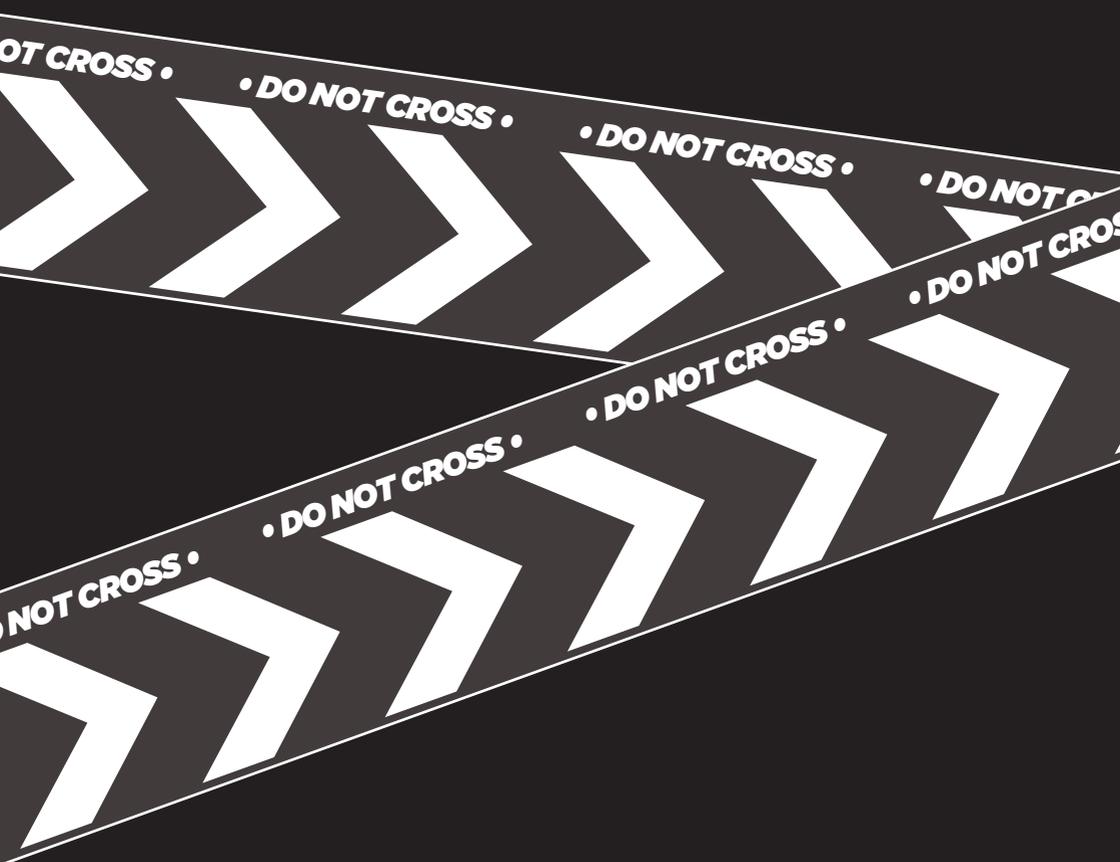
60

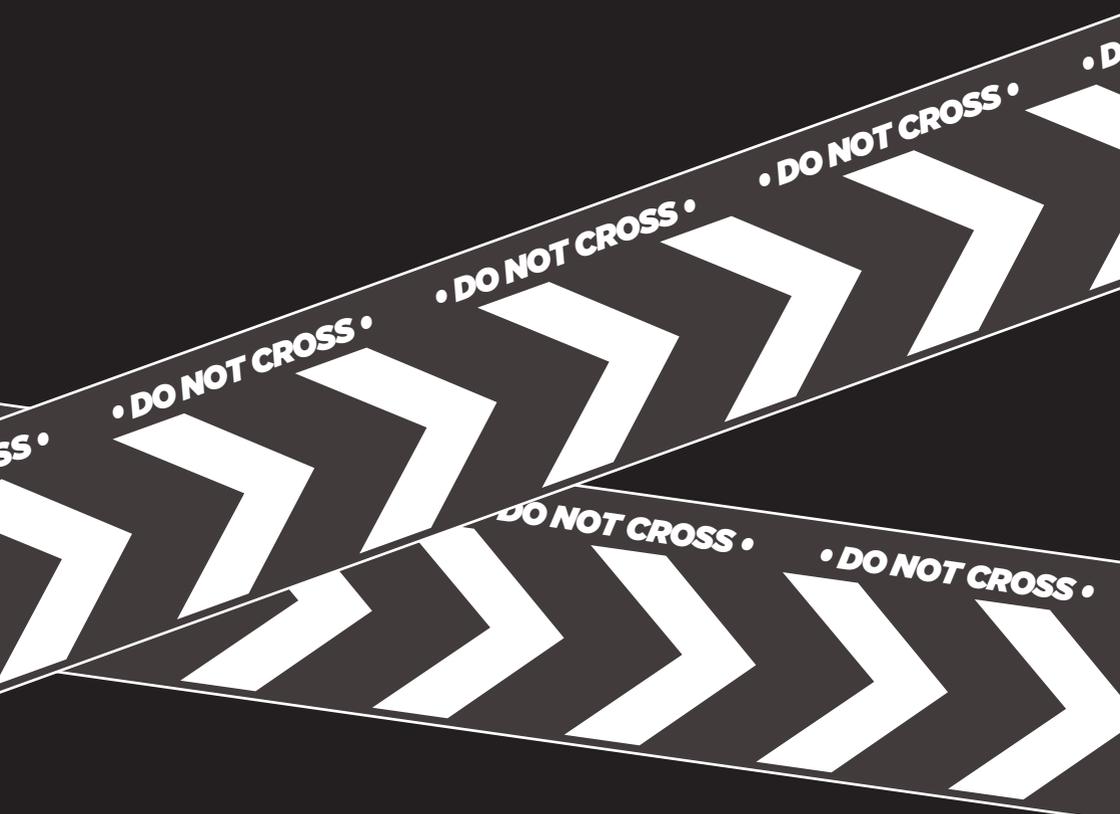
58

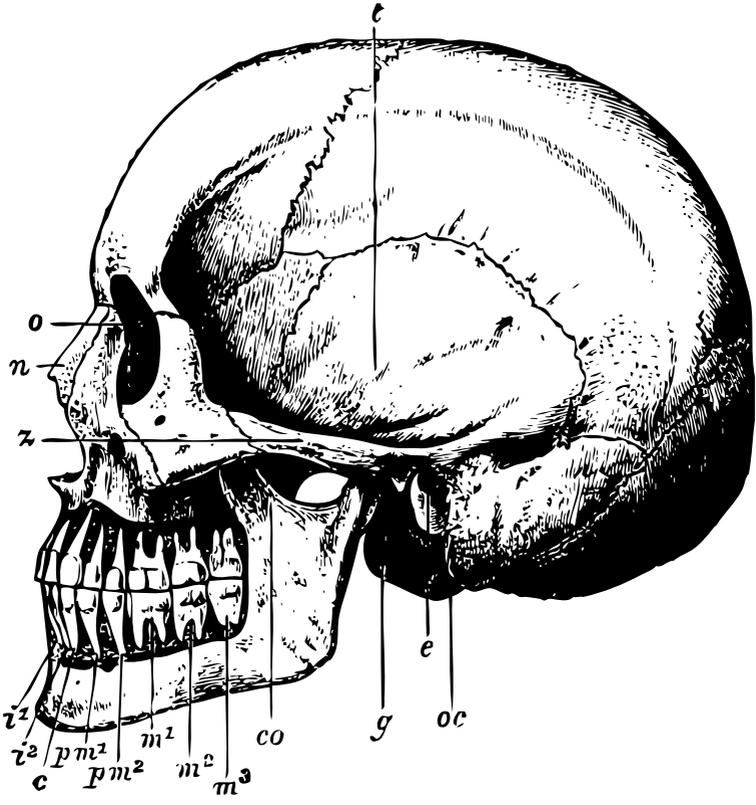
54

40









# APRESENTAÇÃO

Em 1960, um grupo de escritores franceses funda o OuLi-Po. Reunindo figuras como Georges Perec e Raymond Queneau, seu nome é o acrônimo de “Ouvroir de littérature potentielle”, oficina de literatura potencial. Sua proposta ligava-se à ideia de que seria possível produzir literatura em quantidade ilimitada por meio da aplicação de certas regras formais como políndromos, anagramas e restrições com base em gêneros de formas estáveis, a exemplo do haicai. Nesse sentido, a literatura caminharia próximo à matemática – já que tornaria possível gerar resultados pela aplicação de fórmulas –, mas também próximo ao jogo, pois só seria possível escrever por meio do cumprimento das regras, tomadas de forma lúdica.

Um pouco depois, em 1963, um escritor argentino lançava na Espanha o romance *Rayuela*; no Brasil, *O jogo da amarelinha*. O livro, escrito na França, trazia muito da experiência do autor, desde sua vivência cosmopolita, exposta por meio das personagens, às inúmeras referências a artefatos artísticos dos mais variados. Tratava-se de uma “obra aberta”, nos termos de Umberto Eco, capaz de ser lida de pelo menos dois modos diferentes. Cabia ao leitor escolher um dos itinerários e testá-lo.

Muito mais cedo, no Brasil, Machado de Assis já produzia uma literatura de experimentação, para além dos limites das escolas literárias, embora com traços reconhecíveis de algumas delas, seja o Realismo, seja o Romantismo. Inspirado por Laurence Sterne, escreveu romances como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, com estrutura não-linear, metalinguística e provocativa de distintos modos. Mantinha nos seus textos um diálogo constante com o leitor ou leitora, convidando-o(a) sempre a participar e, sem estar limitado a esse propósito, construiu um dos maiores jogos de adivinhação de nossa literatura: *Dom Casmurro*.

Poderíamos citar outros exemplos, mas já sob a convicção de que o lúdico produz escritas que valem a pena serem lidas, apresentamos *Por Trás da Lupa*. A obra apresenta uma seleção de contos policiais escritos por discentes das turmas de 2º ano (em 2018) dos cursos Técnicos de Nível Médio em Alimentos e Apicultura (matutinas) e Informática (vespertina) do IFRN *campus* Pau dos Ferros.

O caminho para o produto aqui apresentado inicia-se, como não poderia deixar de ser, na leitura de outros textos literários, que deixaram rastros na escrita desses adolescentes ao iniciarem sua aventura. Como afirma Ana Cristina Cesar (1999), escritora carioca associada ao movimento da Poesia Marginal dos anos 70, cada texto literário está entremeado com outros textos literários, como se toda escrita atuasse como uma rede infinita de citações. Trabalhada sob o conceito de intertextualidade em nossas aulas de Literatura, essa noção é melhor explicada logo em seguida pela autora, no momento em que fala de um item curioso presente em seu livro *A teus pés*, publicado pela primeira vez em 1982: “aqui mesmo tem um índice onomástico que dá algumas pistas de autores com os quais eu cruzo. [...] Todo autor, de repente, está muito atento ao que ele lê, ao que ele ouve, e incorpora isso no próprio

texto” (CESAR, 1999, p. 266). Adepta das armadilhas de leitura, do palimpsesto borgeano e das cartas (para pôr na mesa, jogar, ler destinos, esconder na cartola ou remeter a um destinatário indefinido), Cesar consegue demonstrar uma característica evidente também nos textos presentes neste livro: o diálogo com os textos de outros autores como parte do jogo.

Jogo iniciado, as primeiras partidas aconteceram no primeiro bimestre de 2019. O programa de curso e a ementa de Língua Portuguesa e Literatura II previam para as turmas o estudo do conto como gênero literário, em suas mais variadas vertentes. Com essa excelente oportunidade, escolhi um representante para cada tipo a ser trabalhado em classe: Julio Cortázar para o conto fantástico; Edgar Allan Poe para o conto de horror e mistério; e Rubem Fonseca para o conto policial. Após feita a escolha, as suas obras foram disponibilizadas no SUAP em formato digital, junto a outros livros de apoio de autores importantes no gênero, como Clarice Lispector, Machado de Assis e Agatha Christie – logo devorados pelos leitores mais curiosos.

A sequência didática incluiu estudos dirigidos dos contos, rodas de conversa, avaliação escrita e aulas expositivo-dialogadas, cuja orientação se deu a partir do estudo de teóricos como Tzvetan Todorov e dos próprios escritores, os quais atuaram como críticos de referência nos gêneros que praticavam. Certamente, também foi referência para o trabalho a participação dos discentes como leitores em formação, leitura crítica que foi exposta ao final do bimestre com a produção em grupo de adaptações das obras lidas para o meio audiovisual.

No segundo bimestre, após a análise da estrutura do conto policial, havia chegado a hora de estabelecer o diálogo também por meio da escrita. E para aliviar o peso dos mitos que ainda ron-

dam o ato de escrever, o melhor caminho que se apresentou foi o jogo. E por que não o jogo Detetive? A sugestão, eu devo à professora Thayanny Vasconcelos (autora do prefácio desta obra), que foi professora substituta de Língua Portuguesa no Instituto e que esperamos ver de volta em breve. Dispostas em quatro grandes grupos formados, por sua vez, por quatro duplas cada, as turmas deram continuidade à aventura sem muito se dar conta.

O objetivo do jogo era simples: desvendar o crime, ou seja, descobrir o assassino, o local e o instrumento utilizado, por meio das cartas lançadas a cada partida. Três dos grupos jogavam, enquanto o quarto (modificado à medida que alguém ganhava a partida) observava e anotava os palpites sobre o assassinato lançados pelas duplas. Na aula seguinte, os grupos de observação entregaram-me os palpites, dentre os quais selecionei alguns para anotar no quadro branco. Por meio da escolha de um deles, cada dupla iria produzir um conto policial completo, conforme os exemplares do gênero.

Os resultados foram os mais variados e, embora a maioria tenha conseguido a astúcia de dar coerência a um crime escolhido por meio do acaso, não raro a desobediência ou a modificação das regras gerou excelentes contos. Durante as oficinas de escrita em classe que se seguiram, alguns pediam permissão para modificar o gênero do assassino, transformá-lo em vítima, juntar o assassino de um dos palpites com a arma de um outro etc.. Para além de todo o aprendizado possível e partilhado, o que fica como característica marcante é a descoberta, por parte dos discentes, de que a escrita não precisa ser uma tarefa impossível, maçante ou reservada a poucos, pois é possível escrever brincando.

JUCELY REGIS,  
agosto de 2019.



# PREFÁCIO

Desde nomes como Sir Arthur Conan Doyle, inventor do nosso mais famoso detetive Sherlock Holmes, e Agatha Christie, a rainha do crime que tinha como seu mais falado detetive Hercule Poirot, foi raro eu encontrar um livro de assassinato que me fez pôr minha vida em modo de espera. Não duvide de que este livro escrito por alunos do segundo ano do ensino médio e organizado pela professora Jucely Regis tem o poder de te fazer adiar alguns trabalhos importantes a fim de resolver alguns casos que estão “por trás da lupa”.

Essa comparação acima se deu porque essa coletânea preenche os requisitos que toda boa história policial deve ter: o triângulo “detetive, assassino e vítima”, assim como o espaço onde o crime ocorreu e uma narrativa que percorre o passo a passo da resolução desse crime: “Quem matou? Como matou? Utilizando quais armas e por qual motivo?”.

No primeiro conto, **O assassino “incondenável”**, um feminicídio marca a construção do hospital Memorial Guadalupe Fernandez e reviravoltas – marca de grandes narrativas policiais – vão acompanhar toda a resolução do mistério do assassinato da arquiteta Mia Thompson.

No segundo conto, **Inveja e vingança**, a noite de celebração não vai terminar muito bem no grande hotel de Dubai, o Discovery Palace, e o Leonardo se depara com alguns suspeitos com motivos para envenenar a vítima dessa história. O leitor vai se pegar, assim como o detetive, se questionando “qual dos suspeitos é o culpado?”.

No terceiro conto, **O caso do destruidor de corações**, vamos torcer para que o Sr. Eryc Lotte não termine seus dias de detetive esquecido. Ele vai ter um caso e tanto para resolver, pois a vítima dessa história é o Robert John, um cara que coleciona inimigos.

No quarto conto, **A última dança**, uma tragédia no luxuoso hotel Millennium Times Square, na cidade de New York – conhecida como a cidade que nunca dorme, vai trazer mais um motivo para alguns moradores não dormirem nessa noite. Com a indiferença da polícia no caso, a dançarina Megan, brutalmente assassinada, vai ter sua memória honrada pela brilhante detetive Chloe Bennet.

No quinto conto, **Famble**, quem vai nos contar essa história é o amigo do detetive Jacob, nem um pouco admirado pelos policiais pela sua habilidade em desvendar crimes. Os dois são acionados para solucionar o mistério do assassinato que ocorreu no La Perle. O narrador conta a história do personagem principal, um detetive que não desperta a amizade dos policiais da cidade, te lembra grandes narrativas?

No sexto conto, que de cara já nos deparamos com um título daqueles, **Bailando para o caminho da morte**, vamos observar a senhorita Daphnée Laurent mostrar à polícia como solucionar crimes. Ciente de sua importância e eficácia, Laurent vai ajudar o perito Sr. Guerra a resolver o caso da jovem Elisabeth Jacques. A vítima vivia em um contexto bastante suspeito: casamento em

crise. Se, ao ler isso, já imaginou que foi o marido quem a matou, é um bom palpite, mas saiba que a vítima foi encontrada usando uma pulseira de entrada livre para a Aqua Lounge, a casa de show mais badalada da cidade. Motivos, apenas algumas pessoas os tinham, mas quem será o assassino?

No sétimo conto, **Hotel lavanda**, mais uma mulher vai dar show como detetive. Desta vez, vamos acompanhar a policial Nísia ao resolver um caso sem nenhuma resposta aparente. Nessa narrativa, vamos ficar ansiosos para que o assassinato de Saulo seja resolvido, uma vez que sua viúva está grávida e com o hotel à beira da falência. Vamos ajustar bem a lupa e olhar direitinho quem pode estar por trás dela.

No oitavo conto, **Lady Williams**, vamos torcer para que a inspetora Williams resolva um caso de assassinato na Casa Branca, mas também vamos nos deparar com o preconceito do século XVIII frente a uma mulher em uma carreira dita “de homem”. O quanto isso ainda é recorrente em pleno século XXI?

No nono conto, **Um assassino entre nós**, estamos no início do século XX: mulheres nascem e são criadas para serem donas de casa. Um casamento arranjado, uma promoção, algumas traições e muita inveja podem ser combinações perfeitas para um crime não tão perfeito e passível de uma resolução pelo detetive Escobar Dupin.

No décimo conto, **O estranho caso da Floricultura Martínez**, o detetive Santiago recebeu um convite fora de seu turno para solucionar um crime sem provas e suspeitos. A vítima, Alana Ângelo, foi brutalmente espancada, o que resultou em sua morte. Ver os detalhes do corpo é um dos melhores caminhos para solucionar um crime sem explicação e também uma das melhores formas de escrever uma boa história de investigação policial.

No décimo primeiro conto, **Lábios azuis**, atropelamentos são comuns em San Francisco. Mas atropelamento não é um crime para ser investigado. É um acidente. Isso é o que todos acreditam. Todos, menos o detetive Roger Winter, que vai investigar a fundo esse acidente muito mal contado.

No décimo segundo conto, **Um nome incomum**, um corpo foi encontrado em um dos quartos do Dallas Hotel. Antônio decide por conta própria investigar quem matou seu amigo, o Dr. Torres, mesmo que esse crime tenha um número considerável de suspeitos.

No décimo terceiro conto, *Veratrum Album*, Karina Carter, uma detetive nem um pouco levada a sério por ser mulher e jovem, está se convencendo de que é realmente como todos dizem. Mas, ao ver os casos solucionados pelas mulheres desse livro, não duvidamos de que a nossa tão nova investigadora também vai nos presentear com uma resolução ao final.

No décimo quarto conto, **O assassinato na mansão do Sr. Fortuna**, o anfitrião da festa não aparece para proferir suas palavras no discurso programado para as 23 horas. Na cozinha da mansão, o corpo é encontrado ao lado de pétalas de rosa e o detetive Gil Grissom terá muito o que investigar. O assassino pode ser qualquer um...

THAYANNY VASCONCELOS



# ***CAPÍTULO 1***

*O ASSASSINO "INCONDENÁVEL"*

ALANA DO NASCIMENTO FREITAS  
MARIA SAMYRA DA SILVA LUCENA





Na noite do dia 5 de julho de 2007, a velha obra do Hospital Memorial Guadalupe Fernandez encontrava-se rodeada de automóveis, alarde, choro, gritos e agitação. A renomada arquiteta Mia Thompson havia sido encontrada pelo seu companheiro, Miguel Hernandez, ensanguentada e morta nos confins do que seria o principal hospital do centro. Que noite de caos e agitação! Sirenes iam e vinham o tempo todo, pessoas se aglomeraram com inquietação, até que, enfim, a polícia chegou ao local. Em relatório, o que sabíamos até então era do tiro no peito esquerdo e da roupa rasgada, indicando luta corporal. Assim, foi preferível isolar a área e investigar melhor no dia seguinte.

O corpo foi levado ao IML na madrugada do dia posterior. O vasto prédio se encontrava substancialmente vazio, seria difícil encontrar quaisquer provas ali. Esperar o exame do corpo da vítima talvez fosse a melhor opção, mas, antes de qualquer ato, o Sargento Castro havia se adiantado e telefonado para uma velha amiga, Livia Dikson. Livia era uma mulher que não passava despercebida. Constantemente atraía todos os olhares, resolvia com clareza suas questões, sempre estava à frente dos outros e possuía uma inteligência invejável. Repetidas vezes esteve no “pódio” dos melhores – melhor aluna, melhores notas – sabia o que fazia e contava com uma deslumbrância singular. Ela era uma detetive reconhecida por onde passava, mesmo que fosse tão jovem. Livia e o sargento se conheceram nos treinamentos da GPO e se tornaram próximos após um acontecimento na vida de Castro, em que Livia se ofereceu para ajudá-lo, o que a fez descobrir habilidades e construir uma carreira de sucesso.

A detetive, já conhecida, foi logo encaminhada até o local onde o corpo havia sido encontrado, porém, preferiu se mover com cautela, pois, nesse momento, qualquer pista poderia ser

perdida. Encontrou o Sargento Castro e fez algumas perguntas esperadas, como: a causa da morte, a presença de câmeras no local, quem encontrou o corpo, em qual horário e algumas outras indagações policiais.

Sem atitudes precipitadas, Dikson continuou sua busca, prestando atenção nos mínimos detalhes. Em meio a alguns escombros, algo brilhava. Ora, ela achou estranho, e chegou mais perto para averiguar: era uma caneta dourada; não tinha nome, mas talvez digitais. Algo nela estava diferente. Parecia conter sangue seco. Mesmo não sabendo ao certo, preparou a caneta para leva-la à análise, o que poderia dar um grande rumo a esse caso. Continuadamente, Lívia explorou o ambiente: queria achar mais. Andou por fora, por onde seriam os jardins, e viu muitas pegadas, mas era impossível identificar, muita gente passava por ali todos os dias. Mas, como era muito cautelosa, do tipo que não deixava passar absolutamente nada, seguiu procurando, até que encontrou um pequeno botão branco e soube que não fazia tempo que havia caído ali, pois, caso contrário, já teria sido enterrado ou pisoteado naquela loucura de obra. Dikson encerrou suas buscas no dia, não havia conseguido muitas informações. A partir dali, iria buscar testemunhas e fazer os interrogatórios.

No dia 7, Lívia foi procurar Miguel Hernandez, já que foi ele o responsável por encontrar a vítima. Ela não se preocupou com disfarces, apenas o chamou na delegacia, e o interrogou:

– Qual era a sua relação com a vítima?

Miguel, calmamente e parcialmente, indagou:

– Éramos muito próximos, geralmente estávamos em obras juntos, porque eu sou chefe de construção e ela era arquiteta. Ah, e a gente saía junto quando dava, ela era muito legal, extrovertida, linda e... Não sei porque alguém faria isso com ela.

– O que faziam juntos naquela noite?

– A gente ficou além do expediente para resolver uns projetos, normal, sempre acontecia. Eu fui comprar comida, daí, quando voltei, a encontrei naquele estado, eu nunca pensei que algo desse tipo pudesse acontecer.

– Quem possivelmente faria mal a Mia Thompson?

– Com sinceridade, não consigo pensar em alguém que quisesse fazer mal a ela, como já falei, ela era extremamente dócil e conquistava a todos, não haveria motivos para tal acontecimento.

– Certo, senhor Miguel. Muito obrigada pela sua colaboração. Por hoje está dispensado, tenha um bom dia.

Após o interrogatório, Dikson foi tomar um café com o seu velho amigo. Curiosa com tudo aquilo que estava tentando decifrar, perguntou ao sargento, que também conhecia a arquiteta: ”

– E você, Castro, como pode me deduzir a relação de Miguel Hernandez com Mia Thompson?

– Eles eram muito amigos, viviam juntos nos fins de semana. Já os encontrei algumas vezes no cinema, na casa dos Dominguez... Mas ele sempre foi um cara muito bacana, legal, brincalhão, não consigo pensar que... Você sabe.

A conversa foi interrompida com a chegada de Júlio Garcia, um advogado da cidade, que os cumprimentou.

– Bom dia, Sargento Castro, fiquei sabendo do ocorrido. Como andam as investigações?

Lívia, antes de ouvir a resposta do sargento, já que não se podia falar sobre pistas concretas com mais ninguém, respondeu:

– Estamos trabalhando no caso, logo teremos respostas.

O advogado olhou a hora no seu relógio de pulso e falou:

– Não tenho dúvidas. Enfim, preciso ir, estou atrasado. Boa sorte nas investigações e tenham um bom dia.

A detetive sorriu para Júlio e se despediu de Castro:

– É melhor eu também ir andando, preciso trabalhar.

Lívia chegou em seu apartamento e começou a pensar na postura intrigante de Miguel após o assassinato de quem seria sua melhor amiga, ou talvez mais. Ele parecia frio e inconstante. Ela precisava, assim, saber mais sobre aquele homem, até partir para investigar seu álibi.

A senhorita Dikson voltou ao local do crime que, poucos dias após o assassinato, já havia voltado à construção, afinal, o hospital precisava ganhar forma e os trabalhadores eram a melhor opção de Lívia naquele momento. Ela, mais uma vez, rodeou o local, não achava nada de interessante, e começou a puxar conversa com alguns trabalhadores. Muitos deles diziam o que ela já sabia. Porém, um dos presentes, que parecia ser bem tagarela, falou um pouco mais:

– Senhorita Mia? Afirmando que já passou muito engenheiro e arquiteto por aqui, mas nenhum comparado à falecida. Ela vivia procurando uma maneira para que nos envolvêssemos de forma mais rápida no trabalho, melhorássemos alguma coisa, a eficiência em um serviço... nunca deixava faltar material e era sempre muito gentil... Ela sempre estava com o senhor Miguel, que não aparece na obra faz uns três dias, acho que ele está mais que triste. Na verdade, acho que eles eram muito mais que amigos, parecia que eles se gostavam, sabe? O jeito que eles se olhavam era diferente.

– Compreendo... Pablo, não é? Você sabia que algumas vezes eles ficavam até mais tarde na obra, resolvendo algumas papeladas?

– É, alguns de nós sabíamos, mas só porque às vezes eles diziam. Da última vez, só quem sabia era o Javier e eu, sei disso porque ele acabou comentando por acaso, mas, por favor, senhorita, não fale para ninguém.



– E como era a relação da vítima com o Javier?

– Normal. Só aconteceu discussão uma ou duas vezes, porque o Javier é um pouco problemático, não queria aceitar as coisas. Parecia não gostar dela, aí sempre explodia com a moça, mas ela nunca se estressou demais, pois não precisava.

– Entendo... E sobre o comportamento da vítima, você pode me dizer se notou alguma diferença no dia do ocorrido?

– Ela estava consideravelmente eufórica. Às vezes, olhava assustada para o celular... Posso afirmar que não era um dia normal para a senhorita Mia.

– Muito obrigada, Sr. Pablo. Passar bem.

Lívia partiu, então, para mais investigações, mas não tinha a pista que poderia desvendar o caso no momento: o celular de Mia. Mensagens ameaçadoras ou, talvez, algum tipo de chantagem eram hipóteses a serem levantadas, mas não podiam ser confirmadas sem o aparelho, que não havia sido encontrado mesmo com todas as varreduras no local, no apartamento da vítima e até mesmo na casa de Miguel. Enquanto ela esperava o laudo das pistas encontradas na cena do crime, interrogou Javier Santana. E sempre com muita calma, começou o seu trabalho:

– Javier Santana, certo? Sou a detetive Dikson e acho que o senhor já deve saber o motivo de estar aqui.

– Mas, eu, é... Nunca fiz nada, senhora, eu não...

– Acalme-se senhor, apenas farei algumas perguntas... Para começar, quero que me fale sobre sua relação com Mia Thompson.

Javier, não contendo o nervosismo, foi respondendo às perguntas:

– É que... ela era minha chefe, sabe... Mas... é que nem todo empregado se relaciona bem com o chefe...

– Vocês tiveram alguma discussão?

– Bom... Sim, senhorita.  
– Por quais motivos?  
– É que... Ela era muito mandona e não era ela que... Deveria comandar a obra.

– Como assim?  
– Meu filho é engenheiro e deveria estar na obra... Se não fosse por ela.

– Então, o senhor teria motivos pessoais para assassiná-la?  
– Não, não, senhorita. Eu nunca faria isso com ninguém.  
– E sobre o comportamento da vítima no dia do acontecimento e os demais dias, o senhor notou alguma diferença?

– Não, senhorita, ela parecia a mesma de sempre.  
– O senhor notou algum comportamento estranho dela com o celular ou algo do tipo?

– Não reparei, é que eu... sempre meio que evitei contato com ela.

– Tudo bem, senhor Javier, está dispensado por hoje.

Lívia necessitava de provas, tinha que levar alguém para o tribunal e precisava prender o culpado por essa crueldade feita com a jovem Mía, portanto, tinha que agilizar.

Dias depois, chegaram os resultados da análise das pistas. A caneta encontrada na cena do crime continha as digitais de Miguel Hernandez e o sangue era da arquiteta: já não se precisava de muita coisa. O botão encontrado não possuía digitais, mas sabia-se que era pertencente a uma marca de camisas masculinas com melhor linhagem. Ele teria cometido o homicídio e tentado se inocentar, mas foi descuidado. Lutou corporalmente com a vítima, perdeu sua estimada caneta e finalizou o ato com um tiro de espingarda calibre 32, como constatado. Além disso, Miguel teve um comportamento completamente frio e sumiu do seu local de trabalho

por alguns dias. Porém, a arma do crime não havia sido encontrada, nem sequer o assassino tinha porte de armas legalizado.

Não demorou muito para o processo ser aceito e a audiência de Miguel foi marcada. Javier também era um suspeito, porém, por falta de provas que pudessem acusá-lo, foi descartado do processo por Dikson.

Miguel não teve opções para se livrar. Chamou, então, o advogado Júlio Garcia para sua defesa no tribunal. Júlio era muito pomposo e um dos melhores, não só da cidade, como da região. Era conhecido por sua eficiência. O advogado era conhecido de Miguel, como também de Mia, e havia uma relação de trabalho entre eles relacionada a licitações e questões da obra.

Ao começar a audiência, houve a apresentação de provas e de testemunhas, inclusive Javier, que confirmou que os dois estiveram na obra no dia em questão e foi-se o momento da defesa. Júlio não foi nada extraordinário em seu discurso: parcialmente calmo, tentando apenas conversar com o juiz, não conseguiu reverter o processo e ganhar a causa. Portanto, Miguel Hernandez foi preso pelo assassinato de Mia Thompson.

Dikson, como bem intuitiva que era, não quis parar por aí, estranhou o comportamento do tão valoroso advogado e, sem a ajuda da polícia, passou a observar um pouco seus passos. A detetive, contudo, descobriu que Garcia trabalhava no mesmo prédio de escritórios de Thompson e, em disfarce, fez alguns questionamentos aos funcionários do conjunto, que diziam que a relação dos dois era simples, cumprimentos, questões de trabalhos e outras normalidades.

Lívia voltou à construção e analisou tudo novamente. Iria conversar com Miguel, quando percebeu um movimento no hospital e foi de imediato ao local. Em meio às escavações para encanamen-

to, havia sido encontrada uma espingarda calibre 32 e um celular, que possivelmente seria o aparelho da vítima. A detetive chamou imediatamente os profissionais para analisar as novas provas do crime e, logo depois, foi falar com Miguel Hernandez na cadeia.

A detetive questionou-o sobre as provas que o tinham levado à prisão. Miguel confirmou que alguns dias antes do acontecido deu carona a um conhecido e notou que sua caneta, que sempre ficava dentro do carro, havia sumido, porém simplesmente achou que a tivesse perdido. Sobre o botão, disse que nunca havia usado roupas de tal marca. A arma, após análise, continha as digitais de Júlio Garcia, o advogado.

Quando foi chamado para ser interrogado por Dikson, tudo fez sentido: Júlio desconfiava que Miguel e Mia estivessem se relacionando. O advogado, há muito tempo, transtornava a vida de Mia, pois ela nunca quis nada com ele, chegando a persegui-la. O criminoso roubou a caneta de Miguel e a implantou no local do crime. Garcia sabia que a vítima estava na obra naquele dia e esperou a oportunidade certa para atacá-la. Ela tentou lutar, mas não conseguiu; o máximo que fez foi arrancar um dos botões da camisa e fazer alguns arranhões em Júlio, que tirou a vida da arquiteta e incriminou Miguel unicamente por ciúmes.

Dikson desconfiou de Garcia no julgamento de Miguel, porque foi estranho um tão renomado advogado defender alguém daquela maneira, praticamente entregando Miguel à prisão. Ao achar o celular da vítima junto à arma, Lívia encontrou mensagens ameaçadoras e psicopatas de Júlio para Mia: estava ali a constatação. Por muito pouco, Miguel Hernandez foi inocentado, e Júlio, pressionado, confessou o crime e foi preso pelo assassinato da arquiteta Mia Thompson com uma espingarda calibre 32 na construção do Hospital Memorial Guadalupe Fernandez.

# ***CAPÍTULO 2***

*INVEJA E VINGANÇA*

CLARA YASMIN OLIVEIRA SILVA  
EMILY RAYANE FERNANDES COSTA





Discovery Palace é um dos hotéis mais renomados entre os diversos de Dubai. Chegando a ser o favorito das grandes celebridades, o hotel é conhecido pela sua belíssima estrutura, conforto e principalmente pelo seu excepcional atendimento. Desde 1996, ano da sua inauguração, o grande palácio, como é conhecido, não perde o seu diferencial culinário, o que mais chama a atenção dos que por ali passam. Edgar, o chefe de cozinha do hotel, era um dos principais responsáveis por tornar os hóspedes tão apaixonados por aquele lugar. Sua comida era simplesmente encantadora, mas foram longos anos de trabalho e o mesmo faleceu devido a problemas de saúde. Edgar fazia parte da família dos funcionários dali, era ele o mais velho entre todos, o que estava sempre por dentro de tudo e o braço direito de seu patrão.

Marcos, o empresário, além de ter perdido um grande amigo, perdeu também o melhor cozinheiro de Dubai. A preocupação e o estresse tomavam conta da sua cabeça, os dias passavam e Marcos não encontrava ninguém como o cozinheiro. Ele precisava de alguém que não fosse um simples chefe, mas de uma pessoa que fizesse tudo, assim como Edgar: alguém em quem pudesse confiar, contar sobre os segredos do hotel, dos seus negócios e, sem dúvidas, manter a singularidade da culinária do palácio.

Marcos já não tinha mais tempo. Em poucos dias, iria ocorrer a grande festa do Discovery, com presença confirmada de vários famosos e da célebre Júlia Scarlet, empresária com quem nosso administrador iria fechar negócio. Pouco a pouco, o tempo estava esgotando-se e Marcos não havia encontrado ninguém.

Em busca de informações pela cidade, o proprietário recebeu a indicação de João, um confiável amigo. Informou que na casa 33 residia Antônio, o cozinheiro responsável por produzir todas as comilanças de festa que ocorriam na região. Sem cogitação, Marcos o



procurou e lhe propôs a responsabilidade de ser o cozinheiro chefe do hotel e cuidar de todos os preparativos da festa que iria acontecer. Antônio aceitou a proposta e logo foi para o hotel, conheceu os demais funcionários e a equipe da cozinha composta por Ofélia e Karina. Iniciou-se, assim, a preparação para o evento. Por indicações, Antônio conseguiu um dos melhores cargos do palácio, justamente por ser a cozinha que chama tanto a atenção dos visitantes, ou melhor, o que mais chamava. Era uma responsabilidade e tanta.

Sempre muito bem acompanhada e protegida, Júlia tinha toda uma equipe de segurança e empregados de confiança para cuidarem de seus negócios, assim como com Marcos e Edgar. A necessidade e a pressa fizeram com que Marcos não tivesse muitas opções, se bem que ele não teve dúvidas de que Antônio era realmente um cozinheiro de mão cheia, mas, em relação ao lado pessoal de seu empregado, não ouviu falar muito. Na tarde seguinte, o novo empregado conversa com seu patrão acerca do evento:

– Sei que não tivemos muito tempo para conversar, o tempo está passando e temos que organizar tudo depressa, mas conte-me mais sobre o evento. É tradição de todos os anos?

– Logo, logo sentaremos com calma para termos uma conversa. Agora, temos que correr contra o tempo. Mas não, o evento não é uma tradição de todos os anos.

– E o que estão comemorando, senhor?

– Neste evento, a nossa empresa irá fechar negócio com Júlia Scarlet, uma empresária renomada, uma das melhores que já vi!

– Júlia Scarlet?

– Sim, conhece?

– Não, senhor. Nunca ouvi falar!

– Logo você irá conhecê-la, mas já adianto que quero que a recebam da melhor maneira possível.

- Sim, senhor. Não se preocupe!
- Mais tarde conversamos. Até logo.
- Até!
- Ah! Antônio, volte aqui.
- Pois não?

– Esqueci de lhe dar um aviso. A meu pedido, Edgar criou um prato delicioso para que fosse servido para Júlia e quero que você pegue a receita que está no primeiro balcão da cozinha. Treine para que saia tudo perfeito no dia!

- Sim, senhor. Eu cuidarei de tudo.

Ao término da conversa, Antônio começou a preparar o prato especial. Karina, ajudante do cozinheiro, percebeu toda aquela empolgação na preparação e lhe questionou:

– Este prato não está no cardápio do hotel. Por que está sendo preparado?

– Olá, Karina, não te vi chegar. O senhor Marcos pediu para preparar esse prato, ele é especialmente para a célebre Júlia Scarlet.

– Não sei por que dão tanta importância para aquela mulher. Ela é uma patricinha mimada.

– Mesmo? E você a conhece?

– Não. Mas conheço esse tipo de gente só pelo rosto.

Depois de algumas tentativas, o prato especial estava pronto e o senhor Marcos aprovou o resultado:

– Parabéns, Antônio, esse prato está divino! Mal posso esperar para Júlia degustar.

– Obrigada, senhor Marcos. Tem sido um prazer fazer parte da sua equipe e participar desse evento. Espero que a senhora Júlia também goste.

Karina então pergunta:

– Senhor Marcos, em qual momento será servido o prato?



– Logo após a assinatura dos contratos.

O tempo passou e chegou o grande dia. O hotel estava sendo citado em todos os jornais e sites, os funcionários estavam correndo contra o tempo para tudo estar perfeito para a cerimônia, várias pessoas entravam e saíam naquele dia. A noite chegou, os convidados começaram a comparecer, os holofotes estavam todos voltados para o hotel. Pouco tempo depois da cerimônia começar, uma movimentação se inicia em frente ao Discovery Palace: era a magnífica Júlia Scarlet. Recepcionada da melhor maneira possível, a senhora Scarlet entra no grande palácio. Admirada com tamanha estrutura, logo diz que deseja conhecer de perto cada cantinho dali. Sendo assim, o próprio Marcos fez questão de apresentá-lo a ela. Durante o tour, Júlia sente o cheiro que vem da cozinha, era o chefe preparando os detalhes finais do banquete que iria ser servido. Admirada, disse:

– Sempre ouvi falar muito bem da culinária do palácio, assim como de Edgar, pois não há como citá-la sem lembrar dele. Mas, vamos lá, apresente-me a ele, sempre tive vontade de conhecê-lo e esse é o momento, além de que já estou com água na boca.

Marcos, então, responde:

– Infelizmente, nosso Edgar não está mais entre nós. Faleceu ainda essa semana por motivos de saúde. Mas o novo chefe de cozinha é excelente assim como ele. Faça questão de apresentá-lo. Tenho certeza que irão se dar bem e que você irá adorar o nosso cardápio, feito especialmente para a sua chegada.

Sendo assim, vão todos até a cozinha. Chegando lá, Marcos apresenta Júlia para Karina e Antônio. Júlia admira-se, porém não fala uma palavra sequer e simplesmente sai do local. Tal comportamento soa muito estranho para o nosso administrador. Portanto, ele decide ir até empresária e pergunta:

– O que houve?

Júlia responde:

– Não se preocupe, Marcos. Não estava muito bem e decidi vir aqui fora respirar um pouco. Mas, fique tranquilo, garanto-lhe que está tudo bem comigo.

Marcos, então, retira-se dali.

A verdade é que na cabeça de Scarlet passou um filme quando entrou naquela porta. Algo estranho acontecia, mas nem a própria sabia identificar o que estava havendo. Até mesmo os olhares dos que ali estavam lhe apavoravam. Logo a festa iria dar início, então, Júlia chama um de seus seguranças para conversar. Leonardo era seu fiel escudeiro, em quem ela confiava de olhos fechados. Leo acompanhava-a desde muito nova, sempre foi o segurança da família, desde quando Tenório Scarlet, pai de Júlia, abriu sua primeira loja. A família Scarlet sempre foi muito perseguida por suas grandes riquezas.

Em vários casos, Leo trabalhava como detetive, trabalho esse que ninguém sabia que ele fazia, somente Tenório. No entanto, tudo começou a ser responsabilidade de Júlia, pois seu pai já estava debilitado e não podia cuidar dos seus negócios. Ela, então, conversou com Leonardo:

– Leo, lembro-me que, quando mais nova, ouvi em uma conversa na mesa de jantar papai tratando sobre alguns de seus negócios. Ouvi muito bem quando disse que havia algo que estava lhe incomodando e que teria que dar um fim de uma vez por todas para que pudesse tirar isso de sua cabeça. Com o passar dos dias, a casa estava contente. Aparentemente, tudo havia se resolvido. Mas não sei ao certo o que aconteceu. Pela vizinhança, ouvi dizer que o restaurante dos Downtowns Dubai estava colocando nossas lojas para baixo, estávamos quase ficando sem nossa clientela. Enfim, eu



não me lembro bem e meu pai nunca me falou nada a respeito, mas acho que o chefe de cozinha do palácio é o filho de Johnny, dono do Downtowns Dubai. Não me senti nada bem quando vi aquele cara.

– Não foi bem assim. Johnny trabalhava em uma de nossas lojas, mas, quando foi mandado embora, decidiu abrir um restaurante e depois disso começou a rivalidade com seu pai. Ele realmente estava crescendo. Preocupado e furioso, Tenório tomou uma atitude sem pensar muito. Em uma sexta-feira à noite, seu pai contratou alguns caras para acabarem de vez com o Downtown Dubai, ateando fogo até que não sobrasse mais nada.

Ela impressionara-se com tudo que Leo havia lhe falado, mas sabia que tudo havia acontecido de fato. Ela não desconfiaria dele, sempre esteve entre a família, sendo o braço direito de todos ali.

Ao término da conversa com seu segurança, Júlia foi convidada pelo senhor Marcos para dançarem e, logo depois, haveria o discurso para a assinatura do contrato. E assim fizeram. Todos foram para o salão principal, a música parou e iniciou-se o momento mais importante da noite. Após seu discurso e os agradecimentos do senhor Marcos, Karina trouxe para o salão o prato que tinha sido preparado especialmente para a empresária degustar.

– Espero que goste – disse Marcos.

Júlia experimentou e o parabenizou.

– Parabéns, Marcos. Seu hotel sempre agradando a todos.

Passaram-se alguns minutos, Júlia sentiu-se mal e foi para o banheiro. Suas pernas estavam trêmulas, o suor era frio, ela quase não respirava e não conseguia gritar por socorro. Ela caiu e bateu com a cabeça no móvel do banheiro, ocasionando uma grande poça de sangue.

No salão, a festa continuava, Marcos sentiu a ausência de Júlia e começou a procurá-la. Ele procurou Júlia por todo o hotel,

mas não achou em lugar algum, até que ele lembrou que não havia procurado nos banheiros. Leo foi depressa até os banheiros e chegando lá encontrou Júlia caída no chão. Apavorado, chamou a equipe médica. Dez minutos depois eles chegaram: Júlia já estava sem vida. Leonardo ficou desesperado e pediu para que os médicos verificassem novamente, pois ele achava que havia sido somente um desmaio. Mas não havia mais o que fazer, Júlia realmente estava morta.

– O que aconteceu com ela, doutor? – perguntou Leo.

– Não sabemos a causa ainda. Ela estava doente? Sentia algo? Ou tomou algum medicamento?

– Não estava doente, mas um pouco mais cedo havia me dito que não estava sentindo-se bem.

– Vamos levá-la ao hospital, logo lhe diremos a causa.

Leo esperou durante trinta minutos. Os médicos saíram da sala e disseram que Júlia havia sido envenenada. Leonardo voltou rapidamente para o hotel e deu a triste notícia a Marcos, mas não conseguia se conformar com a perda de sua grande amiga.

– Sei que agora devo ativar o meu modo detetive, coisa que somente eu e Júlia sabíamos. Não posso deixar que acabe por isso mesmo. Ninguém sabe de onde veio esse veneno, como aconteceu e quem causou tal crime. Ainda esta noite, começo a minha busca, sei que mais cedo ou mais tarde descobrirei quem cometeu esse absurdo. Estive com ela do início ao fim da festa, só preciso me recordar claramente de cada momento, por onde andamos, o que fizemos, e principalmente o que comemos no evento, ou melhor, o que somente ela comeu, pois somente ela foi envenenada.

Leonardo então decide conversar com Marcos sobre o prato “especial” feito para Júlia.



– Senhor Marcos, estive pensando bem e lembrei-me que durante o evento Karina serviu um prato especialmente feito para Júlia. Quem preparou a comida?

– O prato servido para ela foi uma ideia minha e de Edgar, ele mesmo que criou especialmente para Júlia.

– Não, senhor. Entenda-me. Não pergunto sobre a receita em si, mas o que interessa agora é saber quem o preparou. Karina, Ofélia ou Antônio?

– Leo, não sei bem qual foi, mas inicialmente passei a receita para Antônio (o novo chefe de cozinha). Karina e Ofélia já sabiam desde quando Edgar ainda estava aqui conosco.

– Obrigado, Marcos!

Logo em seguida, Leonardo sai em busca de mais pistas e Marcos fica com uma dúvida em mente. Ele lembra que no início, quando contratou Antônio, lhe deixou responsável por fazer o especial prato de Júlia, mas sabe também que, devido à correria, o chefe de cozinha não conseguiu fazer todos os pratos destinados a ele sozinho e pediu a ajuda de Karina e Ofélia, já que elas tinham terminado os seus trabalhos. Já era tarde, Marcos não tinha mais como avisar ao detetive sobre suas lembranças, pois ele já tinha ido embora de sua casa.

Leonardo então volta ao hotel sozinho, revira tudo à procura de algo que lhe ajude na descoberta, mas não encontra nada, sendo assim, para e pensa: Antônio é novo por aqui, Marcos não sabe muito sobre ele, mas eu sei. Sei que ele seria capaz de tudo para vingar o incêndio do restaurante do seu pai. Preciso conversar com Karina e Ofélia, com certeza elas me ajudarão com informações sobre aquele dia e conseguirei todas as pistas para prender o verdadeiro assassino.

Chegando pela manhã no hotel, Marcos inicia a conversa com as meninas:



– Bom dia, meninas! Desculpa estar aqui tão cedo, mas preciso de informações sobre tudo o que aconteceu no dia da morte de Júlia.

– Bom dia, Leo! – disse Ofélia.

Pode contar com minhas informações sempre o que precisar. Eu admirava muito a senhora Júlia, não entendo como alguém foi capaz de tanta crueldade.

– Ofélia, você viu algo de suspeito naquele dia? Alguém estranho entrando no hotel?

– Bom, não vi nada suspeito, até porque nunca imaginaria que isso pudesse acontecer. Tinha muitas pessoas desconhecidas entrando e saindo, afinal, era uma cerimônia. Desculpe não poder ajudar muito.

– Está tudo bem. Preciso que me fale se você estava no momento de preparação do prato?

– Não. Apenas Karina e Antônio prepararam o prato.

– Ok. Obrigada pelas informações. Mande Karina entrar, preciso conversar com ela.

– Olá, Karina. Tudo bem?

– Oi, tudo bem, sim. Será que pode ser rápido com isso? Tenho muito o que fazer. Não sei o que estou fazendo aqui, aquela patricinha já morreu mesmo, não sei por que investigam.

– Patricinha? Você conhecia a Júlia? Por que tanta raiva na hora de falar dela?

– Júlia e eu já nos conhecíamos. Éramos amigas, até ela virar famosa e ter tudo o que queria. Eu tentei fazer com que ela conseguisse um pouco de fama para mim e ela me esnobou. Nunca me ajudou. Ai, que raiva daquela garota!

– No dia do assassinato, onde você estava no momento que antecedeu a cerimônia?



– Eu estava fazendo alguns ajustes no prato principal.  
– Ajustes? Que tipo de ajustes?  
– O Antônio pediu para acrescentar alguns condimentos ao prato e assim eu fiz. Adicionei todos os condimentos. Ofélia e eu experimentamos e depois saímos da cozinha.

– O Antônio pediu... Karina, obrigada pelas suas informações.

– Preciso ir. Tchau.

Depois dessas informações adquiridas, Leonardo volta para casa e tenta organizar todas as informações. Mas ainda faltava conversar com Antônio, por isso, na manhã do dia seguinte, Leo foi até a casa dele e deparou-se com várias malas prontas no chão. Sem entender o que estava acontecendo, Leo voltou-se para Antônio e perguntou:

– Por que tantas malas prontas no chão? Qual o motivo dessa viagem tão repentina?

– Meu tio que mora em outra cidade teve um agravamento na sua saúde, por isso necessito viajar rápido.

– Desculpe, não vou ocupar muito o seu tempo, mas preciso de algumas informações sobre o dia do assassinato da Júlia.

– Se eu puder ajudar em algo, pode contar comigo.

– Karina me falou que você lhe pediu para colocar alguns condimentos no prato de Júlia minutos antes do momento da cerimônia. Que tipo de temperos novos eram esses?

– Não eram novos temperos, apenas temperos que já haviam sido adicionados ao prato, porém quando se passou muito tempo do preparo para a exata hora de ser servido, o sabor vai alterando e por isso pedi para que Karina adicionasse um pouco mais.

– Entendi.

– Karina foi a última pessoa a mexer no prato, antes da Júlia?



- Sim.
- Muito obrigada pelas suas palavras. Agora preciso ir.
- Tchau, Leo. Espero ter ajudado.

Depois de todas essas pistas, Leo estava com a certeza de que o verdadeiro assassino do crime de Júlia tinha sido Karina, até lembrar que: se Karina adicionou os condimentos, e ela e Ofélia experimentaram o prato antes de sair, por que, então, elas não morreram envenenadas?

- Preciso de mais informações – disse Leo.

Ao sair em busca de novas pistas, Leo encontra-se na rua com Carlos, o segurança que naquele dia estava trabalhando no hotel.

– Boa tarde, Carlos. Sou o detetive Leo e amigo da célebre Júlia, que foi morta no dia da festa do hotel.

– Olá, senhor Leo. Meus sentimentos. Nunca imaginei que algo tão horrendo pudesse acontecer naquela noite.

– Carlos, gostaria de saber se você viu algo de suspeito naquele dia, momentos antes de ocorrer o envenenamento?

– Não me recordo de nada, eu estava apenas na portaria. Desculpe não poder ajudar.

Leo seguiu à procura das pistas. Na metade do caminho, escutou gritos chamando pelo seu nome:

- Leo! Leo! Espere, Leo!
- Marcos, o que aconteceu? Por quê todo esse desespero?
- Eu lembrei... Eu lembrei.
- Do que você lembrou?

– Eu fui pegar um copo de água na cozinha quando encontrei Karina e Ofélia saindo juntas de lá. Quando entrei, encontrei Antônio com um saquinho adicionando algo na comida. Ele ficou muito nervoso quando me viu entrando...

- É isso, já sei quem foi o verdadeiro assassino de Júlia!

– Obrigado. Muito obrigado. O assassinato da minha amiga não vai ficar impune.

Com todas as provas em mãos, Leo vai até a polícia e prova que o assassino do envenenamento de Júlia foi Antônio. Ele fez tudo aquilo para vingar o incêndio no restaurante de seu pai, provocado pelo pai de Júlia.

Todo o corpo policial seguiu para a casa de Antônio, mas, ao chegar lá, ele havia fugido. Leo descobriu com alguns vizinhos que ele estava prestes a sair do país. Todos vão para o aeroporto e impedem o voo. Antônio é preso e confessa o crime.

# ***CAPÍTULO 3***

*O CASO DO DESTRUIDOR DE CORAÇÕES*

PEDRO VITOR MARCELINO DO NASCIMENTO





Era só mais um dia qualquer em Riverdale e lá estava eu em mais um dia de trabalho. Os meus dias de detetive estavam chegando ao fim, a cidade começava a acreditar agora em outros heróis para solucionar os seus diversos crimes. Só que, no meio do meu gole seco de Daniels, a porta do meu solitário escritório começa a ficar inquieta, o som das batidas me transmite agonia e desespero. Eu rapidamente largo meu copo, encosto meu companheiro no cinzeiro e corro para abri-la. Nesse momento, não consigo imaginar nada menos do que uma pessoa fugindo de algo. E eu estou certo. A cidade nunca foi tão grande e, apesar de estar vivendo seus dias de intenso desenvolvimento estrutural e econômico, eu ainda conseguia conhecer a parte de alta classe de Riverdale.

E lá estava eu, de frente com Anastácia Bessa, ela que já tinha sido o amor da minha vida um dia, o motivo de eu estar em total solidão. Os seus olhos magníficos e brilhantes talvez tenham me deixado ainda mais ansioso do que ela demonstrava estar.

– Quanto tempo, Sr. Eryc Lotte. – Disse ela. – É aqui que tens passado seus dias de fim de carreira?

– Acho que a notícia do meu fim já deve ter se espalhado por toda a cidade. Com essa força que chamam de “delegada”, meus dias realmente estão contados.

– Então sinto que posso salvar seus dias. Tenho um caso para você.

Era o mínimo que ela podia fazer por mim naquele momento, já que depois de ter sido trocado por ela pelo Sargento Ramos, eu jamais fui o mesmo. Ana era uma simples garçonete por quem eu me apaixonei no último verão. Era dona de um jeito domador, um jeito de me deixar louco, me largando com uma facilidade jamais explicada e até desconhecida, já que nunca me demonstrou

seu lado frio. Naquele momento, eu não tinha certeza se realmente estava preparado para ajudar a pessoa que soltou minha mão e me deixou cair em um precipício, porém eu precisava confiar novamente nela e ouvir tudo o que ela tinha a me dizer. Só assim eu teria certeza se eu realmente entraria de cabeça nesse caso.

– Acho que já pode parar com essa cara de idiota e me ouvir – com essas simples palavras ela demonstrou que ainda me conhecia bem. – Só você consegue me ajudar nesse caso: nas próximas duas horas os jornais locais, programas de rádio, sites e toda a rede de comunicação da cidade não falarão de outra coisa a não ser do assassinato do meu único amor, o meu irmão Robert John – eu jamais havia ouvido falar do irmão dela, já que Anastácia nunca falava de sua vida pessoal quando estávamos em nossos momentos íntimos, então eu a questioneei:

– E o que houve com seu irmão, ao ponto da senhorita vir procurar um detetive em seus últimos dias de carreira, e não a polícia local?

Aos prantos e tentando ao máximo se controlar para não deixar sua dor e tristeza atrapalhar suas falas, a senhorita Bessa contou tudo que estava acontecendo:

– Eu não sei, mas você é a única pessoa de minha confiança que faria essa investigação em sigilo. Você não pode negar que este caso pode te levar novamente ao topo.

E ela estava certa, eu não tinha como negar este caso. Além de alimentar meus instintos, era a única possibilidade da minha carreira prosperar novamente.

– Tenho que reconhecer que essa proposta é irrecusável. Eu preciso que você me conte tudo que você sabe, já que você é minha primeira testemunha.

– No caminho eu explico.



Entramos no meu carro, meu velho Del Rey, o mesmo de anos atrás, foi inevitável imaginar tudo o que passamos juntos. No meio do meu *dèjà vu*, ela me interrompeu para me situar sobre os últimos meses.

– Ah, eu não sei se você sabe, mas agora eu sou dançarina de um bordel.

– Você?! – eu, surpreso, a interrompi.

– Sim, meu marido não me faz satisfeita, ele quer que eu seja apenas usada para o prazer dele, assim, a única forma que eu encontrei de me divertir, de ser quem eu sempre quis, foi conseguindo esse emprego. Claro que eu só consegui porque lá pertence a meu irmão.

– Então quer dizer que Robert é o dono do novo bordel mais comentado da cidade, o “La Dientro”?

– Sim, ele se mudou há pouco tempo para a cidade. Acho que é por isso que você nunca ouviu falar dele. Inclusive, você está precisando se situar bem da situação da cidade, já que você se diz detetive.

– Eu sei, meus últimos meses não foram os melhores e isso afetou bem o meu desempenho em alguns casos. Foi o que resultou em todo esse estrago na minha carreira.

Uma coisa que a Anastácia sempre me disse é que odiava sua família e isso me deixou receoso em relação a essa história. Comprovei isso quando chegamos ao local do crime. O local não seria o mais cogitado para assassinar alguém, a não ser que o assassino estivesse querendo facilitar a vida das pessoas que iriam sepultar o Sr. John. Lá estava eu de volta aos meus dias de detetive, em um cemitério em busca de pistas ao lado da pessoa que sempre gostei: daria uma ótima série na Netflix.

– Acho que toda informação pode te ajudar. Eu ouvi comentários de algumas pessoas da rua falando sobre tê-lo visto várias vezes por essas bandas e sobre atitudes suspeitas, como chegar



em casa pela madrugada e carregando um cheiro bem estranho, como esse aqui, que inclusive não estou aguentando.

– Isso é bem relevante. É o local mais afastado da cidade. Se seu irmão estava metido em algo, aqui seria o local mais cotado para se encontrar com alguém. Você tem ideia de quem poderia ser essa pessoa?

– Não, meu irmão sempre foi muito reservado comigo.

Em busca de alguma evidência, chegamos ao local onde se encontrava o corpo. O Sr. John estava esparramado por cima da cova da Sra. Dany (mãe do Sargento da cidade). Ao ver toda a cena, Anastácia ficou assustada e logo se apressou para ir embora.

– Aqui está ficando frio e tarde, já passa da meia-noite, preciso ir. Vou pegar um táxi, quer dizer, acho que meu marido deve estar sentindo minha falta. Qualquer coisa me telefone.

E, em meio a mil desculpas, ela se foi, me deixando mais uma vez hesitante.

No meio das minhas buscas, encontrei uma terra fofa, próxima ao fim do cemitério. Minha experiência, acompanhada da minha intuição, me indicava algo suspeito e logo encontrei o que eu achava ser a minha primeira pista. Lá estava, enrolada em um vestido vermelho, a provável arma do crime: uma espingarda não muito velha, porém com muita história, eu diria. O vestido parecia familiar. Eu costumava passar pelas festas da cidade e minha memória não me abandonou ao lembrar da Sra. Verônica, médica, com aquele belo vestido longo em noites inesquecíveis. Uma pegada, de bota, também foi percebida no local, mas parecia irrelevante. Desconsidere-a.

Eu não podia ter contato com o corpo. As minhas digitais já me trouxeram bastantes problemas nos meus 48 casos solucionados, nesse não poderia ocorrer da mesma forma.

Foi exatamente ali que cheguei no meu limite. Logo ouvi as sirenes e rapidamente me retirei, já que, devido ao meu histórico nos últimos meses, a polícia poderia cancelar seus dias de parceria comigo. Eryc não trabalhava mais ao lado da polícia e me ver ali seria algo maravilhoso para usarem contra mim.

Na manhã seguinte, voltei às minhas buscas. Desde a madrugada que eu não havia parado um só segundo de tentar encontrar cada pessoa que estava envolvida com o Sr. John. Em meio a isso, pensei numa possível testemunha, um amigo muito próximo da vítima. Segundo minhas pesquisas, eles andavam meio afastados, porém jamais soube o motivo. Ao saber que o grande chef de cozinha Everton Moura estava prestes a inaugurar seu novo restaurante, eu fui encontrá-lo. Também estava pronto para inaugurar meu quadro de testemunhas.

Chegando ao estabelecimento e já tendo o chefe sido notificado que eu estaria lá para iniciar minhas buscas, senti a nitidez do seu olhar odioso sobre mim.

– Olá, bom dia – educadamente, falei.

– Vamos rápido, não tenho muito tempo. Minha noite foi longa, já que a cidade não dormiu com a notícia da morte desse... Sei lá como devo chamá-lo.

– Vocês não eram muito amigos?

– Éramos! A gente tinha um laço forte e eu sempre fui apaixonado por ele, mas ele rejeitava os meus sentimentos, sempre preferiu aquela mocinha sem valor.

– Eles não são irmãos? – chocado com tudo aquilo, rapidamente dei um desfecho ao que imaginava.

– Jamais. Aquilo sempre foi disfarce para esconder tudo do marido dela. Eles tinham um caso há muito tempo e a vinda dele

como dono de um bordel caiu como uma luva para que ela fugisse à noite pelas madrugadas e o encontrasse em sua casa.

– Então quer dizer que além de “patrão” dela, ele também foi seu amante?

– Dela e de outros e outras mais. A imprestável só tem uma coisa em comum com ele, que é a safadeza. Robert nunca foi um homem de uma pessoa só, ele já foi de todas e todos, teve casos com o marido da Verônica, que é médica na cidade, com a ex-esposa do delegado, com a mulher do seu vizinho, com o marido da dona da floricultura... Ele sempre foi assim.

– Então quer dizer que ele sempre foi um destruidor de casamentos?

– E dos melhores! Na verdade, o Robert sempre foi um destruidor de corações.

Com essas revelações que eu jamais havia visto em anos trabalhando no ramo, milhares de cenários me levaram a milhares de pontos, a milhares de suspeitas com inúmeros motivos para matar o tal “destruidor de corações”. O caso do marido da médica com a vítima me levou a voltar a atenção ao vestido. No estabelecimento do Sr. Everton, notei a ausência da sua faca preferida, que sempre permanecia exposta em todos os seus restaurantes, havia apenas o local dela, me deixando cego e perdido, me fazendo imaginar que eu precisava apenas de um simples telefonema e de uma simples visita à casa do Sr. John.

Liguei para Ana e ela rapidamente me atendeu.

– E aí, alguma novidade? – mencionou ela.

– Claro, mas primeiro você me conta os detalhes de como é ter um caso com seu irmão.

Claro que naquele momento meu ciúme falou mais alto, porém a forma firme me arrancou mais uma revelação.

– Não acredito que mais alguém descobriu! – falou ela, desesperada. – Eu e John nunca fomos irmãos. Acho que meu marido e mais da metade da cidade descobriram recentemente. Fomos vistos saindo do cemitério, era onde costumávamos nos encontrar, mas no início dessa semana, quando saíamos de lá, meu marido nos viu. Desde esse dia que não o vejo. Há dias que as roupas dele sumiram de casa e, segundo o delegado, ele não apareceu no batalhão para trabalhar.

– Então quer dizer que seu marido sabe de tudo? – o caso só piorava e eu me empolgava cada vez mais, me ver no meio daquela novela das nove me envolvia gradativamente.

– Não tenho total certeza, mas a última vez que o vi foi ontem, no restaurante do Everton, estavam juntos. Isso foi logo após eu ver tudo aquilo. Eu me assustei, imaginei tudo o que poderia acontecer e resolvi fugir, mas, quando estava indo para casa me aprontar, vi essa cena. Eu fiquei sem chão – naquele momento eu só precisava confirmar todo o meu pensamento: o culpado eu achava que já tinha descoberto, porém faltava-me o motivo.

Logo, corri à casa da minha próxima testemunha, a Sra. Verônica, uma grande amiga de infância, com quem tive um relacionamento bem duradouro. Ela estava em seu escritório particular. Fazia anos que não visitava aquela clínica, a última vez que lembro foi na minha derradeira gripe. O dia estava bem difícil para todos na cidade, a foto da linda família da médica estava quebrada, como se tivesse sido usada para brincar de dardo, só que com algo bem mais pesado do que um simples dardo.

– Nada melhor que brincar de dardo com a foto da família, não é?

– Desculpa a bagunça, os meus dias estão complicados.

– Eu só preciso de algumas respostas da senhora.

– Tudo bem.

– De início, eu só queria saber se você sempre teve conhecimento do relacionamento da vítima com seu marido?

– Sim, ele nunca me negou nada. O mais importante ele me deu, meus filhos, então eu nunca liguei para isso, na mesma moeda eu pagava.

– Como assim? A senhora também tinha alguém?

– É claro, cá entre nós, pelos anos de amizade que nós temos, você sabe que eu sempre tive uma queda por policiais – a Verônica me revelava naquele momento tudo que eu queria saber e significava muito para o caso.

– Então, você sabe por onde o Sargento Ramos se encontra?

– Infelizmente, não, Eryc. Eu estou de férias esses dias, mas continuo resolvendo muita coisa, por isso acabei não me encontrando com ele.

Dali em diante, eu já tinha mais uma pessoa na minha lista de pulgas que moram atrás da minha orelha.

Ainda me faltava mais uma testemunha, o meu amigo cozeiro, Sr. Joaquim. Ele era o único que poderia ter visto tudo e eu precisava ver a versão de alguém não envolvida em todo esse drama. Ele se assustou com a minha chegada, já nos conhecíamos de meus casos antigos.

– É bom revê-lo, Sr. Eryc Lotte, fico feliz em vê-lo de volta aos seus dias de glória.

– Eu também estou muito feliz em revê-lo – sem papo furado, ele foi à parte que o interessava.

– Trouxe o que te pedi?

– Claro! – e lá estava eu com mais um gibi do Capitão América, aquele já era o 49º da sua coleção. Era através dos gibis que eu lhe dava que sempre soube o total de crimes solucionados em minha carreira.

– Então, agora me conte, costumava ver o dono do “*La Dientro*” por aqui?

Sem pensar, logo ele complementou:

– Claro que sim, ele sempre me bancou vários gibis da minha segunda coleção. Aquele galego sempre será inesquecível. Se hoje tenho minha coleção completa do Quarteto Fantástico, é graças a ele e ao amigo dele que sempre estavam por aqui.

– Amigo? – curioso, perguntei-lhe.

– Sim, ele costumava se encontrar com o chefinho por aqui. Foram muitas noites de festas covas adentro. – sorridente, ele complementou – Sua vítima fez do meu local de trabalho um bom motel, até melhor do que os da cidade, todos os dias eram pessoas diferentes, inclusive sua amada.

– Ela não é minha amada, porém já estou informado dessa relação que eles tinham.

– Pois é, a relação entre ele e a família dela sempre foi intensa, tanto que o último que mais o visitou aqui e me fez ter a coleção de gibis do homem de ferro foi o marido dela.

Aquela história só me deixava mais ainda confuso de todos os fatos, me deixava cada vez mais sem rumo, porém com a bola na frente do gol e eu não conseguia decidir com que perna eu iria bater o pênalti.

– Então, quer dizer que o Sr. Ramos também tinha um caso com o Robert?

– Sim, e dos grandes. Ele foi o pivô do fim do caso do Robert com todos os demais, tanto que houve uma confusão enorme próximo à lápide da mãe do sargento, coitada da dona Dany, não pôde nem ter o descanso eterno.

– E quando foi essa discussão?

– Acho que foi no dia do assassinato. Naquele dia eu saí mais



cedo, no mesmo horário em que vi o Sr. Everton sair furioso e em velocidade alta no seu Golf.

– Então, quer dizer que estavam os 3? O sargento, o dono do bordel e o chef?

– Sim! Parecia uma confusão grande, porém todo o capital da cidade estava reunido aqui. A polêmica iria ser grande, por isso eu fugi o quanto antes.

– Acho que já tenho tudo! Só preciso de mais uma testemunha. Obrigado, amigo, é sempre bom contar com você.

– Estamos às ordens, inclusive estou precisando de novos gibis. Sorridentemente, saí dali, feliz por ter meu caso quase fechado. No entanto, eu precisava de uma última visita ao local do crime. E de um telefonema.

A tarde se despedia e os meus dias de glória davam seus primeiros sinais. Ao chegar no cemitério, encontro o Sr. Moura, que havia cancelado a inauguração do seu restaurante sem apresentar motivos. Assustado, ele me questionou:

– Você por aqui, detetive?

– Claro, meu trabalho é lado a lado com o morto – em seu quadril havia um volume, que rapidamente deduzi que era o cabo de sua invejável faca, e soltei:

– Toma cuidado para não cortar o quadril.

Desisti de procurar mais pistas e corri para o necrotério da cidade. Lá foi meu primeiro contato com o corpo da vítima. Apesar do tempo que havia passado, o corpo ainda estava fresco, já que devido a cidade ser pequena, a dificuldade da chegada dos legistas era grande. O corpo estava como imaginei, completamente esfaqueado, porém com furos na camisa. O autor do crime queria me deixar confuso, mas eu já tinha todas as respostas. Faltava juntar peça por peça.

Meu último telefonema era para quem eu menos esperava, com ele eu iria dar a cartada final. Liguei para meu velho amigo Sargento. Fora de área. Liguei outras inúmeras vezes e, aí sim, eu tinha tudo feito. No dia seguinte, marquei então com a senhorita Bessa e estava pronto para revelar os segredos desse caso.

A essa altura, o corpo da vítima estava sete palmos a dentro, mas ele precisava de paz e isso só seria resolvido com seu caso solucionado. Terminei meu Jack e, com batidas diferentes da primeira vez, percebi a chegada de Ana.

– Tudo certo? Tudo solucionado?

– Claro que sim! Daqui a uns 40 minutos todos os meios de comunicação revelarão para toda a cidade a verdade do caso, mas você primeiro precisa saber, para que assim eu receba meus méritos.

– Então desembucha!

– Os dias de Robert estavam bem animados, o cemitério era seu principal parque de diversão. Era um local distante da cidade, portanto lá ninguém imaginava encontrar coisas como as que ele fazia.

– O que você está querendo insinuar?

– Eu estou querendo dizer que o seu “amor” não era quem você imaginava. Ele sempre foi conhecido como o destruidor de corações, além de tudo sempre foi bissexual, tendo um grande fetiche por homens e mulheres casadas. Você nunca foi a única.

– Que história é essa?! – exclamou ela.

– É isso mesmo, seu patrão pegava a cidade inteira, e esse é o ponto chave da história: a sua fama era imensa, o Everton também tinha um grande caso com ele, mas não o assume, já que, assim como você, ele imaginava ser o único, até descobrir todos os casos. Indo até o cemitério em uma certa noite, encontrou nin-



guém menos do que o seu marido, o Sargento, em um momento bem íntimo. Além do mais, seu marido também tinha uma história com a médica, que, assim como você, também foi traída nessa história.

– Isso só pode ser mentira, isso é impossível!

– A discussão ocorreu no dia da morte do seu amado, os três brigaram feio, o chefe foi em casa, e o sargento Ramos o seguiu. O Sargento precisava tirar mais uma história a limpo contada pelo chefe e é aí que você entra nessa novela mexicana. O Sargento precisava ver e, nesse exato momento, ele teve a conclusão de que também estava sendo traído por você e por Robert. Consequentemente, ele estava armado e preparado para ir ao trabalho, já que você e a vítima se encontravam no horário em que ele saía. Porém, antes de Robert te encontrar, ele via seu marido, mas nesse dia as coisas saíram erradas.

– Então é por isso que ele não fez nada comigo naquela noite, só disse que não queria. O cozeiro também não estava lá. Isso explica o sigilo total.

– Quase isso. O porteiro foi embora com medo da primeira confusão; na segunda, ele já estava longe, mas não o suficiente para não ouvir os tiros que matariam o dono do bordel. Você também os ouviu, porém não me contou para não se tornar suspeita. Com isso, correu para cá: esse era o motivo de não saber o local exato onde se encontrava o corpo da vítima, que procuramos juntos. Porém, não sabíamos quem atirou, até que seu esposo correu para ver o chef e você os viu. Sabendo de tudo, o chef, que também fugiu da cidade, também é cúmplice desse bendito crime. O Sargento o matou a sangue frio para lavar sua alma, depois fugindo com seu cúmplice para longe de nossas imaginações, vivendo como um grande casal de criminosos.

– Que cafajestes! – revoltada, ela gritou.

– Pois é, o que até agora não se justifica são as pistas, porém, as pegadas condizem com o fardamento do seu marido e as facadas no corpo da vítima são explicadas pela cumplicidade entre ele e o Sr. Everton: ao saber meus próximos passos, rapidamente o Sr. Everton foi até seu estabelecimento, pegou sua faca e esfaqueou o corpo antes que eu o visse. No entanto, ele não imaginou que eu sentiria falta da arma branca durante a visita, percebendo só depois que a esqueceu no lugar do crime, o que o fez voltar lá e ser pego em flagrante por mim. O vestido da médica foi a única pista que me deixou com dúvidas, entretanto, compreendi que o vestido era uma tentativa de incriminar alguém que não fosse ele. Às vezes nos enganamos com nossos amores, imaginamos eles como pessoas que não são, vamos levando na moleza e achando que está tudo bem, porém, quando não conhecemos nosso companheiro, acontece isso... Assim como você se enganou com ele, eu me enganei com você, e agora estamos quites!

– Você realmente não perde a chance de me destruir, né?

– Você me subestimou, queria a elucidação da morte do seu amante, mas contava com o fracasso parcial da investigação. Ao mesmo tempo em que se afligia pelo acontecido, ria com minha suposta ingenuidade em relação a você e se gabava com suas amigas por sua capacidade de me manipular – aliás, amigas pouco confiáveis, as suas. Até falsificou um exame de DNA para se passar por irmã do seu amante e obscurecer as investigações. E mais: antes disso, vocês planejavam dar o golpe perfeito no Sargento, fazendo com que ele batesse as botas antes do tempo. Talvez provocando uma piora progressiva na saúde, antes de ferro, de alguém com certa idade, até que chegasse a um mal súbito aparentemente sem explicação. Seria perfeito, não é? Você sair feliz com toda a



herança, apenas para você e seu querido amor viverem o resto de suas vidas. Porém, você foi a enganada da história. O coveiro não era tão distraído quanto parecia. Enquanto vocês faziam promessas de amor e planos de assassinato, suas conversas, gravadas, se tornavam mais uma prova contra vocês. E hoje? Eu só sinto pena de você, só irei querer meu mérito, seu mísero pagamento. Só ficarei feliz após você ser presa e a polícia apurar os métodos que você e Robert utilizaram para envenenar e tentar assassinar o seu marido.

Naquele momento, minha alma estava lavada. Vi a polícia chegar e levar o amor da minha vida. Os outros dois? Irão passar o resto de suas vidas (o que pode ser muito pouco) como fugitivos.



# ***CAPÍTULO 4***

## *A ÚLTIMA DANÇA*

MARIA RITA APARECIDA DE ALMEIDA MELQUÍADES  
THIAGO RAULINO FREITAS SANTOS





Assim como os aplausos fervorosos anunciam o fim de mais um esplêndido musical na alucinante Broadway, pancadas violentas anunciaram o final de mais uma história, a qual, se eu tivesse que definir com um gênero, com certeza o mais indicado seria a tragédia. Numa noite comum em New York, a cidade que nunca dorme, se tornou ainda mais difícil para algumas pessoas colocar a cabeça no travesseiro. No luxuoso Millennium Times Square ocorreu um crime que ficaria marcado na história do hotel e de todos que o presenciaram. Um crime brutal, e executado a sangue frio, deixou a vítima totalmente desfigurada. A vítima era uma dançarina chamada Megan, uma jovem brilhante, que desde sua infância vivia para a dança. Ela sempre parecia radiante, sempre estava disposta a lutar pelos seus sonhos e cujos olhos brilhavam quando falava sobre a tão sonhada Broadway. Mas seus sonhos foram roubados e um ponto final foi posto justo no decolar de sua carreira.

A família, inconformada pela demora e indiferença com a qual a polícia tratou o crime hediondo executado contra alguém como Megan, que ninguém imaginaria fazendo mal a até mesmo uma mosca, decide contratar Chloe Bennet, uma estudante que impressionava a todos pela sua facilidade em deduzir a resolução de problemas matemáticos, físicos e, também, nas horas vagas, criminosos. Taxada pelos outros detetives como alguém que “brinca de resolver casos” e que nunca seria reconhecida como um deles, ela aceitou de prontidão o pedido da família, por sentir-se comovida pelos depoimentos feitos pelas pessoas próximas à vítima.

Chegando à cena do crime, o primeiro a recebê-la foi Ethan Cooper, o namorado de Megan, que, aos prantos, foi em sua direção.

– Por Deus! Ainda bem que está aqui! Ainda não consigo acreditar que isso aconteceu, não vou descansar até encontrar o maldito que fez isso com a Megan. Por favor, você precisa me ajudar!

– Me deixe trabalhar no caso. Depois volto para falar com você.

Chloe se dirigiu ao exato local em que o crime foi cometido. O sangue ainda estava fresco, espalhado pelo chão. Aproximou-se, observando cada detalhe do cenário em que aquela catástrofe havia acontecido há tão pouco tempo. Ela parecia incomodada com a situação, por mais estranho que isso pareça, não era de sua praxe se inquietar com esse tipo de cenário, já era monótono para ela e fazia parte de seu cotidiano. A vítima tinha o rosto completamente desfigurado, irreconhecível: as marcas, que pareciam ter sido deixadas por um soco inglês ou algo do tipo, possuíam um padrão. Talvez isso fosse ajudar a encontrar a arma do crime. Num canto do cômodo, estava jogado no chão, manchado de sangue, o figurino que Megan usaria no musical. Após analisar bem o cenário, Chloe se dirigiu até Ethan para interrogá-lo.

– Como estava a Megan antes do trágico acontecimento? Pode me dar essas informações sobre ela? Parece que vocês eram bem próximos...

Iniciaram uma conversa a respeito de como Megan se sentia nesses últimos dias e como estava o relacionamento, não só deles, como também de Megan com seu trabalho.

– Ela andava muito ocupada, mal estávamos nos falando, já que ela dava mais importância a esse musical idiota do que à sua família e ao nosso relacionamento. Ela parecia muito mais feliz quando estava dançando essa estupidez do que quando estava comigo. Megan só falava disso.

– Ah, então vocês estavam tendo desentendimentos?

– Não exatamente, eu evitava discutir com ela sobre isso... Já que parecia tão feliz.

– Ela possuía inimigos? Tinha alguém que a incomodava ou tinha algum motivo para fazer tamanha barbárie?

– Eu não consigo lembrar de ninguém. Não havia uma pessoa que a conhecesse e não gostasse dela, mas eu sei de um cara do trabalho que sempre a incomodou, talvez pela forma como ele a olhava, mas acredito que você consiga mais informações lá. Eu poderia até te acompanhar, mas não tenho condições de fazer isso agora, preciso pôr as ideias no lugar.

– Você poderia me passar o endereço do local de trabalho de Megan?

– Claro, aqui está.

Ethan escreveu o endereço em um papel e o entregou a Chloe.

– Só mais uma coisa, como Megan estava na última vez que a viu e onde você estava no momento da sua morte?

Ethan imediatamente lançou um olhar de repulsa em direção à detetive e exclamou em um tom de frustração:

– Está desconfiando de mim, detetive Chloe? Acha que eu seria capaz de cometer tamanha barbaridade com uma das pessoas que mais amei? Fui eu quem a chamei aqui! Não daria esse tiro no pé se eu a tivesse matado.

– Não está colaborando, só estou fazendo o meu trabalho. Não foi para isso que me chamou aqui? Pois bem.

– Me desculpe, estou com os nervos à flor da pele com toda essa história. Bom, eu estava trabalhando quando ela foi morta... A nossa última conversa foi bem normal, nada estranho parecia estar acontecendo, falava do musical e de uma amiga que tinha no elenco, Violet.

– Ok, agradeço pelas informações. Por ora, é isso, elas serão de grande ajuda.

Antes de visitar o endereço, Chloe decidiu ir para casa pensar um pouco a respeito da conversa que teve com Ethan. De manhã cedo, sem demorar, a jovem moça decidiu ir ao endereço dado

pelo namorado da vítima, que a levava ao que parecia um estúdio de ensaio de dança, o que fazia sentido ser frequentado por Megan. Ao entrar no enorme e deslumbrante prédio, pediu informações sobre onde poderia encontrar os seus ex-companheiros de trabalho, descobrindo que eles estavam em ensaio para o grande show no qual Megan seria protagonista e que havia sido adiado devido à tragédia.

Não questionando atrapalhar o ensaio, já que vinha por motivos sérios, Chloe logo abordou um homem muito bem vestido que assistia ao aquecimento da equipe de longe, parecendo julgar o desempenho dos dançarinos e atores.

– Bom dia. Eu gostaria de falar com o diretor do musical e com algumas pessoas do elenco a respeito de Megan.

– Volte mais tarde. Agora não temos tempo para a imprensa, já tivemos imprevistos demais em uma semana.

– Perdão, mas acredito que o senhor não entendeu quem eu sou. Vamos tentar de novo, prazer meu nome é Chloe e eu estou no comando da investigação e estou aqui para interrogar algumas pessoas a respeito do crime que foi deferido contra Megan. Agora eu gostaria de falar com o diretor.

– Peço perdão. Muito prazer, eu sou o diretor do musical do qual Megan seria a protagonista. Meu nome é Connor. Compreendo a necessidade de conversar comigo, mas, por favor, aguarde um instante para isso.

Chloe, vendo que não podia fazer nada, decidiu aguardar o tempo necessário para que fosse atendida. Não demorou muito para que o ensaio se desse por encerrado e o diretor, acompanhado de uma moça que obviamente nunca passava despercebida onde quer que fosse, convidasse a detetive para uma conversa em seu escritório.

– Peço desculpas pela demora, não haverá mais interrupções. Antes que pergunte, essa moça que me acompanha é Violet, nossa atual protagonista do musical. Achei que ela pudesse ser útil em nossa conversa, já que ela era muito próxima de Megan desde a infância.

Com uma voz trêmula e instável, a jovem dançarina se apresenta para a detetive. Era notório como tal notícia afetou a moça, já que a mesma não parava de mexer no cabelo e nas luvas que eram figurino no musical.

– Prazer, me chamo Violet, como Connor já disse. Espero poder ajudar a dar logo um fim nessa tragédia

– Olá, Violet. Será de grande ajuda sua contribuição, mas inicialmente quero conversar com o Connor a respeito do relacionamento que ele mantinha com a Megan. Poderia nos dar licença?

– Ah, claro, tudo bem. Estarei aguardando minha vez.

A jovem moça saiu do escritório para que Connor e Chloe tivessem sua conversa.

– Serei direta: como estava o comportamento de Megan nesses últimos dias a partir de sua perspectiva? E qual era sua relação com Megan?

– Ela estava como sempre alegre e determinada nos ensaios, estava sempre se sobressaindo para impressionar todos ao seu redor. Em resumo, tudo estava normal, não havia nenhuma anomalia que me fizesse pensar o contrário. Minha única relação com ela era a profissional e nada mais que isso, embora não houvesse alguém que não ficasse encantado com a Megan, pois a animação dela era realmente contagiante.

Chloe lançou um olhar determinado a Connor.

– Fiquei sabendo que alguém do trabalho a incomodava. Tem ideia de quem seja?

– Não, ninguém, ela gostava de todos aqui. Agora se me der licença, tenho que continuar meus ensaios, não posso perder muito tempo aqui, realmente espero que encontre quem fez isso.

– Já que insiste, pode ir. Ao sair, peça para Violet entrar, por favor, porque tenho certeza de que ela me ajudará mais.

– Com todo prazer... Só tome cuidado para não ofender ou entristecer Violet com acusações em seu olhar, o que não é muito difícil já que ela é bem sensível e você não parece se importar muito com isso. Não preciso de mais um problema em minha vida.

– Estou realizando o meu trabalho. Mais respeito, senhor, afinal, está aqui para responder às minhas perguntas e não para dar palpites sobre a minha personalidade.

Connor saiu visivelmente incomodado. Era notável o desgastado e o que parecia ser fúria em seus olhos, na forma como andava e ainda como brutalmente abriu a porta para sair. Não era possível definir se ele parecia ofendido ou preocupado. Violet, que já estava próximo à porta, entrou em seguida.

– Está tudo bem, detetive?

– Não sei ao certo, Violet, mas isso não importa. Agora, sente-se para que possamos conversar.

Violet aparentava estar muito triste com o acontecimento, já não usava mais a roupa de ensaio, com exceção das luvas que aparentemente não teve tempo de tirar.

– Bom, eu preciso que você me fale como e por onde andava a Megan nesses últimos dias. Já que vocês eram tão próximas, acredito que notaria algo de estranho se houvesse.

– Antes de tudo, detetive Chloe, peço desculpas, mas não pude deixar de ouvir o que você e Connor discutiam. Eu preciso avisá-la que ele mentiu. Connor era apaixonado por Megan e todos do elenco que prestassem atenção, ao menos um pouco, em

como ele a tratava e olhava para ela notaria isso. Diversas vezes ele tentou ter uma relação mais próxima, chamava-a para encontros, mas ela não queria mais do que uma relação estritamente profissional e, em consequência disso, passou a ter problemas com o namorado também, pois ele sentia ciúmes da situação. Ela me contava e todos viam... Costumávamos sair todos os fins de semana.

Violet, ao dizer essas palavras, apresentava um olhar vazio, desolado, e instaurou um silêncio curto, o que pareceu para Chloe uma eternidade.

– Eu sinto muito, Violet...

– Me desculpe, fico realmente muito triste quando falo disso... Enfim, vamos voltar ao foco. A nossa relação era ótima, sempre fomos muito amigas e sempre nos demos muito bem, participamos desde pequenas de vários musicais juntas.

– O que você sabe sobre o namorado dela e o relacionamento deles?

– Só o que Megan me falava. A única vez que os vi foi no dia das audições do musical que estávamos participando para saber quem seria a protagonista, quando mais uma vez saímos para comemorar a conquista do papel por Megan. Fomos à Boate Marquee, onde o Ethan trabalha como segurança, foi divertidíssimo, conheci até um outro rapaz que trabalha com ele, estava tudo ótimo até que eles brigaram por ciúmes e tive que levá-la para casa. Bom, é tudo o que eu sei.

– Qual era o papel de Megan no musical?

– O papel principal! Sinto-me tão mal por ter que substituí-la... Mas sei que ela ficaria triste se ninguém o interpretasse, por isso vou dar o melhor de mim, mesmo que não seja tão boa quanto ela.

– Entendo, obrigado por sua colaboração. Sabe de mais alguém que trabalhou com vocês que esteja livre agora?

– Por ora, acho que só algum dos figurantes. Pode entrar no camarim para conferir. Eu espero ter ajudado.

Chole se dirigiu ao camarim onde os figurantes ficavam e encontrou uma pessoa lá, então a chamou para entrevistar.

– Com licença, está livre agora? Estou colhendo depoimentos sobre Megan, por acaso poderia me ajudar?

– Claro, fique à vontade.

– O que sabe sobre Megan? Vocês tinham alguma ligação?

– Eu não era próximo de Megan, só nos conhecíamos por vista. Sei que ela só andava grudada com a Violet e, também, que arrastava uma asa para o diretor...

– Como foi feita a seleção de papéis para o musical?

– Nas audições, quem mais se destacou, para ser sincero, foi Violet. Ela é a melhor daqui, é a que menos tem modéstia também, sabe que é a melhor. Mas quando se tratava de Megan, ela sempre aceitava tudo. Isso sempre me irritou um pouco.

– Interessante. Você sabe de mais alguma coisa?

– Não, só isso.

– Agradeço pela colaboração.

Ao fim da conversa, já era tarde e então Chloe decidiu ir para casa. O tempo todo pensava sobre todas as informações que obteve. No dia seguinte, ela recebeu o resultado da autópsia e as marcas deixadas no corpo da vítima indicavam um instrumento utilizado pelos seguranças da Boate Marque, onde Ethan trabalhava.

Imediatamente, Chloe intimou os interrogados para ir até essa boate, chegando lá uma hora antes deles, o que possibilitou que ela passasse novamente pela cena do crime e notasse algo que chamou a sua atenção, algo que antes tinha passado despercebido.

Quando todos chegaram ao local de encontro, Chloe olhou todos nos olhos e então começou a falar:

– Então, quero que estejam todos cientes de que eu já sei quem é o culpado pelo assassinato de Megan.

Todos olharam surpresos para Chloe, alguns preocupados, outros aliviados. Chloe se aproximou de Violet e estendeu as mãos. Ela então deu as mãos a Chloe.

– Violet, minha querida, vejo que ainda usa as luvas do dia em que nos conhecemos...

Violet imediatamente recolheu bruscamente as mãos, mas Chloe segurou as luvas, e o que tinha embaixo delas deixou a todos boquiabertos. A mão direita de Violet estava extremamente machucada, como se ela tivesse socado alguém até a morte. E foi o que aconteceu. Aquelas marcas não negavam. Então Chloe exclamou:

– Ah! O que temos aqui? Que luvas lindas! Deixe-me ver o avesso e... A-ha! Exatamente como imaginei.

Chloe mostrou o avesso da luva para todos, e lá estavam as iniciais M. C., de Megan Carter.

– Então, Violet, algo para dizer em sua defesa?

Violet começou a chorar e ficou em silêncio. Chloe ordenou:

– Policiais, podem levá-la.

Violet se deixou ser levada sem hesitar. Todos observaram a cena confusos, sem saber como isso tinha ocorrido. Até que o diretor se pronunciou:

– Detetive, poderia nos explicar o que aconteceu? Como chegou a tal conclusão, porque Violet faria isso com sua amiga mais próxima?

Todos concordaram, então Chloe começou a explicar:

– Quando o resultado da autópsia chegou, parecia tudo re-



solvido, tudo apontava para Ethan, ele era o culpado, mas algumas peças não se encaixavam: por que as marcas deixadas no corpo de Megan indicavam justamente onde Ethan trabalhava? Ele teria sido tão descuidado assim? Como alguém que articulou um crime poderia ter sido amador o suficiente para deixar para trás tais marcas? Alguém queria incriminá-lo. Por isso, o soco inglês indicava esse local. Violet matou Megan depois do resultado dos papéis do musical, pois achou que merecia o papel principal. E não foi apenas ela que achou isso... O figurante do musical que interoguei comentou que Violet merecia o papel, mas Megan o ganhou porque, segundo ele, o diretor tinha uma queda por ela, logo Violet estava disposta a fazer de tudo para conseguir o papel que merecia, tanto que, quando matou Megan, se tornou a protagonista. O soco inglês usado para o crime não foi o de Ethan, e sim o do segurança que conheceram no dia em que o papel foi decidido. Ela mesma comentou sobre esse amigo em seu depoimento, conversei com ele e ele me falou que Violet o pediu para ela, alegando que seria parte do musical. Megan a deixou entrar em seu quarto no hotel, já que elas eram amigas, e foi aí que Violet cometeu o crime. Um detalhe que observei no quarto de Megan foi o figurino que ela usaria no musical: estava todo espalhado no chão, com exceção das luvas. Violet as estava procurando. Por isso as roupas no chão, não podia sair com as mãos machucadas como estavam devido ao uso do soco inglês, por isso levou as luvas e não tirou para coisa alguma. Estava escondendo os machucados.

Violet não suportou ficar para trás e ser apenas uma coadjuvante, não queria viver na sombra de Megan, queria ser a protagonista do musical, e acabou se tornando a vilã que pôs um fim na história da jovem bailarina.

# *CAPÍTULO 5*

*FAMBLE*

DAMIÃO TEODÓSIO DE OLIVEIRA FILHO  
DAVI COSTA ALVES





Era dia 18 de agosto de 1969. Estava no escritório do meu amigo, Jacob, um sujeito um tanto reservado com uma marca no olho e cabelos escuros, um renomado detetive da nossa cidade, Bonneval. Gostava de fumar um Blade sempre que precisava pensar muito sobre alguma coisa ou apenas por *plaisir*. Pela sua fama, os policiais não gostavam muito dele, porque sempre que eles não conseguiam resolver um caso, Jacob era chamado e o resolvia facilmente. Estávamos discutindo sobre o recente feito do homem pisar na lua, um fato fascinante. Uma das nossas principais perguntas era como aquele foguete era feito, se precisava de algum material especial para proteger dos perigos do espaço. E o combustível, como ele queimaria sem ar? Perguntas que só poderíamos tentar responder depois, pois estávamos recebendo uma ligação especial do nosso telefone que era usado para receber ligações de pessoas interessadas pelos serviços do meu amigo.

Atendi o telefone e uma mulher ofegante estava tentando me dizer alguma coisa. Falei para ela tentar se acalmar e respirar um pouco. Na sua segunda tentativa de falar sobre o ocorrido, ela disse que era uma empregada do Hotel La Perle e que tinha ocorrido um *meurtre* com um dos seus hóspedes. Com os apelos da moça, desliguei o telefone e, com um simples olhar dirigido a ele, Bonneval entendeu que tínhamos um caso a resolver. Preparamos nossos revólveres e corremos para a garagem para pegarmos a nossa belezinha, um Dodge Charger, e seguimos rumo ao Hotel.

A demora foi pouca para chegar ao destino; na entrada, várias pessoas tumultuavam, era um verdadeiro pandemônio; com tantos rostos, o culpado podia ser qualquer um; se localizar era tarefa difícil. Ninguém sabia ao certo o que tinha acontecido, só sabiam que tinha havido um crime horrendo no 11º andar. Avisamos a tal moça do telefone em choque. Ela tentou explicar o



que tinha acontecido, mas estava muito abalada. Outro funcionário que viu a cena falou: “É horrível... Quem faz isso??... Agora, de uma coisa eu tenho certeza, o culpado não tem Deus no coração”. Resolvemos, então, irmos à cena do crime.

Para muitos, a cena era horripilante; para mim e Jacob, não. O corpo foi todo esquartejado: a cabeça estava em cima do abajur, como um enfeite; o tronco, no centro do quarto. Logo de cara, percebemos que se tratava de um crime de ódio. A arma do crime era algum objeto cortante, como uma faca, mas estava “cego”, pois em volta do corpo tinha vários estilhaços de ossos quebrados, o que leva à outra conclusão: o assassino era alguém forte, possivelmente homem de meia idade, e provavelmente tinha passado ao menos duas horas no quarto, onde também havia um par de sapatos pretos tamanho 42 perto dos calçados da vítima.

Em seguida, começamos a fazer perguntas aos hóspedes. Iniciamos por uma senhora bem-vivida cujo andar era debilitado pela imagem. Ela falou que não ouviu coisa alguma, com certeza seria por causa da idade.

Não conseguimos tirar muita informação dela, então partimos para outra pessoa. Falamos com o zelador do hotel e ele comentou que tinha encontrado uma faca bastante desgastada no lixo manchada de sangue. Fomos ao lixo e a encontramos: ela estava enferrujada pela ação da umidade, sua lâmina estava em algumas partes amassada, parecia que ela tinha passado muitos anos batendo em alguma coisa.

Fomos até a moça do telefone, a camareira do hotel, e ela relatou que o crime havia ocorrido durante a noite. Olhei para Jacob e ele sugeriu que interrogássemos o recepcionista e assim o fizemos. Informados pelo homem de que ninguém havia entrado

no hotel após as 10 horas da noite, soubemos que o criminoso era um dos hóspedes do hotel; só bastava sabermos quem.

Começamos a ver quais dos hóspedes conseguiam calçar os sapatos. Quatro conseguiram: um médico jovem que trabalhava não muito longe do hotel, um advogado, com uns 40 anos, um pedreiro e um *barman*. Sabíamos que o assassino era forte, portanto, focamos nossas investigações no *barman* e no pedreiro.

Começamos com o pedreiro. No seu quarto do hotel, perguntamos onde estava na noite em que o crime ocorreu e ele falou que estava em seu aposento, dormindo. Perguntamos o porquê de haver um sapato com o tamanho do pé dele no quarto e ele falou, com um tom arrogante:

– Só eu tenho esse tamanho de pé neste hotel? Eu acho que não.

Então fomos ao quarto do *barman* fazer algumas perguntas. Perguntamos onde ele estava na hora do crime:

– Ora, eu estava no meu bar cuidando dos meus clientes, afinal, meu bar fica aberto até às 4 da manhã, mas não abre durante o dia.

Fizemos a mesma pergunta dos sapatos e ele deu praticamente a mesma resposta que o pedreiro. Enquanto eu fazia as perguntas, percebi que meu amigo estava bastante calado, fumando seu charuto. Sabia que ele estava pensando em alguma coisa importante, então eu não o interrompi. Alguns minutos depois, Jacob me chamou a atenção:

– Por que um criminoso deixaria seus calçados na cena do crime?

– Porque seus sapatos estavam sujos de sangue, ele não queria sair fazendo pegadas – retruquei.

Depois de um tempo, eu entendi o que ele queria falar. Seria simples o assassino escapar sem deixar pegadas: ou ele os levaria ao banheiro do quarto para limpá-los ou os colocaria dentro de uma mochila.

– Ele provavelmente deixou uma pista falsa para tentar nos enganar.

– Teremos que voltar à cena do crime para analisarmos com mais atenção. – falei, determinado.

Ao chegarmos no quarto, começamos a analisar o corpo e percebemos que estavam faltando alguns pedaços, partes do corpo que, geralmente, continham bastante carne. Ao olharmos para o lado, vimos um pedaço de pano branco, provavelmente do assassino, já que a vítima estava vestindo roupas de outras cores. Quando estávamos investigando a cena, ouvimos uma pessoa falando sobre uma festa de aniversário que seria feita dois dias depois. Jacob falou que seria bom irmos e investigarmos todas as pessoas que estariam nela.

Chegando o dia, começamos as nossas investigações, pois não tínhamos tempo para diversão. Primeiro, fomos ao pequeno bar onde o Barman estava trabalhando e pedimos para que ele ficasse atento às movimentações. Ele aceitou a proposta.

Perguntamos a uma moça o que ela viu ou ouviu na cena do crime. Ela falou que tinha ouvido um homem gritando, ele tinha uma voz grossa e parecia que tinha um sotaque russo. Outra pessoa nos falou que ouviu um barulho vindo do quarto e reclamou do gosto da comida, que estava um pouco estranho. Um menino falou que viu uma pessoa alta andando pelos corredores na noite do crime e também reclamou da comida.

Enquanto estávamos andando pelo grande salão do hotel cheio de lustres, em especial um enorme que ficava no centro do salão, com o chão totalmente coberto por um tapete indiano (pelo seu estilo de estampa), ouvimos muitas pessoas se questionando sobre o sabor da comida.

– Que tipo de carne será essa? – falou um homem.

– Não sei, nunca provei antes este tipo de carne – falou sua acompanhante.

Jacob se sentou por alguns minutos na poltrona, fumando seu charuto e ouvindo as pessoas reclamarem. De repente, ele virou para mim e falou:

– Que tal irmos visitar o cozinheiro?

– Para quê? – perguntei.

– Para falar com ele sobre a comida.

– Nós dois não somos chegados a carnes, mas vamos mesmo assim.

Chegando lá nos deparamos com um homem alto, forte, parecia ter uns trinta anos, com um pedaço de roupa faltando em seu uniforme.

– Olá, meu amigo – disse Jacob.

– Olá – falou o cozinheiro com uma voz grossa.

– Como vai a vida? – perguntou Jacob.

– Bom, não sou uma pessoa que anda muito, sempre estou nesta cozinha fazendo minhas receitas e testando outras novas, recentemente até criei uma nova que se chama Famble. Inclusive, estou testando ela nesta festa.

– Onde o senhor estava entre os dias 17 e 18 por volta das 10 horas? – perguntei.

– Estava no meu quarto, aos fundos da cozinha.

– O senhor notou alguma coisa estranha naqueles dias? – Jacob inquiriu.

– Não – respondeu.

– O senhor sabe falar russo?

– Ah! Sei algumas palavras.

– Tudo bem. Entraremos em contato.

– Certo.

– Ah! E mais uma coisa. Qual o seu nome? – perguntei.

– Pantielo Medice.

– Sr. Medice, qual foi o tipo de carne servido hoje? Ouvi algumas pessoas reclamando.

Ele demorou alguns segundos para responder:

– Um novo tipo de carne que estou testando – respondeu o cozinheiro.

O cozinheiro retirou de uma gaveta uma faca que parecia ser nova.

– Que faca bonita, é nova?

– Sim, sim, tive problemas com a última – falou com um tom de nervosismo.

Logo em seguida, falei:

– Sr. Medice, muito obrigado pelo seu tempo. Se, por acaso, o senhor se lembrar de alguma coisa, nos avise.

Entregamos o nosso cartão a ele e saímos. Jacob saiu desconfiado e falou:

– Esse sujeito sabe mais do que ele falou para a gente. Com certeza está escondendo alguma coisa. Sebastián, investigue mais esse cozinheiro, quero saber tudo sobre ele.

Comecei a investigá-lo, perguntando a outros funcionários do hotel, mas não descobri nada relevante sobre o caso. Então, sem perspectiva, fui até a biblioteca da cidade para tentar descobrir algo sobre sua família. Descobrimos que ele é da Rússia e veio morar na França. Também descobrimos que sua casa foi demolida para a construção do Hotel La Perle e que seu pai, por acidente, ficou preso durante a demolição e morreu nos escombros. Hoje é cozinheiro do próprio hotel.

– Acho que encontramos o nosso culpado! – falei em voz alta.



Fomos rapidamente à cozinha do hotel. Jacob entrou correndo, sacou seu revólver e apontou para a cabeça do cozinheiro.

– Está aqui o nosso culpado!

– Mas como? Vocês não podem me culpar, sou inocente – respondeu o cozinheiro.

– Como não? Por que acha que eu perguntei se você sabe falar russo? Além disso, havia um buraco em sua roupa branca justamente do mesmo tecido que foi encontrado na cena do crime – falou Jacob.

Ainda fumando o seu charuto, Jacob falou:

– Mas que crime horrendo! Primeiro, pedaços carnudos da vítima faltando na cena do crime, segundo, um gosto esquisito na carne, acho que você adicionou um ingrediente novo na receita e aposto que também o colocou no seu novo prato, o Famble, não é mesmo?

O cozinheiro rapidamente tentou tirar sua arma escondida debaixo do avental, mas Jacob foi mais rápido. Com um forte golpe com a coronha da arma na sua cabeça, o criminoso desmaiou. Ao menos foi o que pensávamos, até que ele sacou novamente sua arma e atirou contra a minha perna, tentando acertar em Jacob logo depois, fracassando, pois Jacob se arremessou atrás de um fogão, enquanto o cozinheiro fugia pela porta dos fundos.

– Pode ir, eu estou bem! – falei.

Jacob iniciou uma perseguição ao facínora. Pantielo saiu em disparada em seu carro, sorte que nossa belezinha estava estacionada ali perto. Durante a perseguição, lado a lado com o cozinheiro, Jacob arremessa-o fora da pista após uma repentina manobra com o volante. Ao ver que tal ação havia feito o perseguido se chocar contra um poste, Jacob foi em direção a ele e constatou que o cozinheiro estava morto.

– Bem... parece que resolvemos o caso – disse Jacob  
Fui socorrido pelos hóspedes enquanto ele voltava triste para o hotel, lamentando-se pelas marcas em seu carro.

– Ele morreu.

– Pelo menos agora ninguém irá jantar ninguém.

*Fim*



# ***CAPÍTULO 6***

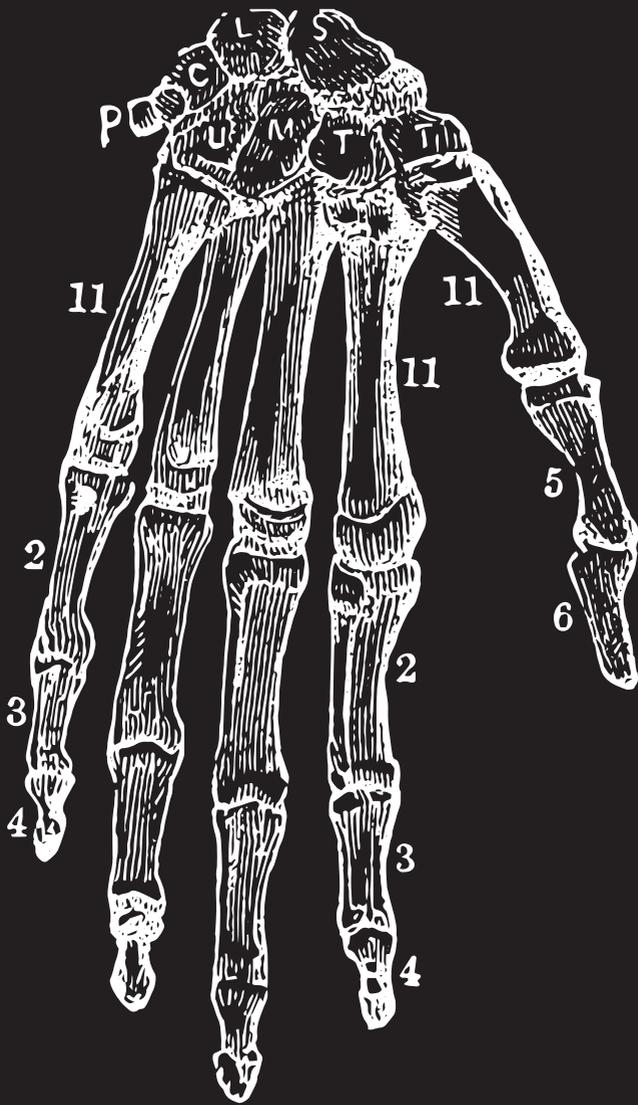
*BAILANDO PARA O CAMINHO DA MORTE*

JONHY EVERTON SILVA GOMES DE SANTANA

LIVIAN MARIA LUCENA GOMES PINHEIRO

RUAN DAVI COSTA





Durante a maior parte do dia, a senhorita Daphnée Laurent colocava a leitura em prática, pesquisas que serviam como base para seus experimentos mirabolantes, experimentos das mais variadas espécies, que envolviam drogas, taxidermia, cadáveres humanos e outras coisas do tipo. Ela era conhecida por sua grandiosa inteligência, apesar de ser rude com os que estavam à sua volta por não raciocinarem ao seu ritmo.

Essa grande capacidade de pensar despertou em Daphnée uma habilidade para solucionar crimes, o que era facilitado pois a maioria das provas possíveis de um crime ela já havia estudado em algum momento da vida a partir dos seus experimentos. Por esse motivo, a senhorita Laurent às vezes trabalhava como detetive. Apesar de não ser sua profissão, ela *não se considerava amadora e dizia que seu trabalho era de extrema importância para a polícia, a qual, não sabendo o que fazer, a consultava.*

Daphnée Laurent sempre ficava no seu laboratório, que também era a sua casa, um lugar tumultuado com seus equipamentos de trabalho e outras bugigangas, onde, nos momentos de descanso, lia o jornal para acompanhar as notícias e sempre ficar atenta aos crimes que ocorriam na grande Nova Orleans. Era também o local onde a senhorita Laurent recebia os policiais para aconselhá-los em crimes que pareciam não ter solução.

Certa tarde, Daphnée estava sentada em sua poltrona, com seu chá de erva daninha, acompanhando uma notícia que já vinha sendo divulgada há semanas: cinco casos de desaparecimento de moças, com provas insuficientes, que a polícia já estava pres-tes a arquivar. Laurent ouve a campainha tocar repetidas vezes, como se a pessoa que tocava estivesse assombrada ou apressada, o que, para muitos, *não seria algo bom, mas para Daphnée aquilo era uma festa.*



Ela levanta entusiasmada, abre a porta e dá de cara com o rosto assustado do xerife Donovan.

– Mais um caso?!

– Sim, basicamente isso, mas dessa vez encontramos um corpo em estado de decomposição. A polícia local precisa de você.

Daphnée abriu um sorriso no rosto e perguntou:

– Quem é o perito?

– *É o Sr. Guerra.*

– Não me dou bem com ele – falou lançando um olhar sarcástico. – Onde é a cena?

– Embaixo de uma ponte do Rio Doce da avenida principal de Nova Orleans para Eden Isle.

– Fantástico! Pode ir na frente, pegarei um táxi. Jamais entrei em uma viatura.

Ao passar pela ponte, já sentia o odor. Chegando lá embaixo, Daphnée vê o corpo de uma moça em decomposição e começa a analisar os vestígios.

A vítima era Elisabeth Jacques, uma digital influencer de 20 anos que curtiava raves durante os finais de semanas. De acordo com sua identidade, ela é natural de Nova Orleans. Era casada com um cantor famoso chamado Julian Jacques, o principal suspeito do crime, pois os vizinhos afirmam que eles brigavam muito.

Analisando a cena, a senhorita Laurent percebeu marcas de metacarpos pelo corpo da moça, mas não eram marcas comuns, eram profundas e deixaram a vítima totalmente desfigurada, o que significa que o agressor tinha muita força. Além disso, a vítima tinha uma pulseira vip do Aqua Lounge, uma casa de show onde havia várias apresentações de dançarinos, o que a tornava bastante atrativa e conhecida na região era ser frequentada apenas por famosos, influenciadores e socialites. Isso poderia ser uma pista.



Enquanto isso, uma outra viatura chegou às pressas avisando que haviam encontrado os corpos das outras moças que estavam desaparecidas embaixo da outra ponte que leva a Eden Isle. Daphnée chegou rapidamente à segunda cena do crime para analisar os corpos e percebeu uma característica comum entre eles: em cada um havia um dedo a menos. O indicador. Um *serial killer* estava em ação. Além disso, todas as vítimas possuíam a mesma pulseira da casa de show.

Daphnée, com o seu jeito metido, sem avisar à polícia, foi à casa de show naquela noite para espionar como as coisas aconteciam. Lá, ela foi recebida pelo segurança, um sujeito alto, gordo e estranho. O seu jeito chegava a incomodar um pouco as moças que ali chegavam, por sinal, desacompanhadas. Dentro do local tudo parecia normal, pessoas se divertiam e bebiam enquanto aguardavam os dançarinos e Daphnée permanecia atenta aos detalhes.

A apresentação dos dançarinos começava. Sempre havia um em destaque, que entrava primeiro no palco. Laurent estava na área vip assistindo à apresentação quando pensou que, juntando todas as pistas e locais que visitou, já conseguiria ter uma base de quem seria o assassino.

Começa então a escrever em uma folha as pistas com seus segmentos: relatos de vizinhos fofoqueiros, brigas com o marido, a estranheza do segurança da casa de show, outros frequentadores da casa que estavam sob efeito de drogas, as pulseiras do local com a identificação da área vip em todas as vítimas... o assassino só poderia ser um vip também!

Ainda não era o suficiente. Laurent precisava fazer algumas perguntas. Foi ao bar, pegou uma limonada e se dirigiu à pista onde muitas pessoas dançavam, inclusive os dançarinos que já haviam encerrado suas apresentações.



Enquanto dançava, Daphnée percebeu que havia muitos casais, inclusive, os dançarinos, e que alguns até costumavam sair da casa de show acompanhados.

Quando ela menos esperou, um dançarino veio por trás e segurou sua cintura enquanto dançava, fazendo com que Daphnée entrasse no seu ritmo. Para a senhorita Laurent, seria apenas uma de suas estratégias de investigação, pois ela não criava laços com ninguém, julgando ser uma perda de tempo.

Aquilo foi ficando cada vez mais intenso, até que Tayler Benet, assim como apresentou-se, a convidou para passar a noite em sua mansão que ficava próximo dali, no mesmo bairro nobre do Aqua Lounge. Ela aceitou o convite.

Lá, Laurent se deparou com uma estrutura exuberante e sentiu-se à vontade. Após horas de conversas e risadas, quando Daphnée já estava perdendo as esperanças de encontrar algo significativo para o caso, Tayler mostra uma expressão maligna no seu rosto e fala:

– Assim como fui indicado para o palco, a senhorita foi indicada para me espionar? Ora... Ora... Os indicadores são os meus prediletos...

Daphnée, que estava deitada no sofá-cama, levanta-se depressa. Ela precisava fugir daquela situação para não terminar como as outras seis moças. Ela corre em busca de segurança e Tayler a segue. Ele queria matá-la. Laurent entra em um cômodo da mansão, se tranca e tenta ligar para alguém, mas o celular estava sem serviço, o que poderia custar a sua vida.

Tayler chuta a porta *várias vezes* para abri-la, mas não consegue, logo trocando os chutes por uma machadinha do seu arsenal. Daphnée percebe e abre a porta pouco antes dele executar mais um golpe, o que o desequilibra e deixa a arma em desfoque,

facilitando a sua fuga. Laurent empurra Tayler e consegue chegar à entrada da mansão, onde, escondida entre alguns arbustos, liga para a polícia. Logo o local estaria cercado.

Os policiais invadem a casa e começam a busca por provas concretas quando descobrem *vários dedos em um freezer no sótão*. Havia também um típico arsenal com equipamentos de tortura, incluindo um soco inglês, a arma usada para assassinar Elisabeth. Além disso, embaixo do colchão do criminoso, havia várias fotografias das vítimas no momento da tortura.

Então, Daphnée Laurent entrega seus votos finais para o xerife Donovan e sua patrulha:

– Quanto ao marido de Elisabeth, eles brigavam muito por desordem na casa dele. Não era ciúmes, pois viviam em um relacionamento aberto. O segurança só era um cara fazendo seu trabalho. Os drogados e bêbados? Bem, naquele estabelecimento é considerado normal. O assassino é o dançarino, um serial killer que sempre era indicado para ser o primeiro a se apresentar nas noitadas do Aqua e mensurava detalhadamente as suas cruéis ações somente por diversão. Assustador, mas inteligente, não é mesmo?



# *CAPÍTULO 7*

*HOTEL LAVANDA*

MAYRA DE CASTRO NASCIMENTO  
PEDRO INÁCIO DE LOIOLA SILVA





É setembro, o gramado cresce selvagem e sem controle, cobrindo a cerca de madeira que contorna o Hotel Lavanda, que antes possuía um belo jardim. A tintura rosa que cobria as suas grandes paredes, do térreo ao primeiro andar, agora são opacas e sem vida. As crianças que corriam do quintal ao saguão cheias de vida agora repousam em outro lugar. Não voam mais borboletas entre as roseiras agora secas. O céu azul com poucas nuvens perdeu a graça, o verão parece eterno e castigante, o lugar parou no tempo.

– Mas como isso foi acontecer? – perguntou a mulher estranha.

– Houve um assassinato, minha senhora. Meu marido foi morto por alguém durante a noite enquanto buscava água para mim, que doente e gestante fui incapaz de descer as cansativas escadas que vão em direção à cozinha.

– E não há nenhum suspeito? Ninguém fugiu após o assassinato ou ligou para a polícia? O que aconteceu com o seu bebê?

Resolvo levantar da cadeira para olhar melhor a curiosa que me falava, era uma mulher forte, com traços do rosto delicados e um cabelo preto bagunçado. Ela usava uma camisa branca que parecia velha e uma calça jeans surrada.

– Antes de responder a todas essas perguntas, preciso saber o seu nome e o que a traz aqui. – ao me levantar, respondi uma de suas perguntas, revelando uma grande barriga de nove meses de gestação.

– Sou a Detetive Nísia, o departamento me colocou para investigar o seu caso, embora ninguém tenha registrado nenhuma denúncia até algumas semanas.

O modo como a detetive fala é um pouco estranho, parece que ela não leva muito jeito para falar com as pessoas. A forma com a qual ela acaba uma frase deixa a entender que está sempre

pensando e se arrependendo de falar, como se tivesse alguma palavra que esquecera de encaixar na frase.

– Prazer, me chamo Helena, a viúva que foi condenada a cuidar dos restos desse hotel após a morte do meu marido, o Saulo. Antes ele cuidava do jardim... É uma vida meio infeliz, sabe? Tínhamos tudo, até que a frequência de hóspedes começou a ser menor e, desde que Saulo foi assassinado, a minha sobrevivência é dependente de doações de amigos... Como eu disse, é uma vida meio infeliz, minha senhora.

A detetive ficou distante por um momento, a poeira dançava pelas frechas de luz que adentravam timidamente o saguão por cortinas semiabertas. Ela engoliu qualquer palavra que lhe sobrava na língua e voltou sua atenção a mim.

– Bom, e não tinha nenhum hóspede? Algum suspeito? A polícia...

– Poucos hóspedes naquela noite. A mulher que trabalhava aqui me ajudando fugiu e só me restou ficar esperando neste hotel que foi se perdendo para o tempo enquanto tudo parece piorar. Parece que eu desafiei o diabo e perdi, não tenho dinheiro, não tenho marido, nem hóspedes, nem família, só tenho a mim e a pequena Júlia que cresce cada vez mais dentro de mim e que vai vir ao mundo só para descobrir que não restou ninguém além de sua mãe. – E eu me perdia nesses pensamentos em noites que viravam dia. Pensava na minha filha, que não ia ouvir o canto dos pássaros nem o assobio de seu pai quando chegava em casa, parece que a estou condenando à minha desgraça de vida, não dá para confiar na doação de pessoas para viver, uma hora elas param de chegar e o que vai saciar a fome da criança? Quem vai ajudar a erguer a cabeça quando o peso do mundo declinar sobre mim? Parece que tudo se perdeu quando eu perdi o meu marido.

– Sinto muito... – Falou a detetive, tremendo os lábios. – Estou aqui para tentar encontrar respostas. Se quiser, posso contactar a assistência social. Alguém tem culpa e alguma razão no mundo deve ser encontrada para explicar a morte do seu marido.

– Na verdade, o que mais me aflige no momento é a morte que me aguarda se eu não encontrar sustento para o hotel. Depois da notícia do assassinato, ninguém apareceu, temo que eu tenha que fechar as portas. Mas para onde eu vou com essa criança? O mundo é um lugar desequilibrado quando você percebe que pode cair de cara nele... começa a fazer de tudo... – Eu paro, sinto um desespero crescente em meu peito, uma falta de ar, talvez eu esteja tendo um dos ataques, são frequentes, minha cabeça parece que vai explodir, eu corro perigo, nada está bem, preciso dos meus remédios... preciso mesmo? Ou será que eles são os responsáveis por minha loucura... – Quem é você? O que você quer aqui?

– Senhora, se sente bem? Acabei de lhe dizer meu nome...

– Nunca lhe vi na vida, se retire daqui antes que eu chame a polícia.

– Helena, eu sou a polícia.

– Mentiras, você mente e eu posso ver isso em você!

– Você precisa se acalmar... Helena, se sente antes que...

Um zumbido, um frio, uma dor. Minha boca está seca, estou deitada no chão frio e duro do saguão... Eu havia apagado.

– Finalmente, tentei ligar para o hospital, mas aqui o sinal não pega e nem tem telefone fixo.

– É... Eu falei com o Saulo para colocar um, mas ele não deu importância, estou um pouco... – fraca, tentei me levantar com o apoio dos braços. – Água, me traga um copo com água, por favor – falei com dificuldade e apontei para uma porta que levava



à cozinha. A detetive foi sem falar nada. Ainda era dia, na verdade final de dia, penumbra. As luzes que antes invadiam a casa pelas cortinas agora eram fracas, produziam sombras e davam ao lugar um ar fantasmagórico. O cômodo circular tinha poucos móveis, um sofá marrom perto da grande janela retangular e o balcão que ficava do outro lado. Estava tudo empoeirado. A detetive está demorando, reúno minhas forças e levanto, sigo até a cozinha. Chegando lá, não encontro ninguém.

– É um lugar interessante. – Tomo um susto, a detetive parece um pouco diferente agora, surgiu um vestido no lugar de suas antigas roupas e seu cabelo parece mais claro, seu nariz aumentou e seu corpo achatou, é a mesma mulher de antes? A pouca luz do hotel deve estar criando ilusões.

– Não se chega assim numa gestante, pode assustar muito. – Espere aí, o que está acontecendo? Quem é você? – A mulher havia mudado outra vez, agora era ruiva e baixinha, lembrava muito uma mulher que passou pelo hotel uns anos atrás.

– Você não lembra de mim, Helena? Sou a amante do seu marido, a primeira de todas, de anos atrás, uma hóspede curiosa. – Antes que eu pudesse pensar em algo, a mulher que agora me era familiar mudou sua forma. – E agora, se lembra? – Agora ela era uma mulher alta, de cabelos compridos e cacheados. – Ou de mim, a mais recente. – Agora era a Nísia que falava. O que estava acontecendo? Eu estou ficando louca? Sim, com toda certeza estou, pelo fato daqueles três rostos conhecidos aparecerem na minha frente, três corpos enterrados no quintal do hotel, como seria possível? Estou perdendo minha pouca lucidez, à beira da loucura e do desespero.

– Você sempre foi uma mulher infeliz, Helena, e não aceitou as vezes em que seu marido te traiu, resolvendo descontar

nas amantes, cada uma com um tiro na cabeça. A espingarda que você usou ainda está guardada no quatinho nos fundos da casa e nossos corpos nutriram o mato verde e selvagem de seu quintal, porém, a culpa do assassinato não pode ser jogada a cinco palmos do chão, está toda presa em você, toda presa em sua consciência, que se esvai, dando espaço somente ao delírio. E, quando finalmente cedeu à loucura, assassinou o Saulo também, seus surtos são a verdade atingindo sua consciência.

Eu não sei o que está acontecendo, é tudo coisa da minha cabeça? A porta da cozinha que leva aos fundos está aberta, o quintal é o lugar mais próximo e seguro, a espingarda ainda está guardada no quatinho dos fundos, posso correr até ela... e vou.

O ar frio da noite me abraçou, corri para o quintal e senti aquele cheiro de natureza, que penetra o nariz como uma pomada para resfriado, o gramado se enroscava no meu vestido como se pedisse por socorro, a noite estava calma, o mundo talvez tenha parado, as luzes do hotel pareciam distantes agora. A verdadeira luz vinha do céu, a lua crescente jogava seu brilho sobre tudo, o escuro parecia vivo. As árvores formavam contornos cinzas, quanto mais eu corria mais o mato ficava alto, aquele jardim realmente precisava de cuidados especiais, talvez algum dia alguém chegue lá e cuide. Me viro e olho para trás, o hotel Lavanda, por mais velho que fosse, ainda tinha um ar confortável. Caio no chão, exausta, no mato parece me abraçar, como se me esperasse por tempos. A luz da lua banha a minha pele negra, o mundo não mais parece morto, mas eu sim. Talvez eu deva fechar os olhos e ir, minha filha parece já ter descansado, todos descansaram, agora só me resta fazer o mesmo. Finalmente, minha mente pondera suas últimas ideias, são as únicas gotas de lucidez que me restam. O que devo dizer em minhas últimas palavras? Um adeus, talvez?



# ***CAPÍTULO 8***

*LADY WILLIAMS*

CECÍLIA MARIANY FERNANDES PEREIRA  
INGRID RAYANNY CORREIA LIRA





Imagine um lindo e belo pássaro, dono da mais graciosa voz, cantando a mais suave melodia. O pássaro, repleto de harmonia, quer ser livre, cantar por onde os raios luminosos de sol batem e a brisa amena do vento leva. Viajar; nas copas das árvores, por entre os galhos, inalar o perfume das flores, embebedar-se com o vapor que sobe da água aquecida dos rios. Mas o pássaro, que já era perseguido, finalmente é preso. Engaiolado por um homem, admirador do seu soar. Não é por maldade. Ele apenas gosta de ouvir o canto da ave e tenta mantê-la o mais próximo de si. Onde sabe que ninguém irá pegá-la e de onde não conseguirá escapar.

Bem, por mais monótona que pareça essa analogia, era assim que eu me sentia. Filha única de dois burgueses americanos, meus pais sempre me idealizaram como o rostinho perfeito que mais tarde se tornaria a mulher perfeita, a esposa perfeita, a mãe perfeita. Mal sabiam eles que, de perfeita, eu não tinha nada.

O ano é 1890, o homem pode se comunicar com outro, independente da distância, através de um objeto singular com fios. Rodas (charretes) perambulam por entre as ruas, transportando pessoas, ou o quer que os seus donos (alta sociedade) bem queiram. Não se precisa mais de tinta e pena para escrever, pois existe uma máquina, que mais se parece uma caixa de botões barulhentos, de onde sai um estranho rolo de papel com tudo o que nela colocamos conforme apertamos os botões. E, mesmo assim, em um percurso cheio de descobertas e avanços que ninguém poderia imaginar que aconteceriam – nem, mais tarde, o que viria – as pessoas persistem em utilizar ineptos estereótipos, que inferiorizam a mulher, a apontando como um objeto descartável, o qual carrega apenas uma única função, que quando ausente, a torna indigna: ser mãe.

Nós não podemos falar, agir ou simplesmente pensar como queremos. Imagine quão grande foi a surpresa (e desgosto) dos

meus pais, e da sociedade em pauta, ao saber que eu, uma mulher com 26 anos, fui para a capital a fim de formar-me na mais nobre, instigante, e desafiadora das profissões: inspetora. Tive o prazer de acompanhar de perto, com os sentidos que a mim foram atribuídos, o esplêndido caso de um dos maiores serial killers da história: Jack, o Estripador. Me encontrava em um completo estado de euforia e meu faminto espírito audaz caminhava rumo ao auge de uma íntegra satisfação. Nada nem ninguém poderia estorvar esse precioso momento.

Pelo menos, era o que eu pensava.

– Bom dia, inspetora. Acabou de chegar-lhe uma carta.

Antes que o carteiro pudesse me entregar, revirei os olhos e busquei todo o ar e paciência que um ser humano poderia ser capaz de conseguir. Com certeza, seria mais uma carta dramática de minha mãe, suplicando que eu voltasse para casa e aceitasse o destino que para mim foi planejado. Mas, ao receber, me deparei com o selo presidencial. Abri. Não acreditava no que estava vendo. Corri ansiosa, feito criança boba brincando com os amigos, em direção ao delegado.

Parei em frente à porta de sua sala, me recompus, ajuntei o vestido e coloquei os fios soltos de cabelo de volta ao seu lugar. O delegado não gostava muito de ter uma mulher em seu departamento. Eu precisava manter a postura e provar que o meu gênero não define quem sou. Bati e, quando ele autorizou, entrei. Sua sala era tão abafada e escura, cheia de medalhas e troféus, que asombrou a muitos. A mim? Não. Aquele lugar me causava pena. Ninguém deveria ser tão obscuro assim. Percebi que os olhos sedentos de sangue do meu chefe me encaravam. Balancei a cabeça e me libertei dos meus devaneios.

– Bom dia, senhor delegado.



– Bom dia, inspetora Williams. O que posso fazer pela donzela a esta hora? Um chá, talvez? Dar-lhe uma folga para cuidar de sua beleza? Afinal, é isso o que uma boa dama deveria fazer e não estar aqui brincando em meio a homens envolvidos em uma causa tão séria.

O delegado me olhava com uma expressão desafiante, esperando que eu revidasse de alguma forma, como uma cobra jararaca prestes a dar o bote. Mas, para a sua infelicidade, eu aprendi que não vale a pena sequer responder. Seja paciente e ignore, inspetora.

– Nenhum dos dois, senhor. Na verdade, vim comunicarlhe que recebi esta manhã uma carta com selo presidencial. Mas, como boa dama, irei retirar-me de sua sala. Talvez para um chá ou quem sabe para descansar a beleza?

Antes que eu pudesse virar totalmente o corpo a fim de me retirar, senti sua mão puxando o meu braço e, assim que olhei para o seu rosto, vi tanta fúria e indignação que um prazer enorme tomava conta de mim.

– O que diz a carta?

– É um convite.

– Um convite? Como assim? Um convite para quê?

– Para um jantar beneficente, que ocorrerá hoje à noite, na Casa Branca.

O delegado estava em um estado de transe. Imóvel. Tão confuso que qualquer pessoa ao lhe ver entraria também nessa desorientação. De maneira não súbita, ele se ergueu, levantou-se de sua cadeira, colocando diante de mim toda a sua majestosa altura e peso em músculos. Sem dúvidas sua intenção era me intimidar. Ah, delegado, a mim não! Estufei os seios, ergui a cabeça e fiz a expressão mais séria que pude. Ele estremeceu.

– A senhora quer levar uma escolta?

– Obrigada, senhor. Mas não será necessário. Sou apenas mais uma dama em um lugar repleto de diplomatas.

Antes que eu pudesse me retirar vitoriosa de sua sala, o chefe chamou-me novamente.

– Inspetora!

– Senhor?

– Bom trabalho.

Eu sabia o quão difícil era para ele, um homem de época, machista, dizer aquelas palavras para uma mulher empoderada. Apenas assenti com a cabeça e dei um sorriso de lado, claro. Saí daquela sala me sentindo invencível. Aquela era a minha chance e tudo teria que sair perfeito. Santo Deus, quase me esqueci! Afinal de contas, ainda sou uma dama. Rumo às compras!

Após horas e horas procurando um vestido que me representasse não só como mulher, mas também como a profissional que sou, estava exausta. Mas só fisicamente. Meu espírito saltitava de alegria, feito cachorrinho quando encontra seu dono.

Chegando à Casa Branca, frente àquela luxuosa mansão, parei e respirei um pouco. Não sabia o que esperar. Entrei, encantada com cada detalhe dourado que tinha lá dentro. As obras de arte chamavam a atenção de todos. O salão estava repleto de pessoas da alta sociedade. Ministros, juízes, senadores, deputados e suas respectivas esposas. Claro, em uma sociedade ainda opressora, poucas mulheres ocupavam cargos públicos e nenhuma (exceto eu, pelo visto) um cargo digno de estar presente em renomado lugar e ocasião. Avistei o senhor juiz Bebbanburg e sua excêntrica esposa. Eles olhavam para mim e cochichavam algo. Inocentes, não sabiam das minhas habilidades de leitura labial. Contestavam a minha tolice por não ter seguido os passos que uma mulher deve seguir. Ah, antiquados.

Algo distraiu minha atenção do casal. O ministro, o qual parecia muito nervoso, por sinal. Antes que eu conseguisse fazer uma análise melhor da situação, o tilintar no quilate de uma taça de champagne solicitou os holofotes de cada um dos convidados. O Excelentíssimo Sr. Presidente, acompanhado de sua digníssima esposa, Sra. Ross, formavam diante de toda a multidão o mais belo e contente casal. Ludibriados aqueles que acreditam nas aparências. Washington inteira sabia que após a Sra. Ross anunciar sua candidatura a prefeita na próxima eleição, ela e o seu esposo entraram em uma enorme crise matrimonial. O Sr. Ross, e toda a sociedade estadunidense, considerava a Primeira-dama uma delirante, pois uma mulher jamais poderia ser respaldada eleita pelo povo para um cargo diplomático tão importante.

– Senhoras e senhores, é com muito prazer que recebo vossas senhorias aqui hoje, unidos solidariamente por uma causa tão nobre. As instituições carentes dos Estados Unidos da América agradecem a cada um de vocês.

Todos na sala aplaudem o presidente. Que farsa!

– No entanto, anuncio-lhes que tenho um pronunciamento a fazer.

– Sr. Presidente, peço, encarecidamente, perdão por interromper Vossa Excelência em meio a um pronunciamento que creio ser de profusa valência. Mas acredite em seu conselheiro, ministro e amigo de velhos tempos, quando peço-lhe para aguardar e me conceder alguns minutos de colóquio. Garanto, o Sr. Presidente não irá se arrepender.

Todos se entreolham, mas permanecem em silêncio, aguardando um posicionamento do presidente. O jantar estava ficando interessante.

– Pois bem, senhor ministro. Espero que não demore muito.

Estou com fome. No entanto, não serei um mau anfitrião. Sirvam o jantar.

Todos riram com o bom senso de humor do presidente e ele se retirou do salão passando pelo chefe de segurança, solicitando extrema privacidade. O ministro acompanhou-o. Aqueles dois escondiam algo. Meus sentidos estavam aguçados.

O chefe de cozinha, muito belo e garboso, a propósito, entrou com os pratos principais. Como de costume, a Primeira-dama era a primeira a ser servida. No entanto, o jovem tropeçou em seus próprios pés e, para evitar um maior desastre, apoiou-se na Sra. Ross. Um fato incomum. Não tão nervoso (ao meu ver), o chefe pediu inúmeras desculpas à Primeira-dama, a qual, como a gentil mulher que era, sorriu várias vezes e disse-lhe para não se afligir. Após o ocorrido, o chefe nos serviu e se retirou do salão apressadamente.

Altas conversas nada diplomáticas ecoavam no salão, muitas gargalhadas e algumas esposas já embriagadas. A Primeira-dama estava envolvendo-se nas conversas até que pediu licença para ir à toailete.

Passam-se alguns minutos e nenhum dos anfitriões ou o Primeiro-ministro voltou. Começam os burburinhos, inclusive um boato de que o ministro está tendo um caso com a Primeira-dama e o presidente descobriu. De forma súbita, a Sra. Ross retorna ao salão e todos ligeiramente mudam de assunto. Logo em seguida, o ministro retorna. E todos começam a se perguntar pelo presidente. Que falta de educação, até mesmo para ele.

– Querido, saíste há pouco com o presidente, mas ele ainda não retornou... O que houve?

A Sr. Mitchel, esposa do então atual primeiro ministro dos Estados Unidos, perguntou aquilo que todos queriam saber.

– Ele disse que iria ler alguns documentos importantes antes de retornar, mas decerto não deve demorar.

Estaria eu mentindo desonrosamente se vos dissesse que acreditei em tais palavras, algo certamente não estava correto. Um odor característico se destacou em meio a tantos aromas de perfumes caros, inconfundível ao meu olfato aguçado, algo queimava em alguma instalação, provavelmente na cozinha. O Chef pomposo retornava ao salão para comprovar meu veredicto.

– Mil perdões por esse imprevisto, senhores, a cozinha estava uma loucura e acabei queimando um dos pratos principais, mas tudo já está sob controle.

Com um sorriso tímido, ele deixou o local, que já discutia sobre a incompetência do funcionário contratado para um evento tão importante. O que mais me chamou atenção não foi seu despreparo, mas sim a falta de seu avental, que há pouco recobria sua roupa de empregado. A Sr. Ross, sempre atenta com seus empregados, questionou-o.

– Onde está seu avental?

– Oh! perdão, senhora. Na correria caiu molho nele, então tirei para lavar, pois achei que não seria adequado vir ao encontro dos senhores com a roupa tão suja.

– Decerto que sim. Providencie outro e seja mais cuidadoso.

A Primeira-dama estava em meio a risos e gargalhadas com os convidados, parecendo pouco se importar com a ausência do marido; sua secretária, por outro lado, vendo que os burburinhos estavam aumentando, resolveu ir procurá-lo. Ouvimos um grito. Alto. Agudo. Horrível. Logo todos se levantaram, algo estava errado. Confirmei meus pensamentos ao ver o rosto banhado em lágrimas da secretária que adentrava inconformada o salão. O presidente estava morto.

Corri para o escritório junto com a esposa dele, os seguranças e alguns curiosos. O corpo estava debruçado no chão com um copo de whisky quebrado a poucos centímetros, e uma faca cravada em suas costas. A forma mais baixa de assassinar alguém, pelas costas. Mandei isolar toda a área e pedi que os empregados da Casa Branca cuidassem da autópsia, do velório e de toda a parte burocrática dos jornalistas, pois agora eu tinha um assassinato para desvendar.

Analisando minuciosamente a cena do crime, tudo parecia em ordem, não havia nenhum sinal de luta, o que indicava que o assassino o pegou desprevenido. O caso seria mais difícil do que eu imaginava, pois, a única pista que encontrei foi a faca cravejada de rubis, presente dado à Primeira-dama pela rainha da Inglaterra. Quando eu já estava deixando o local, avistei um brilho no chão, o inconfundível broche da Primeira-dama estava na porta do escritório. Parece que temos um suspeito. O Sr. Mitchel também estava na minha lista de principais suspeitos, pois foi o último a ter contato com o presidente. Conversando com o chefe de gabinete, descobri que há algum tempo incompatibilidades no setor financeiro vinham existindo, pois o dinheiro de algumas peças que estavam sendo leiloadas nesses eventos não estava chegando às devidas instituições. O encarregado em administrar as finanças e repassar para esses órgãos era o então filho do primeiro ministro, mas a confirmação sempre era dada pelo próprio ministro. Havia rumores de que o presidente teria tirado satisfações quanto a isso, e, por conseguinte, a relação entre os dois estava muito decadente. Visto isso, eu tinha mais um suspeito que precisava ser interrogado.

– Sr. Primeiro Ministro, gostaria de lhe fazer breves perguntas. Acredito que está arrasado por ter perdido, além de um



grande presidente, um grande amigo. Respeitarei seu luto, mas as investigações não podem parar.

– Srt. Williams, compreendo seu trabalho, não há nada a esconder.

– Pois bem, até então sabemos que foi o último que esteve com o presidente antes de seu assassinato, o que o torna um dos principais suspeitos. Qual foi o cunho da conversa que teve com o chefe da nação?

– Ele havia me chamado para esclarecer algumas pendências sobre a aprovação da Lei Sherman Antitruste que regulamenta alguns atos comerciais

– Ora, por favor, sabemos que o presidente não sairia no meio de um jantar importante para tratar de assuntos que poderiam ter sido ditos em outro momento, além de que foi você quem o interrompeu quando ele parecia dizer algo importante. Colabore com o questionário; caso contrário, não iremos colaborar com você. – Percebi que ele havia ficado nervoso. – Diga-me, ele iria demiti-lo, estou correta?

– Eu queria conversar com ele para evitar essa humilhação pública.

– E se ele recusasse?

– Ele não ia recusar.

– Por que você iria matá-lo?

– Decerto que não!

– Você foi visto na cozinha, o que foi fazer lá?

– Pelo amor de Deus, eu fui apenas beber água!

– Obrigada, pode se retirar. Chame a Sra. Ross, por gentileza.

Ouvi ao longe o ecoar dos sapatos de Charlotte, até cessarem quando ela sentou elegantemente na minha frente, mostrando em seu olhar penetrante quão tamanha era sua prepotência. Ini-

ciei o interrogatório, ignorando a avaliação crítica que ela fazia mentalmente ao meu respeito.

– Sra. Ross, você foi vista ontem, antes de ir à toalete, nos arredores da cozinha. O que foi fazer lá?

– Apenas ver se estava tudo em ordem para o jantar.

– Como era a sua relação com o presidente?

– Genevieve, você é moça solteira, não entenderia as desavenças de um casal.

– Acredito que meu conhecimento não dependa de ter ou não um homem em minha cama. Por favor, não me desrespeite.

– Oh, querida, não quis ofendê-la. Estou de luto e muito triste pela morte de meu amado, mas nosso casamento não estava dos melhores. É uma tragédia, mas pelo menos agora poderei me eleger.

– Obrigada, já tenho tudo que preciso.

Há tempos não me deparava com um caso como este, a falta de provas não facilita minha investigação, pois não posso acusar ninguém sem a falta das mesmas. Apesar do broche ser algo que incrimine a esposa da vítima, ainda assim não é suficiente. Saí de meus devaneios quando ouvi alguém bater suavemente na madeira italiana que compunha minha porta. Mandeí entrar. Era a secretária que encontrou o corpo, ela parecia terrivelmente abalada e assustada.

– Inspetora, estou aqui porque não suporto mais tanta angústia, não suporto mais esconder tanta sujeira. O Sr. Mitchel e a Sra. Ross estavam tendo um caso há algum tempo. Fui à procura do escritório com a intenção de avisar ao presidente que o diplomata inglês estava de partida e exigia falar com ele antes de se retirar e, quando adentrei, ele me disse que iria apenas resolver algumas pendências e já iria. Ouvi uns ruídos vindos da toalete

e dei de cara com os dois em momentos íntimos, eles me viram e me ameaçaram para que eu não contasse nada a ninguém, por isso não a procurei antes.

Agora tudo parecia um labirinto sem fim, este álibi inocentou minhas duas principais suspeitas.

O tempo foi passando e a cobrança do público e do estado por respostas foi se intensificando. E em meio a isso, o meu profissionalismo foi questionado diversas vezes. Folheando um jornal de alguns meses atrás, encontrei uma reportagem que deu muito o que falar no país: Jack Carter, o primeiro homem a ser executado por cadeira elétrica no estado de Nova York. Observando melhor a fotografia, notei uma certa semelhança com os traços do cozinheiro que estava na noite do assassinato. O caso foi reaberto, agora com um novo suspeito. O nome dele era Eric Carter, irmão de Jack Carter, os dois participavam de um antigo grupo de ódio contra o governo, que estava aparentemente inativo há dois anos, desde a condenação de Jack. As ideias e provas foram se iluminando como o mais intenso raio de sol, agora tudo fazia sentido.

Cá estava eu, cara a cara com o assassino do presidente dos Estados Unidos da América. Nunca tive tanto prazer em fazer um interrogatório como este em toda minha vida.

– Olá, Sra. Inspetora, devo pedir perdão se lhe subestimei em algum momento... Para uma mulher, até que sabes usar o cérebro.

– Não seja insolente, Carter. Achaste mesmo que eu iria acreditar em comida queimada? Ora, subestimias além da conta!

– Assuma, foi genial.

– Engenhoso, não nego. Afinal, ninguém imaginaria que serias capaz de queimar a comida para disfarçar o cheiro do seu avental sujo do sangue do presidente sendo consumido pelo fogo.



– Sou cuidadoso.

– Exceto por ter usado uma faca para matá-lo, um objeto que certamente só poderia ter vindo da cozinha.

– Engana-se se pensas assim. Tanto a Primeira-dama, quanto o ministro adentraram a cozinha antes de se encontrarem com o presidente. Quem vos garante que não poderiam ter pego?

– Agora explique-me, como sabias que a Primeira-dama se retiraria do salão, tornando-se assim uma suspeita? Para então pegar o broche em seu cabelo naquele seu falso tropeço?

– Bom, as notícias correm soltas por essas paredes. Ouvi que o primeiro ministro e a esposa do homem que vocês insistem em chamar de presidente estavam tendo um caso, então resolvi ficar à espreita dos pombinhos. Ouvi que tinham combinado de se encontrar no banheiro do gabinete, seria o momento perfeito.

– E o primeiro ministro? Como fez virar um suspeito?

– Esse pobre ladrão foi apenas um brinde que o destino deu para mim. O velho estava na hora errada, no momento errado. Tadinho. Mas não podemos culpá-lo, não é mesmo? Queria apenas livrar a cara de uma vergonha pública.

– Você é um psicopata, está ciente disso?

– E você é uma bela donzela, senhorita, uma pena esconder suas belas curvas em roupas tão sem graça. – Polícia! Acabei meu interrogatório. Podem levá-lo.

Os policiais adentraram à cela e pegaram-no pelos braços, para conduzi-lo a seu fim, idêntico ao do irmão.

– Gostaria de dizer suas últimas palavras, Sr. Carter?

Seu olhar encontrou o meu, parecendo duas adagas penetrando minha alma:

– Morte aos Ross!



# ***CAPÍTULO 9***

*UM ASSASSINO ENTRE NÓS*

BÁRBARA SOARES VIEIRA  
BIANCA HELENA LEÃO NUNES





Em uma tarde comum no ano de 1922, acontecia uma reunião no quartel do exército militar em que o coronel Filinto Onofre anunciava uma promoção, bastante cobiçada, que seria dada a um dos três sargentos escolhidos: Thierry Lamartine, Remy Edmond e Carlos Cifuêntes, marido de Alba Cifuêntes, filha de Filinto.

– O exército precisará de um novo subtenente e foi dada a mim a missão de escolher quem será ele. Por isso chamei-os aqui. Os senhores são os três sargentos mais eficientes que temos atualmente. Suas ações serão observadas nos próximos dias, então deem o seu melhor. A promoção será anunciada oficialmente em um jantar na minha residência daqui a quinze dias. Alguma pergunta?

Ao encerrar a fala, o coronel sentou-se em sua cadeira e olhou para os sargentos enquanto tomava um gole do seu uísque, esperando não ser incomodado com nenhuma pergunta. Fitou especialmente seu genro, Carlos, que devolveu o olhar com um sorriso ambicioso, que não passou despercebido por Remy, o qual sempre nutriu certa inveja pelo sargento. Thierry, por sua vez, parecia tranquilo com a notícia, quase ciente de que seria o amigo quem ganharia a promoção devido aos seus serviços prestados e ao laço com o coronel.

– Não, senhor. Estamos dispensados? – perguntou Thierry, fazendo continência. O coronel apenas balançou a cabeça em sinal de afirmação e os três sargentos saíram.

Naquele dia, a tarde passou especialmente rápido. Ao cair a noite, os sargentos, que já tinham cumprido todos os seus deveres com dupla atenção, resolveram sair para comemorar.

– Cavalheiros, cancelem o jantar com suas esposas. Hoje iremos comemorar o próximo subtenente com direito a muito uísque! – convidou Thierry com entusiasmo.

– E as mais belas mulheres! – completou Carlos.

– Muito me admira que Carlos, tendo a mulher que tem em casa, queira olhar para outras. Quem me dera ter a sorte que você teve... – disse Remy, com um misto de reprovação e melancolia.

– Meu caro, Alba é realmente uma joia de mulher, mas não é tão experiente em outras questões como é em cuidar da casa... se é que me entende – respondeu Carlos, com um sorriso malicioso.

– Bem, como, graças a Deus, não tenho o rabo preso nem invejo a mulher de meus amigos, vou aproveitar-me de meus privilégios e fornicar à vontade essa noite. As maricas me acompanham ou vão para casa ficar com suas esposas inexperientes? – atirou Thierry, olhando especialmente para Carlos, enquanto se dirigia para a saída. Os dois sargentos o acompanharam.

Antes de Carlos e Alba se conhecerem e casarem, Remy tentou desposar a moça, mas sem sucesso. O pai de Alba queria alguém à altura de sua única filha, educada para ser uma esposa respeitável e dona de casa impecável. Do mesmo modo, Carlos foi criado também por uma família rica, que o incentivou a ir para o exército e honrar o seu pai, que foi herói de guerra. As famílias, amigas de longa data, viram a oportunidade perfeita para estreitar os laços casando os filhos.

Thierry, por seu lado, nunca demonstrou interesse em querer casar-se, fazia o tipo fechado, frio, de poucas palavras. Mesmo sendo amigo de Carlos há muito tempo e tendo chegado ao exército por intermédio dele, o amigo pouco sabia sobre ele, somente o necessário, que vinha de uma família boa de origens francesas e se mudara para o Brasil pois não queria viver para sempre com o peso de honrar a família e continuar a linhagem, vivendo eternamente uma vida que lhe foi imposta e não a que ele escolheu. Por isso, na primeira oportunidade, veio para o Brasil, buscando

estabilidade financeira e liberdade, sendo um dos solteiros mais cobiçados do Rio de Janeiro.

Quando chegaram ao Trixy's Club, foram recebidos com a mesma alegria de sempre por Beatriz Bittencourt, a dona do estabelecimento. Beatriz é uma mulher à frente de sua época, com uma beleza incomparável. Seus olhos verdes fazem seu olhar ser penetrante e torturante ao mesmo tempo, não há quem entre em seu recinto sem antes passar por uma “vistoria”. Mesmo não estando mais em seus tempos de glória, ela mantém uma forma física invejável que ainda faz sucesso entre os homens.

Já conhecendo os cavalheiros que adentraram o salão, separou-lhes uma de suas melhores mesas, serviu o melhor uísque e mandou três de suas mais belas moças para servi-los. Sabia que não podia cometer nenhum deslize com tais clientes tão assíduos, principalmente Thierry e Carlos, que, mesmo após casar, não deixou de frequentar a casa. Quando estavam devidamente acomodados, foi dar uma palavrinha com eles:

– Olá, meus queridos. O que traz os cavalheiros aqui? Meu caro Thierry, como tens andado? E o senhor, Carlos? Já estava sentindo sua falta por aqui, parece que o casamento o tem afastado dos velhos amigos. Remy Edmond, é uma honra tê-lo entres nós.

Thierry, que já estava acostumado com a hospitalidade da cafetina, foi o primeiro a responder:

– Beatriz, minha flor! – levantou-se para beijar a mão da mulher – Sempre tão bela e atenciosa.

– Oh, meu querido. Gentileza sua – respondeu Beatriz, enrubescida e deixando à mostra um sorriso contente.

– Beatriz, querida! – cumprimentou Carlos com alegria – Já estava com saudades de tamanha beleza e encanto.

– Nem me fale, Carlitos, você nos abandonou quando colocou a aliança no dedo – disse, fazendo um biquinho.

– Se eu soubesse que seria recebido com tanto ardor, viria mais vezes – disse Remy, que estava observando a conversa.

– Qualquer um que venha com a intenção de se divertir é bem recebido aqui, senhor Edmond. Venha mais vezes, agora que já sabe como será bem tratado – respondeu Beatriz, enquanto servia mais uísque para os sargentos e enchia o cantil de Thierry com Steinhaeger Schlichte, sua bebida preferida – Bem, se precisarem de algo, sabem onde me encontrar. A única regra da casa é deleitar-se dos prazeres que ela oferece – e saiu, dando uma piscadinha para os rapazes.

O tempo foi passando entre bebidas, conversas e mulheres, no entanto, Remy não se sentia confortável com o rumo que a noite tomava. Thierry não perdeu tempo em usar seu charme para sair com duas moças, enquanto Carlos papeava com Remy sobre a promoção oferecida por seu sogro.

– Ser promovido a subtenente é a oportunidade que eu preciso para melhorar de vida. O salário é quase duas vezes melhor que o nosso de sargento, sem contar os privilégios e a elevação social – falou Remy, esperançoso.

– Mas sabemos, meu caro colega, que essa promoção já tem um nome, você a perderá para mim, assim como perdeu minha mulher – com olhar de desprezo e gargalhando em seguida.

Remy, sem dizer nenhuma palavra, se retirou da mesa e saiu furioso do bar. Thierry chegou com algumas moças à mesa e Carlos o contou sobre o ocorrido enquanto Thierry o olhava desconfiado.

Estava ficando tarde e preferiram pedir a conta. Beatriz os atendeu e entregou um cartão de brinde do clube. Foram embora satisfeitos.

Amanheceu e manchas de sangue no chão anunciavam uma tragédia: Carlos estava morto. Seu corpo foi encontrado no chão da sala por um dos empregados da mansão. As manchas seguiam até o quarto da esposa, Alba, que tinha sangue nas roupas e uma faca ensanguentada em sua cama. O empregado, desesperado, liga rapidamente para o coronel anunciando que sua filha assassinou seu próprio marido. O coronel chegou à mansão acompanhado de policiais e Escobar Dupin, homem alto, dono de uma grande barba e também um dos melhores detetives da cidade. O ambiente estava esmorecido e a filha do coronel aos prantos.

– Filha, o que fizestes? – pergunta Filinto, decepcionado.

– Pai, eu sinto muito, não é culpa minha – falou Alba, gaguejando e ainda perplexa com o que tinha acontecido.

Alba foi levada com a polícia para a delegacia, onde ficou presa, e o coronel dirigiu as seguintes palavras ao detetive:

– Quero que avalie o caso! Minha filha nunca seria capaz de tal atrocidade. Prefiro acreditar que exista outro culpado, pois esse é um peso que não quero ter que carregar.

– Farei o melhor que posso.

Todos foram embora, restando apenas o detetive e um empregado, que ficou para limpar o local.

– Você sabe de algum inimigo que Carlos tinha e para onde ele foi ontem à noite? – perguntou ao empregado.

– Não, senhor.

O detetive investigou cuidadosamente a cena do crime e percebeu que as janelas estavam fechadas, o que indicava que o suposto assassino não passara por ali. Não havia sinais de arrombamento também. Havia bebida jogada no chão, uma bebida diferente, pouco servida em festas, em uma mansão como aquela principalmente, mas ele sabia qual era. Quando olhou debaixo

do sofá, encontrou dois cartões de um clube que ele próprio frequentou algumas vezes e já sabia onde seria sua próxima busca.

Depois de analisar e anotar o que viu, o detetive foi à delegacia conversar com a esposa da vítima. A esposa estava bastante comovida pela morte de seu marido e imaginou que não poderia ser diferente, pois pouco acreditava que uma mulher tão franzina tivesse conseguido matar com uma única facada no peito um homem alto e forte como Carlos. Ele a questionou sobre o que tinha acontecido na noite anterior.

– Tínhamos brigado, pois ele não avisou que chegaria tarde em casa e estava com cheiro de uísque e perfume de mulher... Nós brigamos e acabamos remoendo coisas do passado. Ele saiu de casa alterado e sem dizer para onde ia. Eu não tinha o que fazer, então fui para o quarto esperar ele chegar e acabei adormecendo. Quando acordei, tinha uma faca ensanguentada perto de mim e manchas de sangue, foi quando o mordomo chegou desesperado e deduziu que eu seria a assassina, mas eu juro, não fui eu! – respondeu Alba, chorando em desespero.

Após o depoimento da esposa, Dupin vai ao clube. Chegando lá, busca informações sobre a noite anterior com as atendentes e mostra uma foto de Carlos, para o caso de alguém tê-lo visto no local. Beatriz imediatamente informou que o atendeu na noite passada e falou que ele estava acompanhado de dois amigos, além dos por menores do período em que os amigos permaneceram por ali. Com essas novas informações, havia mais um suspeito: Remy Edmond.

Primeiro o procurou no quartel, mas ele não havia chegado ainda, então foi à sua casa e o encontrou sendo consolado pela sua mãe pela perda do amigo.

– Bom dia, senhor Edmond, sou o detetive Escobar. Estou cuidando do caso do assassinato de Carlos Cifuêntes e soube que



ontem à noite os senhores tiveram um desentendimento. Pode me contar como isso ocorreu?

– Eu e Carlos nunca fomos muito amigos em virtude de assuntos do passado, mas ontem à noite Thierry nos convidou para sair e comemorar uma promoção que nos foi oferecida. Eu fui, para não fazer uma desfeita, mas quando chegamos lá Thierry logo saiu com duas moças e eu e Carlos ficamos a sós. Então, eu falei que essa promoção poderia trazer muitos benefícios para mim, pois como ele era genro do coronel já era quase certo ele ser promovido, mas não custava eu tentar. Porém, ele zombou de mim, eu fiquei com raiva e saí mais cedo. Ele ficou esperando Thierry – desabafou Remy de uma vez só. – Eu não tenho motivos para fazer isso e nunca magoaria Alba desse modo, mesmo que agora ela esteja livre... – completou ele com sofrimento.

– Entendo. Mas acho que alguém humilhado duas vezes pela mesma pessoa, tem motivos de sobra para livrar-se dela...– analisou o detetive.

– Como eu disse, senhor, mesmo com tudo que aconteceu entre mim e Carlos, não seria capaz de tirar sua vida.

– É o bastante. Obrigado por colaborar. Passar bem.

Para o detetive, o crime havia sido solucionado, então apressou-se em comunicar ao coronel. Ao chegar na casa dele, encontra-o sentado no canto da sala, pensativo, enquanto tomava um uísque duplo.

– Coronel, tenho o caso solucionado. Sua filha não matou seu genro – disse o detetive assim que entrou.

– Eu sabia! Minha doce Alba nunca seria capaz de tal coisa. Mas, quem foi o infeliz que fez isso? E ainda por cima incriminou a minha filha! Eu vou matar esse sujeito!

– Calma, Coronel, o culpado vai responder por isso, mas dentro dos termos da lei – tentou acalmar o coronel, mas sem sucesso.

– Então, me diga de uma vez, quem matou Carlos?

– Foi o seu amigo, Thierry – afirmou Escobar sem vacilar.

Filinto tossiu o uísque que bebia diante da afirmação e perguntou, perplexo:

– Mas como? Thierry era um grande amigo de meu genro, sempre esteve ao lado dele! Ele não faria isso!

– Desculpe decepcionar o senhor, mas ele fez. Todas as provas apontam para ele. Todas as portas e janelas da casa de sua filha estavam fechadas e sem sinais de arrombamentos, ou seja, era alguém conhecido. Não poderia ser Alba, pois ela estava dormindo quando ocorreu o assassinato e, devido ao seu tamanho, seria improvável que ela conseguisse atingir o peito do marido sem dificuldade e com uma faca pequena, usada propositalmente pelo assassino para incriminá-la, pois não é um objeto que alguém preparado utilize para matar alguém. O assassino deveria saber que os dois tinham discutido aquela noite. E sabia. Carlos foi procurar Thierry após a briga com Alba e os dois foram beber. Carlos voltou para casa quase inconsciente, segundo um dos vizinhos que os viram chegar, e foi exatamente Thierry quem o levou. Isso explica porque foi tão fácil cravar a faca em seu peito, pois ele não tinha como se defender. Fui ao clube para saber sobre a noite que antecedeu o crime, questionei à dona de quais bebidas os três desfrutaram e ela me respondeu que beberam uísque, mas informou que Thierry optou por Schlichte Steinhäger, a qual reconheci pelo cheiro e por sua cor amarelada característica na cena do crime. Ela também comentou de uma briga que um deles, Remy, teve com Carlos, um bom momento para Thierry cometer o homicídio, pois, se fossem investigar alguém além da esposa, suspeitariam de Remy. Também encontrei dois cartões do bar no local do assassinato. A moça comentou que entregou dois, um a cada,

já que Remy tinha ido mais cedo, após a discussão com Carlos. Então, Thierry deve ter deixado cair por lá, junto com seu cantil onde eu reconheci sua bebida.

Enquanto Escobar detalhava o ocorrido, Filinto desabou no sofá sem conseguir acreditar no que escutava.

– Como pode? Por que Thierry fez um absurdo desses?

– Por ambição, senhor – respondeu o próprio Thierry que escutava a conversa escondido no corredor. – Carlos obtinha vantagem clara para ganhar a promoção, mas ele não precisava, eu, sim, preciso. Não me ocupei em tentar me livrar de Remy, pois ele nunca teria chances de obter o cargo. Agora eu sou o único merecedor de ser subtenente e serei, pois, ninguém, além dos senhores, sabe quem realmente matou seu genro e eu já dei um jeito de incriminar o tolo de Remy e soltar Alba, não se preocupem. Mas não posso correr o risco dessa nossa conversa vazar. – Enquanto terminava de falar, Thierry, com dois tiros certos usando a pistola do coronel, pôs fim ao seu plano.



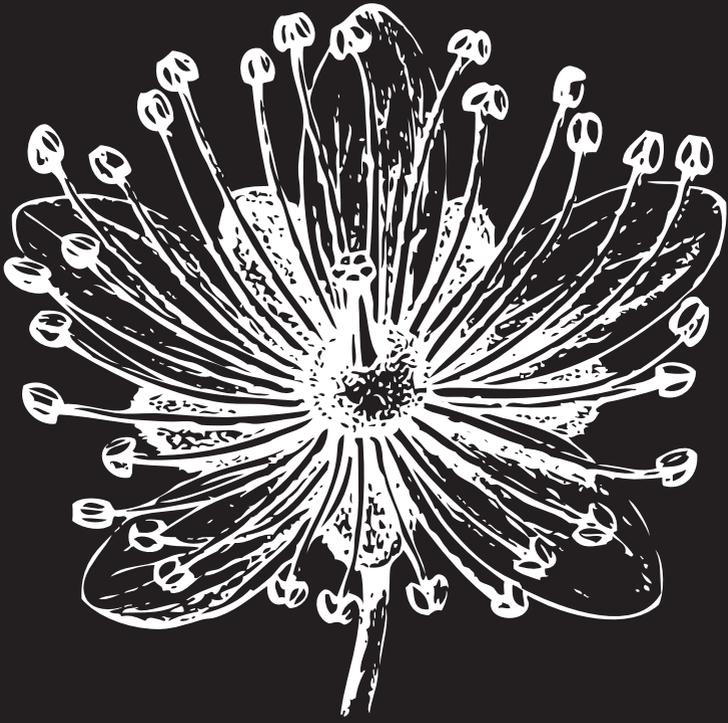
# ***CAPÍTULO 10***

*O ESTRANHO CASO DA  
FLORICULTURA MARTÍNEZ*

LEYCA MIRLEY SANTOS SILVA

THÊMIS SELENE LEITE SILVA





Cali, 22 de julho de 1971. Já era tarde da noite e eu estava arquivando os casos solucionados quando a Capitã Lizcano me chamou à sua sala:

– Detetive Santiago, sei que o seu turno acabou, mas você é uma entre os nossos melhores, e, por isso, preciso que solucione um novo caso.

Franzi o cenho, estranhando o fato da Capitã estar muito apreensiva, mas balancei a cabeça em um gesto de concordância.

– Qual é o caso?

– Aconteceu há algumas horas. Uma senhora ligou, afirmando ter encontrado uma mulher morta na floricultura Los Martínez. Alana Ângelo foi assassinada por espancamento e até o momento estamos sem provas e suspeitos, por isso você é essencial para esse caso.

– Irei imediatamente para o local.

Eu me retirei da sala, peguei minhas coisas e me dirigi à Los Martínez, já imaginando a principal causa do homicídio. Ao chegar à floricultura, a primeira coisa na qual pensei foi que a moça havia reagido a um assalto, mas logo descartei a hipótese, pois não havia sinais de destruição pela loja, o caixa estava cheio e, além disso, aquele bairro era muito tranquilo, tendo ocorrências raras e sem gravidade.

Realmente, a cena não possuía muitas pistas, mas eu precisava cumprir meu trabalho. Resolvi analisar o cadáver. Ela estava deitada de bruços, o que é intrigante. Supostamente ela se moveu, caso contrário, seu corpo estaria virado para cima ou de lado, indicando uma tentativa de se proteger.

Olhei de relance para as suas mãos. Ela segurava algo, mas, quando me aproximei para abri-la, o técnico da necropsia e o legista chegaram para levar o corpo e providenciar a autópsia.

Nesse momento, não pude fazer mais nada além de esperar para descobrir que objeto era esse que ela segurava com tanta força.

Quando o corpo foi levado, avistei um pequeno rastro de sangue que se estendia até uma caixa cheia de embrulhos de buquês. Levantei-a e encontrei marcas: eram algumas poucas letras escritas no piso de madeira que diziam “FOI RO”. E, pela primeira vez na noite, eu me animei, finalmente uma pista que me levaria ao culpado.

Fotografei a marca e fui procurar nos arquivos da loja documentos sobre todos os funcionários da floricultura e pendências com fornecedores. Aparentemente, Alana era a única florista da Los Martínez. Se ali trabalhavam outras pessoas, essas não eram registradas, o que dificultava mais ainda essa investigação.

O que eu poderia fazer com aquele rabisco? Terei que ir mais a fundo e não descansarei até encontrar e prender o causador da tragédia. Continuei a procurar indícios por toda parte, até que encontrei a bolsa da moça e já estava quase me frustrando quando finalmente sacudi um caderninho e de lá caiu uma foto. Tinha duas pessoas presentes, a própria Alana e um homem, o qual poderia ser um novo suspeito.

Apesar de precisar de respostas, já era tarde demais. Passei na delegacia para deixar os pertences da moça que poderiam servir como prova e fui para casa. Mesmo pronta para dormir, não conseguia parar de pensar no assassino: primeiro, eu precisava descobrir quem era o homem, mas ainda tinha a velha que iria dar o seu depoimento.

Quando o dia amanheceu, eu já estava na delegacia. O meu foco agora era descobrir quem era o tal homem misterioso. Mas como ainda era muito cedo, fui investigar a rotina da vítima. Realmente, nada parecia errado com a mulher, nenhum envolvimento com a polícia ou algo do tipo, ou seja, ela estava “limpa”.

A senhora chegou para o depoimento e parecia injusto supor que ela seria a assassina. Andava com dificuldade e se apoiava em uma bengala, a pobre mulher era viúva e estava no fim da vida. Entrou na sala com ar de cansaço e sentou-se.

– Senhora Iolanda Martinez Negrete, pode começar.

– Olha, eu não sei dizer o que aconteceu, apenas fui fazer minha visita diária à floricultura, porque gosto de passar por lá e conversar com Alana enquanto vejo as flores. Mas agora já não é possível nem ver as flores nem conversar com a moça.

– Porque não será possível ver as flores? O estabelecimento não foi danificado e pode funcionar normalmente.

– Ah, mas você não sabia? O dono vai fazer um Clube de Salsa no lugar, o que me deixou muito triste.

– O dono? Mas tão rápido?

– Sim, saiu nos jornais. Parece que mortes não são boas para o negócio.

– Preciso saber mais sobre o crime. A senhora viu alguém saindo da loja? Ou algo estranho acontecendo pelas redondezas do bairro?

– Não detetive, o dia estava tranquilo assim como a noite no bairro. E não vi ninguém por perto da floricultura.

– Tem certeza? Essas informações são cruciais.

– Ah, sim... Agora me lembro, uma moça passou por mim, apressada, quase correndo.

– Ótimo! Poderia descrevê-la?

– Estava escurecendo, não vi muita coisa, mas eu acho que a conheço. O cabelo vermelho me faz quase ter certeza que era a dançarina de um clube, aquele que fica no mesmo bairro, mas não lembro o nome dela.

A senhora tinha me mostrado um novo caminho, mas aquele homem não saía da minha cabeça.

– Precisamos do nome do clube, mas além disso a senhora conhece esse homem da foto?

– Claro que sim. É o namorado da Alana, trabalhava na loja. Roberto, o seu nome.

– Roberto? A senhora sabe onde ele estava durante o crime?

– Sim, esse é seu nome. Pelo que eu soube por Alana, ele foi visitar os pais no México.

– Mais alguma coisa, senhora? Algo estranho ou peculiar?

– Não, apenas essa moça. Se vi, não lembro, a memória me falta às vezes.

– A senhora ajudou muito. Obrigada pelo depoimento.

É.. Com certeza aquela mulher não cometeu o crime, mas ela nos deu novos suspeitos. O namorado era o primeiro na lista, o risco do chão parecia fazer sentido agora, teria sido o tal Roberto? Mas se ele estivesse no México seria quase impossível provar que ele era o culpado.

Por outro lado, também tinha a dançarina, porque ela estava tão nervosa? Eu precisava investigar. Decidi voltar à cena do crime. Procurando novamente por registros de funcionários, encontrei em uma gaveta empoeirada um contrato no qual Roberto, que agora descobri ter o sobrenome Arenas, era registrado como gerente da floricultura.

Voltei para a delegacia e fui até os casos fechados, procurando por alguém que tivesse o seu nome. Não encontrei nada e resolvi dar uma olhada nos arquivos de ocorrências não solucionadas. Procurei em todas as classificações, até chegar aos casos de violência doméstica. E lá estava, Roberto Arenas Consuegra, três passagens na polícia por agressões físicas a ex-namoradas, não sendo preso em nenhuma das denúncias. Agora ele era deveras um suspeito, poderia ter agredido a namorada por ciúmes e o risco no chão levava a investigação até ele. Necessitava indagá-lo imedia-

tamente, sem perder nem mais um segundo. Pedi que o suspeito fosse intimado. Ele chegou confuso no departamento, mas foi rapidamente direcionado à sala, logo, comecei o interrogatório:

– Então, Sr. Roberto, onde estava na noite de 22 de julho?

– Havia acabado de chegar de uma viagem que fiz ao México.

Fui visitar meus pais.

– Qual era a sua relação com Alana Ângelo?

– Eu era chefe dela.

– Apenas chefe?

– Ah... ela também era minha namorada.

– Como era a relação de vocês?

– Bem... Nós tínhamos uma boa relação, tanto no trabalho quanto casualmente.

– Apenas isso?

– É... Acho que sim.

– E o que você diz sobre as brigas de vocês que os clientes presenciaram na floricultura, principalmente pelo ciúme que você tinha da Srta. Ângelo com os clientes homens?

– Eu não sei do que você está falando!

– Sr. Arenas, eu te aconselho que fale somente a verdade para mim, pois facilitará muito o meu trabalho e a sua vida.

– Ah, qual é?! O que você tem a ver com isso?

– Alana Ângelo foi encontrada morta, cheia de hematomas no piso da floricultura, com marcas de espancamento, e o seu histórico não é nada bom: três passagens na polícia por denúncias de violência doméstica, incluindo uma morte por asfixia após ter sido informado da denúncia da terceira vítima, sem falar nas outras várias vítimas que somente deram depoimento para confirmar as denúncias. Então, eu aconselho que consiga provar que estava viajando; caso contrário, as coisas vão ficar difíceis para o seu lado.



– Eu sou inocente, apesar de não ter a ficha limpa. Passei a me tratar depois que comecei um relacionamento com Alana, aprendi a controlar meus surtos de raiva. Além disso, posso provar que estava no México.

Depois da frustração com Roberto, eu teria que ir em busca da dançarina. Dessa vez, nada era óbvio: o namorado, que tinha todas as evidências para ser o assassino, tinha um alibi e foi comprovado inocente. Essa moça também parecia inocente, andar nervosa pela rua não é um motivo para ser acusada de assassinato.

Ao chegar no clube de que a senhora falou, fui até o bar e comecei a observar o local procurando pela mulher de cabelos avermelhados. Esperei por 20 minutos até vê-la descendo a escada, percebi que ela estava inquieta e, apesar de precisar interrogá-la, decidi não dizer-lhe que era da polícia. Acabei inventando que queria trabalhar no estabelecimento, só assim a mulher se acalmou.

– Sim, eu estou sem emprego, praticamente desesperada.

– Infelizmente, não temos vagas...

– Bem, que triste, pensei que hoje seria o meu dia.

– Você pode deixar seu número aqui, e, se alguma menina for embora, eu te chamo.

– Muito obrigada. Como é seu nome mesmo?

– Me chamo Rosalía.

– Ok. Muito obrigada, Rosalía.

Estava quase inocentando a participação da dançarina, mas outro nome era associado ao risco feito na floricultura, agora era preciso saber como ela se relacionava com Alana. Seria ela uma assassina? Os golpes pareciam tão profundos que, se uma mulher tivesse matado a florista, precisaria de um objeto para fazer um estrago daquele tamanho.

Voltei ao departamento e pedi que enviassem uma intimação à Rosalía. No momento, eu precisava do resultado da perícia, porque saber como Alana foi morta era essencial. Quando os resultados chegaram, logo vi que minha intuição estava certa, a vítima foi morta por espancamento, mas os golpes foram intensos, confirmando minha teoria. O objeto, nesse caso, era um soco inglês.

Alana carregava na mão um lápis, que foi usado para escrever no chão, junto a alguns fios de cabelo que se enrolavam por entre os dedos da moça.

Eu precisava mandar fazer uma revista no clube e na casa de Rosalía e, se encontrassem a arma, poderia incriminá-la. Mas, antes disso, eu precisava fazer o interrogatório. A dançarina chegou na delegacia muito nervosa e assim que me viu arregalou os olhos, surpresa.

– Você?

– Sim, senhorita. Me desculpe pela farsa, mas eu não queria deixá-la mais nervosa.

– Mas por que tudo isso? Não estou entendendo.

– Uma moça foi encontrada morta ontem e uma testemunha disse que a senhorita andava pelas redondezas muito nervosa. Poderia informar o porquê?

– B..bem eu não matei ninguém senho...ra.

– Então, porque está tão nervosa?

– Não sei, é impossível ficar calma nessa situação...

– Pois terei que informar que a senhorita é a principal suspeita.

– Mas como se...

– Se o que?

– Nada, eu realmente sou inocente.

Nesse mesmo momento, alguém entrou na sala mandando prender Rosalía. Em sua casa encontraram a arma, além de que, na caneta que Alana carregava, tinha alguns fios de cabelo avermelhado. Todas as provas levavam à dançarina, mas tem uma parte dessa história que eu preciso descobrir.

A moça foi presa aos prantos, dizendo que era inocente, mas ela não tinha álibi. A arma ainda estava suja e, se os testes comprovassem que os cabelos eram de Rosalía e o sangue de Alana, ela não teria saída.

Os testes saíram e finalmente consegui comprovar que Rosalía Conteras era a culpada, mas algo parecia faltar nessa história e eu iria descobrir. Todas as provas estavam na minha mesa, prontas para serem arquivadas junto com outros casos resolvidos. Então, comecei a colocá-los na caixa um a um, sobrando somente o soco inglês. Peguei-o e fiquei observando-o atentamente, cada detalhe, até que encontrei uma marca, uma flor de lótus, símbolo que não me parecia estranho.

Precisava de respostas, então fui à cela de Rosalía. Era necessário submetê-la a mais interrogatórios. Logo, mandei o policial encaminhá-la à sala de espelhos.

– Você foi considerada culpada, mas algo ainda está errado nessa história.

– Porque realmente tem coisas muito erradas acontecendo.

– Como?

– Vá até o fim da floricultura e abra a portinha que tem a mesma pintura que a parede. Você vai ver do que eu estou falando.

De volta à floricultura, percebi que as últimas peças do quebra-cabeças estavam se encaixando. Olhei para o letreiro da loja rapidamente e percebi algo estranho: “Floricultura Los Martínez”.

Era de lá que eu reconhecia o símbolo, a mesma flor da arma do crime sempre esteve na placa da loja, um pequenino detalhe que formava o acento do “i”. Com certeza, estava no caminho certo.

Entrei na loja acompanhada de mais dois policiais. Eles haviam contratado uma nova atendente, a quem mostrei o distintivo, ordenando que me deixasse entrar nos fundos da loja. Ela não questionou. Roberto, por outro lado, assim que me avistou, tentou impedir que eu e meus colegas entrássemos loja adentro, deixando escapar um ar de preocupação. Entramos mesmo assim. Nos fundos da loja, não havia nada de especial, apenas um quarto vazio, com uma pintura de flores nas paredes. Não é possível que Rosalía houvesse mentido, ela estava amedrontada demais para conseguir fazer isso.

Continuei procurando por algo nesse quarto – algo ali não cheirava bem – até que encontrei uma espécie de alavanca, empurrei-a e uma porta camuflada se abriu, mostrando um outro cômodo. Entrei: estava tudo escuro e gélido, procurei pelo interruptor até que as luzes finalmente acenderam, mostrando uma câmara de resfriamento para órgãos roubados.

Fiquei horrorizada com a cena e novamente a minha intuição estava certa, essa morte estava envolvida com outros crimes. Alana provavelmente descobriu o que estava acontecendo ali e foi morta brutalmente, Rosalía foi a assassina, mas com certeza não era a responsável por esse carniceiro.

Comecei a pensar sobre o caso e, realmente, o dono daquilo teria que ir constantemente ao estabelecimento, então a floricultura era um belo disfarce. Quem mais frequentava aquele negócio parecia ser incapaz de tal atrocidade, mas era uma possibilidade.

A senhora Iolanda foi chamada novamente. Quando ela entrou na sala e sentou-se, passei a observá-la. Com isso, vi algo que

não tinha visto antes, o símbolo de lótus estava em sua bengala, como na arma do crime e na placa da floricultura. Era impossível existirem tantas coincidências. Fiz poucas perguntas e deixei que fosse embora, pois apesar de tudo não poderia apontá-la como criminosa, faltava que a própria Rosalía a entregasse.

Antes de qualquer ação, eu tinha que falar novamente com a dançarina. Fui até sua cela e vi que agora ela estava quase conformada com a prisão.

– Eu preciso que você diga a verdade sobre essa atrocidade: a dona desse tráfico é a senhora Iolanda?

– Parece ser loucura, mas sim, essa velha é o próprio demônio. Não confie nela.

– O próprio demônio? Eu deixei que ela fosse embora, acho que não desconfiou de nada.

– Como? Você fez essa burrada? A velha deve ter percebido e nesse momento está saindo do país.

Nem respondi à detenta, fui correndo até a capitã para informar o absurdo que estava acontecendo. Imediatamente, várias viaturas foram mandadas em busca da tal velha, mas Rosalía estava certa, Iolanda Martinez Negrete descobriu o que estava acontecendo e fugiu. Procuramos por toda a Cali e a senhora parecia ter virado vapor. Dessa vez perdemos a criminosa.

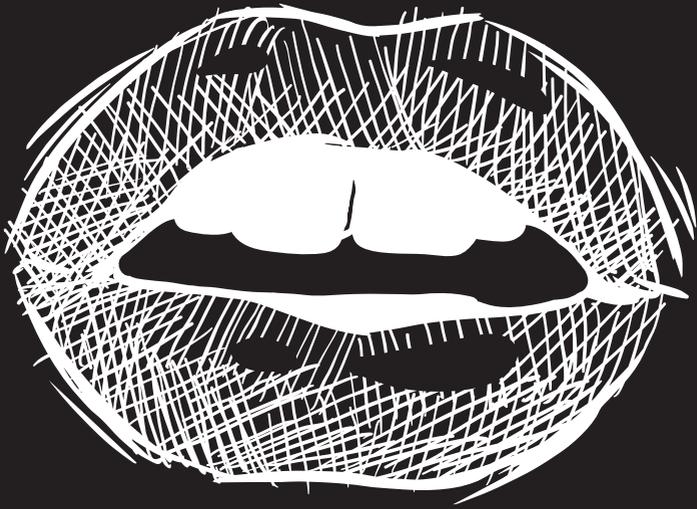
Mas com certeza a busca não teria fim. Essa senhora vai ser conhecida por todas as delegacias da Colômbia e do mundo, até que seu trabalho sujo seja interrompido definitivamente.

# ***CAPÍTULO 11***

## *LÁBIOS AZUIS*

GUILHERME MEDEIROS SILVA  
PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA ABRANTES





Em uma cidade como San Francisco, é normal acidentes automobilísticos: ora mais; é uma cidade grande e populosa, com um dos piores trânsitos dos EUA. Dessa forma, uma pessoa atropelada torna-se algo banal, não é mesmo? Exato! Mas um acidente em particular causara um verdadeiro alvoroço no bairro Union Square, onde a senhorita Mônica Singer – uma moça fina e elegante que trabalhava nas mais luxuosas e badaladas casas noturnas – foi atropelada na noite antepassada e encaminhada inconsciente ao hospital. No entanto, enigmaticamente, faleceu no dia posterior, sem aparentes relações com o acidente, pois o veículo não atingira órgãos vitais, é o que alegavam os médicos.

Nesta manhã, quando o ponteiro maior do relógio incidia exatamente sob o número 8, William – um advogado, meu amigo de longa data e parceiro de agência – me procurou para propor um caso, o de Mônica. Will era uma pessoa simpática e leal, porém, hoje, ele estava diferente, um pouco calmo demais e de certa forma frio. Todavia, isso não vem ao caso, ele deveria estar assim por me relatar como procedeu o crime. Segundo ele, sou um detetive esperto e mais qualificado para desvendar o mistério acerca da morte da senhorita Singer. Topei na hora! Um caso como esse não é corriqueiro por aqui, no máximo investigo um marido cuja esposa é ciumenta. O advogado ficou satisfeito e aconselhou-me a encontrar com o legista exatamente às 15h, uma vez que a perícia deveria estar concluída. Mas, de início, pedi que me repassasse detalhadamente as informações a respeito do crime:

– Pois bem! O que deseja saber, Roger?

– Tudo. Somente tudo o que você sabe. Mas vamos com calma, sente-se.

– Bem, o acidente ocorreu na Union... – com um aceno de mãos, o interrompi.

– Basta, informações irrelevantes! Você é suficientemente sensato para entender do que estou falando. Diga-me, Will, nunca foi a uma apresentação da senhorita Mônica? Não precisa responder, pois há quem diga que eram íntimos. Não seria por isso que está aqui?

– Admito que tive realmente a chance de conhecê-la, mas não diria que éramos íntimos. Em suas apresentações, era aclamada pelo público, realmente fazia jus à fama.

– Algum fanático ou alguém que poderia ter causado o acidente?

– É fato que tinha um público cativo, muitos fãs, entretanto não imagino quem faria mal a um só fio de seu cabelo. Ela era querida. As noites de domingo nunca serão as mesmas, sabe? Enfim, a fama tem dessas, há muitas “amizades” e não duvido que houvesse alguém...

– É, tanto é que aconteceu.

– Infelizmente.

– Mas diga-me, Will, o que ela fazia ali? A Union é do outro lado da cidade.

– Bem, ela não estava trabalhando naquela noite, a patroa dela disse que era sua folga e ela costumava passear com a irmã. Ela mora por aqueles lados, não sei muito mais que isso. Já estou quase atrasado.

– Entendo.

– Não esqueça de procurar o legista às 15h, e não se preocupe, eu já o avisei de sua visitinha – antes dele passar pela porta, chamei sua atenção:

– William, ela estava metida com “algo”?

– Não posso responder a isso oficialmente. Todavia, há burburinhos sobre umas saídas em carros de vidro fumê.



Pontualidade não é muito o meu forte, sempre chego atrasado nos meus compromissos. Um péssimo costume para minha profissão. Um detetive se atrasar? Quem é que vai dar credibilidade para ele? Então, para evitar isso, me dirigi de antemão para o necrotério. Não era tão longe do escritório; logo, fui a pé. Uma caminhada pelos lindos campos cinzentos de concreto, respirando o ar poluído de San Francisco. Bastante empolgante! Além disso, o calor era ainda pior, mas felizmente o necrotério estava perto. Porém, me deparei com um Ford F-150 preto com um leve amassado no canto inferior direito do capô. O vidro da janela do passageiro desceu, e pousei meu pulso na testa, a fim de entender quem estava em minha companhia. No momento seguinte concluí, era o sargento Richard na direção. Richard é um homem alto e musculoso que amedronta qualquer um. Levei minha face ao seu encontro, pousei a mão no teto do carro e o cumprimentei:

– Tudo certo, Sargento? Você não costuma vir a essas bandas.

– Não, mesmo, mas é que... estou voltando do mecânico – disse, desconcertado pela minha curiosidade.

– Desculpe minha curiosidade, Sargento Richard, mas está voltando do mecânico com esse amassado? Acho que ele não fez um bom serviço, eu pediria o dinheiro de volta.

– Roger, Roger, sempre querendo saber mais do que lhe cabe. Eu peguei um atalho para o trabalho de Laura, minha esposa, porém me perdi. Você sabe, esses GPS fazem tudo, menos dizer o caminho certo. Mas e quanto a você? É o caminho oposto ao escritório, não?

– Agora lhe pergunto... Quem é o detetive? Em resumo, estou a trabalho. Vou encontrar um amigo – não pretendia, revelar meus planos, todavia não queria ser grosso.

– Então, me diga, vai ficar aí parado ou vai me deixar dar uma carona?

– Assim você me deixa constrangido em recusar, mas é necessário, espero que saiba que estou agradecido. Então, melhor irmos logo, sua esposa não vai gostar do atraso e muito menos meu colega. Então faça uma boa viagem, meu caro.

– Digo o mesmo.

– Ah... E antes que eu me esqueça, a avenida principal é a duas esquerdas e uma direita.

Richard sempre foi um cara humilde, mas sempre teve essa personalidade incrivelmente forte e fechada. É uma boa pessoa e bastante conhecido na região pelos seus grandes feitos. Imagine! Prender cinco bandidos em uma operação sozinho não é para qualquer um.

Eu tentei comparecer pontualmente, porém a conversa se estendeu um pouco mais do que devia. Cheguei 15 minutos atrasado ao necrotério. O cheiro de formol era característico do local, assim como as macas, ocupadas por corpos sem vida, e as bancadas contendo instrumentos cirúrgicos e órgãos. O legista estava observando um cadáver aos fundos, o de Mônica. Mesmo morta, a jovem fazia jus à sua fama. Realmente era uma moça bonita e deslumbrante, de cabelos loiros cacheados que lhe caíam sobre os ombros, lábios carnudos e levemente azulados, nariz fino e curvas bem definidas. Mônica deveria ter despertado paixão em diversos homens e causado ciúmes às suas mulheres. Doutor Franklin, um legista bastante esque-lético que usava óculos, examinava a moça com tamanha concentração que nem mesmo percebeu minha presença, o que lhe causou um certo espanto:

– Ô, que susto, garoto! Quem é você?

– Meus cumprimentos, sou o Detetive Roger Winter. Presumo que esteja a par de minha visita. Meu colega, Dr. William...

– Sim, sim. Ele comentou a respeito – disse com aquela voz aguda.

– Como descreveria a morte, por sua perspectiva?

– Vou tentar ser o mais coloquial possível – disse, em tom de deboche.

– Doutor, acho que sou suficientemente bem preparado para discernir seus termos – não resisti a rebater suas provocações.

– Ora, que bom! Ao analisar os registros do oxímetro, percebi que a senhorita já foi recebida com níveis longínquos da eupneia, isso não facilitou a sua estadia no Hospital. Olhe – disse, enquanto retirava os ossos quebrados e os pulmões de dentro do cadáver – Percebe que há uma pequena perfuração no segmento basilar anterior e basilar medial?

– Sim, claro... Porém, receio que nossa conversa esteja se estendendo e não quero incomodar – Estava um pouco perdido, só um pouco.

– Ora, mas não faz nem 10 minutos.

– Não se preocupe. Creio que seria proveitoso a ambos terminar sucintamente essa conversa.

– Se é o que quer... poderia dizer que a Mônica sofreu uma insuficiência respiratória devido à perfuração pulmonar, que já comentei.

– Hum... muito fascinante. Mas quero que me diga, por sua experiência, essas fraturas parecem a de um acidente? Ou têm cunho intencional?

– Oh, mas é claro, há meros machucados, algumas fraturas em membros... Infelizmente, a pobre Mônica somente teve como “assassino” um socorro tardio, isso foi sua ruína.

– Um irresponsável ao volante – corriji. – Pois bem, tem algum laudo com os detalhes?

– Sinto muito, não. Outrora, se desejar, posso pedir ao meu assistente e ele irá entregá-lo.

– Seria muito satisfatório. Obrigado. – saí de lá com o orgulho ferido e com o rastro mais apagado que nunca.

O caso parecia esvaír-se de minhas mãos, algumas coisas não pareciam fazer sentido. Alguns fatos simplesmente se contradiziam. Ou será que é só impressão minha? Eu realmente não faço a mínima ideia. Minha cabeça já não funcionava tão bem, deveria ser o cansaço acumulado de algumas noites mal dormidas causadas por excesso de pensamentos. Às vezes, a mente de um detetive funciona até mesmo em horas totalmente inapropriadas e inusitadas. Todavia, algo não se encaixava. Presunçoso, resolvi ligar para William, havia desvendado o mistério:

– Will, é o Roger.

– Fala, cara! E aí, como foi o encontro com o Dr. Franklin?

– Ocorreu bem, mas ele complica demais as coisas. Quase não falava como a defunta morreu.

– Então, como realmente a senhorita Singer morreu?

– A moça morreu por sufocamento. O acidente fez com que uma de suas costelas perfurasse seu pulmão, mas como o corte foi pequeno a morte foi lenta. No entanto, algo não se encaixa... – Will me interrompeu rapidamente.

– Você descobriu algo a mais? Quem a atropelou?

– Tenho um suspeito em mente. Coincidentemente o carro do sargento Richard apresenta uma amassadura em sua lataria frontal. Encontrei-o um tanto quanto nervoso hoje à tarde, me parece suspeito. Ou melhor, o real assassino.

– O sargento? Mas por que ele faria tamanha atrocidade?



– Ora, meu caro Will. Mônica seria sua amante. Ameaçou contar a Laura sobre o caso, mas Richard não aceitou. Com medo de que a senhorita Singer o delatasse, resolveu retirar-lhe sua vida.

– Roger, sempre soube que você seria capaz de desvendar o enigma! Amanhã mesmo o sargento estará atrás das grades.

– Pois bem. Vou aproveitar um pouco a noite. Irei a alguma boate ou uma casa noturna. Quem sabe...

– Use proteção. Obrigado por trabalhar no caso de Mônica, Roger. Te devo uma.

– Irei cobrar.

Dirigi-me para a boate Angels, que coincidentemente era a mesma em que a senhorita Singer trabalhava.

– Ô, Rogerzinho, tá tudo bem, isso acontece... – disse minha belíssima acompanhante tentando me consolar. – Deve ter sido o vinho, com certeza.

– Hum... Se está tentando realmente me consolar, para de falar comigo no diminutivo.

– Ai, não foi minha intenção – disse enquanto virava o rosto para rir.

– Olha, já que não há reembolso para essas desavenças do destino, vamos conversar.

– Nossa, não seja tão dramático. Já disse: isso acontece – me acalmou ela dizer isso com o olhar mais sincero.

– Você trabalha aqui há muito tempo?

– Na verdade, sou uma das anjinhas júnior, estou em fase de teste há um mês.

– Hum... Você conhecia a Mônica?

– Ahh! Então, é um dos coleguinhas dela, hein? Todo mundo é só Mônica pra cá, Senhorita Singer pra lá... Ela nem era tão boa assim, sabe? Quer dizer, imagino que saiba.

– Calma, nunca tinha visto uma anjinha ciumenta. Não sei se isso é bom, mas é minha primeira vez. Aqui é claro, quer dizer. Não costumo frequentar esses lugares.

– Então é mais um esnobe, preconceituoso?

– Não, não mesmo. Só nunca tinha vindo mesmo.

– Hum... Então porque a curiosidade pela tal Mônica?

– Elementar, minha cara detetive – falei e rimos. – Ouvei falar no jornal, atropelamento... Que provavelmente foi um bêbado qualquer.

– Ah, eu não sei não. – disse, enquanto acendia um cigarro barato.

– Como assim?

– Como eu sei que nossa noite aqui ficará entre nós... Ô, aquelazinha, nunca engoli... Sempre entrando em carros estranhos, com ligações às escondidas, namorando homem casado...

– Homem casado?

– Sim, nunca viu? – falou, balançando a cabeça e soprando uma fumaça cinzenta.

– Oras, claro. Então, quem? Que homem?

– Ih, tá muito interessado... Olha, ninguém vai saber dizer quem é, mas usava um sobrenome de Conan, a gente pensa que é ele...

Quando saí de lá, me senti como que em vácuo estranho de incerteza – talvez seja a bebida ou a falta dela. De qualquer jeito, me sentia estranho, não conseguia parar de pensar naquele nome. Conan, onde? Quem? Amigo, cliente, vizinho? Não sabia, mas era estranhamente familiar. Vaguei um pouco pelas ruas da Union. Os postes faziam a iluminação da umbrosa noite por meio de luzes amareladas e as fachadas das lojas também auxiliavam, luzes vermelhas, laranjas e azuis... Azuis! Voltei para casa,

deitei-me sobre a cama e, pela primeira vez em algumas semanas, consegui adormecer. Minha cabeça estava exausta. Havia solucionado um grande mistério.

Novamente em meu escritório, Will adentra satisfeito. Afirmou que ontem mesmo enviou dois tiras à casa dos Dares e mandou prender o sargento que estava dormindo ao lado da sua esposa:

– O assassino foi preso! Estava dormindo ao lado da chifruda quando foi apreendido. O sargento ainda teve coragem de negar o crime.

– Que pena... – comentei um pouco entristecido.

– O que aconteceu, Roger? Resolveu sentir pena de assassino?

– Se o Richard fosse assassino, com certeza não sentiria pena dele...

– Como assim?! – o advogado me interrompeu nervoso.

– Meu caro Will! Foi apenas uma coincidência o amassado do carro do sargento. Falei com sua esposa ontem à noite, o amassado havia sido causado por uma bola de boliche de seu filho. O garoto é um pouco travesso.

– Hein... Então você não sabe quem matou a Mônica?

– Não, eu efetivamente sei quem foi! Mas antes de dizer-lhe quem foi deixe-me contar uma história: primeiramente, a senhora Singer não morreu por uma perfuração em seu pulmão. As afirmações do legista e dos médicos se contradiziam. Logo, resolvi voltar ao necrotério enquanto o Doutor não estava. Sabe, o dinheiro compra tudo, a mentira e até mesmo a verdade, em alguns casos. Paguei uma quantia ao assistente do legista, que me contou que Mônica morreu envenenada por cianeto enquanto estava no hospital, pois a morte é rápida. Por isso, seus lábios estavam azula-



dos, o cianeto deixa pistas. O jovem rapaz também contou que o legista mentiu sobre a real causa da morte, pois havia sido subornado; segundo, ela realmente tinha um caso com alguém, a visita a Angels me esclareceu algumas dúvidas. Uma amiguinha me falou que Mônica saía com um homem, casado, em particular, que atendia pelo nome de Conan; ele a atropelou quando a moça afirmou que iria contar para sua esposa do caso. Porém, a jovem não foi atingida em órgãos vitais. Então, o serviço foi terminado no hospital, a pobrezinha foi morta envenenada por esse tal de Conan – um nome de solteiro de um conhecido -, que deveria ter facilidade em acessar alguns locais.

Will estava em silêncio.

– O legista já está preso por falsificação de perícia e por mentir para uma autoridade. – Nesse momento, dois policiais entraram no escritório.

– Conan, o senhor está preso por assassinato, suborno e ilegitimidade de informações. Melhor dizendo... William Biffh, você está preso!

# ***CAPÍTULO 12***

*UMA FÓRMULA INCOMUM*

CARLOS AUGUSTO PEREIRA TERRA  
PEDRO GUSTAVO GRANJEIRO BENTO





Era uma quinta-feira à noite quando fui visitar um amigo, Dr. Torres, um químico muito famoso que adorava estudar os venenos para achar antídotos. Torres chegou na manhã da terça-feira e tínhamos marcado de tomar uma cerveja no Dallas hotel, local onde estava hospedado.

Ao chegar no Dallas, deparei-me com o recepcionista, que me indicou o número do quarto do Sr. Torres. Chegando no quarto, bati na porta e ninguém respondeu, bati novamente e nada aconteceu. Desci até a recepção e perguntei a Marcos, o recepcionista, se o químico havia saído do hotel. Ele olhou os registros digitais e os escritos e viu que ele não havia saído do hotel, mas que duas pessoas o visitaram à tarde.

Retornei ao seu quarto e bati na porta novamente, porém ninguém respondeu, fiquei preocupado e resolvi arrombar a porta. Dr. Torres estava estirado no chão sem nenhum sinal de vida. Seu corpo estava repleto de hematomas, principalmente na região do pescoço, e apresentava sangramentos na boca. Na cama, havia um soco inglês manchado de sangue. Seu quarto estava todo bagunçado e, sobre a mesa do seu escritório, havia um papel em que estava escrito: “fósforo, oxigênio, nitrogênio, boro, oxigênio e enxofre.”, provavelmente uma de suas anotações. Além disso, em cima da mesa também havia dois copos, um cheio e outro vazio.

Assustado com o que vi, chamei a polícia imediatamente para resolver o caso. Depois que eles investigaram tudo, levantaram três possíveis suspeitos para o assassinato: a primeira era a Sra. Turner, a esposa de Torres; o segundo suspeito era o Dr. Ponbos, um grande amigo de Torres que também era químico, porém utilizava seus conhecimentos na área de floricultura; e o terceiro era Alfred Anglin, um traficante de drogas conhecido.

Ao ver que a polícia não estava levando o caso a sério, resolvi investigá-lo, pois Torres era um grande amigo. Primeiro fui até Marcos, o recepcionista, e pedi para que checasse as câmeras e os registros escritos para saber quem tinha visitado o Sr. Torres no dia do seu assassinato. Vi que Dr. Ponbos o visitou às 14:00 horas e que Alfred Anglin chegou em seu quarto às 14:30. Algo estranho é que as câmeras não pegaram Alfred chegando ou saindo do hotel, só se sabe que ele visitou o Dr. Torres devido aos registros escritos.

Resolvi, então, visitar os suspeitos para interrogá-los. Primeiro fui até a casa de Ponbos. Logo que bati na porta, fui recepcionado por sua esposa que me guiou até seu escritório.

– Olá, Dr. Ponbos! Me chamo Antônio, poderia me responder algumas perguntas? Estou analisando o caso do senhor Torres e você é um dos suspeitos.

– Olá Sr. Antônio! Sente-se e inicie suas perguntas, por gentileza.

– Onde você estava às 14 horas da quinta-feira?

– Fui visitar meu amigo Torres – disse Ponbos.

– E qual o motivo da visita?

– Bem, eu já vinha falando com ele há algum tempo pedindo ajuda para desenvolver algumas substâncias, porém ele não estava podendo me ajudar. Então, aproveitei que ele estava na cidade e fui pedir ajuda pessoalmente.

– Para que você queria essa substância?

– Para realizar algumas mutações nas minhas flores.

– Okay! Obrigado pelas respostas.

Despedi-me de Ponbos e caminhei em direção ao meu carro. Ao sair da sua casa, percebi que havia um par de luvas jogados no lixo, nada demais, até porque Dr. Ponbos era químico. Então segui viagem e fui bater à porta de Alfred Anglin, onde fui recepcionado pelo próprio Anglin, que parecia já estar à minha espera.

- Bom dia, Sr. Anglin! Meu nome é Antônio, estou resolvendo o caso do Dr. Torres e queria lhe fazer algumas perguntas.
- Bom dia, Dr. Antônio! Sente-se e pergunte, por favor.
- Onde você estava às 14h30 da quinta-feira?
- Fui visitar o Sr. Torres – falou Alfred.
- Que horas saiu do hotel? E por que o visitou?
- Saí aproximadamente às 14h40, fui visitá-lo, pois sou um dependente químico e o Sr. Torres produzia minhas drogas.
- O que fez depois da visita?
- Voltei para casa.
- Era só isso, obrigado pelas respostas!

Despedi-me de Alfred e então parti para a cidade da Sra. Turner. Lá, fiz as mesmas perguntas e nada evidenciava que era ela a assassina, pois, segundo informou, tinha passado a semana internada devido a uma intoxicação que provavelmente era fruto dos experimentos do seu esposo. Fui até ao hospital em que ela ficou internada para saber se isso realmente tinha acontecido e, sim, as informações foram dadas acertadamente, pois vi os seus laudos médicos e as imagens das câmeras do quarto no qual havia permanecido.

Ainda confuso e abalado pela morte do meu amigo, voltei até a cena do crime para saber se eu não tinha deixado nada passar despercebido. Olhei as câmeras do hotel e vi que estavam cobertas com fitas; fui até o quarto, que estava isolado, onde aconteceu o assassinato e as pistas ainda estavam nos devidos lugares; analisei com muito cuidado todas elas. O crime foi tão perfeito que não havia nenhuma digital no quarto inteiro, porém, ao conectar os acontecimentos, descobri quem havia sido o assassino.

Corri até a delegacia para fazer a denúncia, chegando lá me deparei com o Coronel Flik.

– Olá Coronel! Vim fazer uma denúncia, descobri quem matou o Dr. Torres.

– Olá Antônio! Me conte quem é esse assassino.

– O assassino é o Dr. Ponbos! Ele visitou o Dr. Torres às 14 horas e o envenenou, isso explica o copo vazio e o outro cheio na cena do crime, mostrando que o Dr. Torres ingeriu o veneno. Como Torres estudava bastante tais substâncias, percebeu logo que tinha sido envenenado e deixou um bilhete codificado em cima da sua mesa. No bilhete havia alguns nomes de elementos químicos, vendo isso peguei a sigla de cada um na tabela periódica e como resultado encontrei o nome: PONBOS. O fato de ter hematomas e sangramentos era o próprio sintoma do envenenamento, o soco inglês e as câmeras tapadas eram pistas falsas, possivelmente colocadas para acusar Alfred. Além disso, ao visitar o Dr. Ponbos, percebi que ele tinha jogado um par de luvas no lixo, as luvas que utilizou no assassinato, por isso não havia nenhuma digital, sem falar que ele foi o primeiro a visitá-lo, o que explica o fato de que quando Alfred chegou no quarto do Sr. Torres, às 14h30, ele já estava morto, por isso Alfred saiu do hotel às 14h40.

– Excelente trabalho, Sr. Antônio! Irei me encarregar de prender Dr. Ponbos!

– Obrigado, coronel Flik! Espero que a justiça seja feita!

– Espere! Antes de ir embora, por qual motivo ele cometeu o assassinato? E por que Alfred não é o assassino? – disse Flik.

– Alfred não seria o assassino, pois ele era um dependente químico e o próprio Torres produzia suas drogas. O motivo para que ele cometesse esse assassinato era por inveja, Ponbos é um químico pouco conhecido e tinha inveja da fama e riqueza do Dr. Torres, sem falar que Torres se recusara a ajudá-lo no desenvolvimento de uma substância.

# ***CAPÍTULO 13***

*VERATRUM ALBUM*

ÉRIKA MYLENE DOS SANTOS SOUSA  
MARIA ALICE TRIGUEIRO ALVES





*Terça-feira, 15 de abril de 2019*

Eu, Karina Carter, estou no volante observando o conturbado (e pouco atrativo) trânsito de New York. Nunca cogitei que depois de tanta desvalorização e pouca credibilidade no trabalho por simplesmente ser mulher, seria-me confiada um caso instigante e, ao mesmo tempo, óbvio.

Cheguei ao hospital, estacionando o carro e apressando-me para entrar. Segui em passos rápidos pelo corredor, parando na entrada do quarto. Na cama, jazia o homem robusto, agora pálido e enfraquecido, em coma profundo. Ao seu lado, de olhos avermelhados e respiração desregulada, estava Dandara. Alta, morena, dançarina e recém-esposa do prefeito, agora inconsciente. Pareceu-me que enrijeceu a postura. Tentei ignorar seu olhar de desprezo, já que eu não era mesmo reconhecida como detetive. Passando por cima da tensão do cômodo, a médica me entregou um prontuário.

– Bernard Johnson, 45 anos, coma induzido por acúmulo de toxinas. Suspeita de envenenamento. Já enviamos amostras ao laboratório para análise.

– Obrigada. Envie-me os resultados com urgência, por gentileza.

– Enviarei o mais rápido possível.

Após o diálogo, caminhei em direção à vítima. Sentei em uma poltrona próxima, olhando para Dandara.

– Não é engraçado? – ela disse, rindo sem humor – Era apenas o nosso quinto dia de lua de mel. Nem sequer chegamos a viajar.

– Ele não está morto, Dandara. Ainda podem terminar a lua de mel. – Encarei sua face amargurada. Para quem estava com o marido hospitalizado, parecia pouco abatida.

Não esconderei, Dandara era minha principal suspeita. Jovem, de apenas 23 anos, envolvida com um homem mais velho, carrasco, ranzinza e, permita-me ser sincera, pouco atraente. Além disso, recebi a informação que em seu testamento, Bernard deixaria uma herança gorda para sua mulher. Já era quase certo que a esposa teria arquitetado toda a situação para pôr a mão o mais rápido possível no dinheiro. Para comprovar minhas suspeitas, por que ela contrataria uma investigadora tão pouco conhecida como eu? Ela só poderia acreditar que Karina Carter seria irrelevante o suficiente para não a desmascarar. Estava enganada!

– Do que você sabe, Karina? Não pode entender como estou. Sequer consigo olhá-lo – dito isso, a mulher levantou-se, pegou sua bolsa, passando por mim sem interromper os passos, e saiu.

Suspirei.

Restava-me, agora, voltar à cena do crime. Para a infelicidade de Bernard, havia sofrido tal atentado quando ainda estava hospedado em um hotel. Segui até lá.

Segundo suspeitas, o veneno só poderia estar em uma refeição: o café da manhã. Foi a única que o prefeito ingeriu. Além do mais, supus que a toxina estaria no chá gelado que lhe foi servido. Dandara havia comido o mesmo bolo que Bernard, mas não sentiu nada. A única diferença entre ambos havia sido a bebida, visto que ela havia tomado café.

Tratei de enviar amostras do chá para análise imediatamente.

Adentrei no quarto de que anteriormente o casal desfrutava. A cena era pouco caótica. Cadeira derrubada, possivelmente, da qual o prefeito caiu, pedaços de bolo no chão, talheres... fora isso, tudo estava em ordem.

Enquanto analisava o ambiente, um pequeno gato passou por entre minhas pernas. Sorri, levando-o até o sofá. Ainda lá,

chequei novamente o cômodo. Apanhei o telefone, pronta para contatar o laboratório e exigir resultados, até ouvir o barulho de vidro quebrando. Ágil e assustada, me virei de olhos arregalados.

– Droga! Xô!

O maldito gato havia derrubado o copo de chá e agora bebia o líquido.

Meu celular tocou.

– Alô, Karina Carter – eu estava afrita, encarando o ser peludo que agora só poderia aguardar a morte, após ingerir o veneno.

– Sim, sim, pedi. Então, seja lá o que esteja fazendo, faça mais rápido. – pedi, porém, estática.

– O gato – sussurrei.

– Senhora, estamos trabalhando o mais rápido po... – o cortei.

– O gato não morreu! Está bem! O veneno não está no chá, caramba! – desliguei o telefone apressada, contatei novamente a equipe.

– O bolo. Só pode ser – eu disse, assim que Austen, o perito, chegou.

– Como a esposa não entrou em coma também?

– Não sei. Ela poderia ter injetado a substância antes dele comer.

– Não há como. Observamos gravações da senhorita Dandara indo até o hall do prédio enquanto Bernard, provavelmente, comia.

– Ela poderia ter contaminado a comida antes de ser entregue. Ou até mesmo contratado alguém.

– Está vendo o bolo? – ele apontou para o doce – Ambos partiram os pedaços um próximo ao outro – percebi os buracos.

– Se contaminado, o veneno teria se espalhado pela massa. Dandara também entraria em coma.

Bufei, olhando para cima. Austen caminha em direção à porta.

– Vou levar este bolo para a perícia – concordei.

Em meio à confusão existente em minha cabeça, percebo que ainda não fiz o que deveria ter feito desde o início: consultar os cozinheiros do hotel. Desci até a cozinha e comecei a examinar o cardápio do local. Avistei um bolo semelhante àquele encontrado na cena do crime. Caminhei até perto e uma voz me interrompeu.

– O que faz aqui? A cozinha não é lugar para os hóspedes – disse um cozinheiro.

– Você! Preciso que me explique mais sobre essa receita.

– Esse bolo? É a especialidade da casa. Todos adoram por conta da decoração. Especialmente a flor que se encontra no topo.

– Flor? Que flor?

– Acácia Branca. Ali está uma amostra da receita, se quiser experimentar.

– Desculpe, mas, infelizmente, terei que recusar. Preciso finalizar esse caso.

Retirei-me do ambiente e caminhei em direção ao quarto onde o prefeito e sua mulher repousavam na manhã do ocorrido. Precisava encontrar algo que me fizesse entender a situação e me safar dos julgamentos que eram lançados contra mim.

Por um deslize, ou talvez uma sorte enviada por algo divino, no que me recuso a acreditar, acabei derrubando um cesto de lixo que se encontrava ao lado da cama de casal. Avistei uma flor, junto aos papéis que estavam dentro da lixeira e fiquei em choque. Será que realmente as peças iriam se encaixar?

Percebi que aquela flor era diferente da que havia avistado outrora, quando ainda estava na cozinha, e, por mera coincidência, recordei de quando entrei em contato com aquela espécie de flor, muito tempo atrás. Meu pai, apaixonado pela botânica e o uso medicinal das plantas, havia me falado sobre como essa flor é altamente tóxica e perigosa. Seu nome é *Veratrum album*, conhecida por su-

postamente estar relacionada com a morte de Alexandre, o Grande.

Desci para verificar, sem sequer tocar naquela planta.

Aproximei-me e questionei em tom sério:

– Quem ficou responsável pelas entregas das sobremesas na manhã do crime?

– Eu mesmo, senhorita. Porém, não cheguei a realizar todas as entregas. Quando estava a caminho do quarto do casal, uma senhora apareceu e me ofereceu ajuda, dizendo que era uma amiga antiga da família e queria fazer uma surpresa.

– Senhora? Como ela era?

– Baixa, grisalha e com um semblante bastante acolhedor.

– Sabe o nome dela? Ou de onde ela veio?

– Não, senhorita.

Retirei-me do local, completamente frustrada por caminhar e não conseguir chegar a nenhum lugar concreto. Aquela flor é muito rara e especial, a pessoa deve entender muito sobre flores para descobrir sobre as toxinas presentes nela. Baseado nesse argumento, anotei a descrição dada pelo cozinheiro e saí pelas ruas da cidade, buscando todas as floriculturas que estavam no Google Maps.

Depois de um dia inteiro de buscas, resolvi desistir. Por mais que não houvesse muitas floriculturas, ninguém se encaixava na descrição, muito menos conhecia a *Veratrum*.

No caminho para casa, decidi passar no hospital para ver como estava o paciente e, finalmente, estava convencida de que tudo aquilo que falavam sobre mim era verdade. Eu sou uma péssima detetive.

Caminhei até o quarto e, quando entrei, dei de cara com uma cena que nunca mais esquecerei. Uma mulher, baixa, grisalha e com um semblante acolhedor estava bem na minha frente. Com um sorriso no rosto, olhou para mim e me cumprimentou. Mas

o que me fez agir imediatamente foi o que estava em suas mãos – Um vaso com flores brancas, ou, melhor dizendo, *veratrums*.

Finalmente, falei a frase almejada desde o início da investigação:

– Parada! Você está presa em nome da lei.

*Quarta feira, 5 de julho de 2019*

Encaro o copo de Whisky. Austen, com sua aura debochada de sempre, senta ao meu lado com um sorriso no rosto. Nós brincamos.

– Seus colegas de trabalho vão ter que engolir o sucesso desse caso.

Sorri, vitoriosa. Espreguicei-me, quase sem acreditar que toda aquela complicação havia se resolvido.

– Mas por que uma senhora florista humilde faria algo como envenenar um prefeito?

– O caro prefeito Bernard, como esperávamos, não era tão rico assim. Estava quase à beira da falência. Para seu casamento, solicitou uma encomenda gigantesca de flores para ornamentar a igreja. O problema foi: ele não pagou por ela.

Austen piscou. De certa forma, aquele caso ainda teria muita repercussão na justiça. Há quem apoie a florista.

– Foi incrível como tudo se encaixou no final.

– Ela não contava com minha astúcia – brinquei, sem modéstia alguma. Austen sorriu.

– Gostaria de levar você e sua astúcia para jantar esse final de semana. Espero a resposta – ele sorriu. E cheio de intenções. Depois, se levantou da cadeira e me deixou com um ar de confusão. Quase não contive o sorriso na face. Gritei um “uuhul” para todos no bar ouvirem.

– Isso, Karina Carter!



# ***CAPÍTULO 14***

*O ASSASSINATO NA MANSÃO DO  
SR. FORTUNA*

JOYCE CAMILLE SILVA  
LARA MILLENA DE SOUZA





Em uma noite do dia 26 de maio de 2015, na mansão do Sr. Carlos Fortuna, ocorria uma festa em comemoração à fusão entre sua empresa e a do Sr. Eyelesbarrow. O bairro estava muito tranquilo e a única agitação visível era a de dentro da mansão.

Tudo ocorria perfeitamente bem na festa, até que às 23h, quando aconteceria o discurso, o Sr. Fortuna não apareceu e todos começaram a ficar preocupados. No horário marcado, um dos garçons se dirige à cozinha para pegar champanhe e encontra o Sr. Fortuna no chão coberto de sangue e com uma faca ao seu lado. Desesperado, o garçom vai à procura do advogado do empresário, Charles, que estava junto ao detetive particular Gil Grissom. Os dois, ao conversarem, decidem que o melhor a se fazer é encerrar a festa a fim de iniciar as investigações. Para evitar uma efervescência por parte dos convidados, falaram que o dono da mansão havia se sentido mal e precisava de tranquilidade.

A perícia chegou ao local e analisou a cena do crime, onde notou haver pétalas de flores, terra e pedaços de vidro no chão próximo à porta dos fundos. Havia também pele nas unhas do falecido, mostrando que ele tinha lutado fisicamente com o assassino, além de ter sido observável que a vítima havia sido atingida por uma facada no peito e que o sangue na arma já se encontrava seco. O perito responsável comunicou sobre o resultado das análises para um dos policiais, muito amigo do detetive Grissom, que o informou sobre as informações obtidas.

No dia seguinte, quando o detetive analisou o caso com mais calma, já com suspeitos em mente, resolveu chamar algumas pessoas para conversar. A primeira suspeita foi a florista, Margarida, encarregada de levar as flores à festa na noite anterior.

— Bom dia. Como a senhora já deve saber, o Sr. Carlos Fortuna foi morto nesta madrugada. Ao observar a cena do crime,

notei pistas que indicaram que a senhora esteve no local. Por que só foi entregar as flores na hora da festa?

— Bom dia. Aconteceu um contratempo com o nosso carro que levaria as flores até a festa e, com a espera de outro caminhão, acabamos nos atrasando muito. Quando cheguei à mansão, para não estacionar o caminhão na frente e impossibilitar a entrada dos convidados, entrei pela porta dos fundos e entreguei as flores para o cozinheiro, que, por algum motivo, pode ter deixado cair. Então, estive, sim, no local, mas muito antes do acontecido.

— Quando a senhora entregou as flores ao cozinheiro, percebeu se ele saiu para deixar as flores em outro local ou se permaneceu na cozinha?

— Não, somente entreguei as flores e saí.

— Para onde a senhora foi quando saiu da mansão?

— Fui fazer entrega em outro local, outra festa.

— Obrigado pelas informações.

Com o testemunho da florista, que pareceu bastante convincente, Grissom se dirigiu até a mansão para conversar com o cozinheiro e tentar buscar novas pistas.

— Bom dia, senhor Gastón. O senhor trabalha na mansão há muitos anos, não é? Gostaria de fazer algumas perguntas.

— Olá, claro. O que deseja saber?

— Fiquei sabendo que uma florista deixou umas flores com o senhor ontem na cozinha antes do crime e gostaria de saber se essa história é verdadeira.

— Sim, é verdade. E com a correria da festa, acabei esquecendo de retirar a terra e algumas flores que caíram no chão quando eu as estava levando para outro cômodo.

— Certo. O senhor por acaso sabe me dizer se o Sr. Fortuna tinha algum inimigo, alguém que seria capaz disso?

— Não, senhor. A única coisa que eu sei é que ele estava tendo um caso com uma mulher que não conheço. Inclusive já a vi algumas vezes na mansão.

— O que o senhor fazia durante a festa?

— Estava supervisionando os funcionários.

— Muito obrigado.

Depois da conversa com o cozinheiro, para ter certeza do relato dele, o detetive conversou com alguns convidados e garçons presentes na festa, que confirmaram o relatado. Ele estava cada vez mais preocupado com quem pudesse ser o suspeito, pois as informações dadas pelas pessoas questionadas não o levavam a lugar algum, já que todos pareciam estar sendo muito sinceros.

Como Grissom tinha uma forte amizade com Charles, foi conversar com ele sobre a situação e tentar entender como deveria agir diante dela. Com muito tempo de conversa, o advogado fala para Grissom que sempre achou o cozinheiro da mansão muito estranho e misterioso e que ele deveria analisar mais o caso.

— Obrigado pela conversa, meu amigo. Agora eu preciso ir para ver se encontro mais pistas – falou o detetive.

Quando estava saindo, percebeu um arranhão no pescoço de Charles. Mas ignorou e procurou saber se em algum estabelecimento vizinho havia câmeras que pudessem mostrar quem era a amante do Sr. Fortuna. Teve sucesso em um estabelecimento em frente ao local, que mostrava filmagens de uma mulher entrando na mansão dois dias antes do crime e também algumas outras vezes. O detetive notou que conhecia aquela moça. Se tratava da senhorita Lola Montez, uma amiga sua, que também estava na festa. Decidiu, então, conversar com ela para saber o porquê das visitas frequentes.

— Olá, Lola. Como a senhora já deve saber, estou responsável pela investigação do assassinato do Sr. Fortuna. Poderia responder algumas perguntas?

— Olá, Gil, como você está? Quanta saudade de você, meu amigo. Claro que posso responder.

— Estou bem. Observei em algumas filmagens que você estava visitando a mansão frequentemente. Por que fazia isso?

Lola imediatamente começa a chorar e confessa:

— Já estou cansada de esconder, mas eu e o Carlos estávamos apaixonados um pelo outro.

— Alguém sabia disso?

— Suspeito que o meu marido estivesse desconfiado, pois ele ultimamente estava agindo de maneira estranha.

— Você notou esse tipo de comportamento durante a festa?

— Não, e acredito que ele não seria capaz de cometer algo do tipo. Meu marido sempre foi um homem de bem, nunca teve coragem de fazer medo a um inseto e também nunca teve inimizade com ninguém, pelo contrário.

— Obrigado pelas informações, Lola.

Chegando em casa, o detetive foi novamente estudar todos os relatos e provas do acontecido. Com tudo em mãos, chegou à conclusão de que não tinha como ser a florista, pois ela não se encontrava mais na mansão no horário do crime. Também não tinha como ser o cozinheiro, pois ele estava supervisionando os garçons durante a festa, comprovado por relatos de alguns convidados e pelos próprios garçons. Restava apenas um suspeito, mas o detetive não queria acreditar na possibilidade de ser o seu amigo Charles.

Contudo, recordando da festa, lembrou que minutos antes do empresário ser encontrado morto, Charles não estava com ele.

Quando isso aconteceu, o sangue já estava seco, indicando que ele já havia sido morto há algum tempo. As observações acerca do arranhão no pescoço do advogado, da pele nas unhas do morto, os restos de vidro – que indicam briga – e, o principal, a amante do Sr. Fortuna ser a esposa do advogado o fizeram chegar à conclusão de que o criminoso era o advogado Charles.

Como Lola havia dito, o seu marido estava desconfiado e, durante a festa, viu sua esposa saindo da cozinha, o que levantou suas suspeitas. Adentrou no cômodo, encontrou o empresário sozinho e iniciou uma discussão, indicada pelo arranhão e pelo vidro quebrado. Charles, com raiva, pegou a faca na bancada próxima a ele e atingiu o peito do Sr. Fortuna. Somente por vingança.



# ***CAPÍTULO 15***

*FESTA OU TRAGÉDIA?*

ANA VITÓRIA DANTAS CORDEIRO





No dia 27 de maio do ano de 1999, a família Smith recebe uma das melhores notícias que poderiam ter: a filha mais velha, senhorita Kate, conseguiu entrar para uma das universidades mais prestigiadas do país, Harvard. É claro que o senhor Carl e a senhora Liz não hesitaram em comemorar esse feito. Para isso, resolveram convidar os amigos mais próximos para uma pequena cerimônia que aconteceria na mansão da família na manhã seguinte. Porém, os pais de Kate, não imaginavam que aquela pequena comemoração resultaria em uma das maiores tragédias que já acontecera em Los Angeles.

Tudo começa na manhã do dia 28 de maio. Por volta das nove horas da manhã, os convidados do casal já chegavam: eram eles o prestigiado advogado Edward, sua esposa Camille e seus dois filhos, e Jessie e Lucky, que se dirigiam para o parque da mansão junto com Camille. Além desses, estavam presentes o grande detetive Thompson e sua esposa, Charlie.

Kate causava estranheza em seus pais, pois se atrasava para descer do seu quarto, mas Carl e Liz imaginavam que a garota estava apenas preocupada com a sua aparência naquela incrível comemoração. Os dois resolvem ir até o quarto da filha, que ficava no segundo andar, a fim de apressá-la para a festa.

Ao chegarem no quarto de Kate, encontraram o corpo de sua filha totalmente disperso pelo cômodo, o que lhes causou um imenso desespero. Além dos pedaços corporais espalhados, tinha ali uma faca, a qual teria sido usada para o assassinato, e várias peças de decoração quebradas, o que indicava sinais de luta corporal entre Kate e o assassino.

O senhor Thompson, junto com os policiais que chegaram logo em seguida, cercaram toda a área, pois não queriam que nada do cenário fosse alterado, o que facilitaria a investigação. Ao

analisarem o quarto, notaram que não teria como alguém de fora entrar na mansão dos Smith, visto que no lado exterior da casa se encontravam seguranças por toda parte e a única entrada seria pelas escadas localizadas na sala de estar, onde a família e os amigos se reuniam à espera da jovem.

Seguindo esse raciocínio, os investigadores, incluindo o detetive Thompson, chegaram a uma conclusão: alguém que fora convidado pelo casal para a comemoração teria causado toda a tragédia. Mas quem seria capaz de fazer isso e o que teria motivado tal covardia?

O grupo de policiais deixou o detetive Thompson encarregado de investigar o caso. Eram três os principais suspeitos: o cozinheiro, que servia as bebidas durante a festa; o senhor Edward, advogado da família; e a senhora Camille, sendo esta uma decisão difícil, já que todos tinham a confiança do casal. Para colher os depoimentos de cada um, todos se dirigiram para uma sala que ficava no prédio da polícia de Los Angeles.

Quando a senhora Camille foi interrogada, disse que desde o primeiro momento que chegou à mansão, fora até o parque levar as crianças, por volta das 9h12min da manhã. O senhor Edward afirmou ter se dirigido para a sala, onde teria encontrado os pais de Kate, às 9h45min, horário que ele afirma ter chegado à mansão. Já o cozinheiro afirmou que estava preparando bebidas durante todo o período e que seus patrões o teriam visitado naquela manhã.

Após analisar os depoimentos, o senhor detetive notou que havia algo de errado no depoimento do casal Edward e Camille, um dos dois estava equivocado em suas afirmações no que diz respeito ao horário de chegada ao local.

O detetive Thompson analisou as câmeras de segurança da mansão e notou que o depoimento de Camille estava coerente, o

que o levou, assim, ao real suspeito. Ao analisar melhor o histórico de assassinatos mais recentes de Los Angeles, ele chega a um padrão: todos os últimos cinco assassinatos foram de esquartejamento, igual ao de Kate, além disso todos possuíam como principal arma uma faca. Porém, o assassino era desconhecido.

Para uma melhor busca de informações, Thompson se dirige até a cidade de Nova York, onde moravam os pais de Edward. O casal de senhores afirma não ter contato com o filho há mais de 20 anos, pois o filho mais velho teria problemas mentais. O detetive questiona quais seriam tais problemas e sua mãe responde:

– O Edward sempre foi um menino muito educado e bondoso, porém, ao chegar aos seus nove anos, aproximadamente, o encontramos no quarto de nossa filha mais nova, na época, Billie. Ao chegarmos mais perto, vimos que Edward tinha despedaçado totalmente o corpo de sua irmã. Isso nos assustou bastante e, por isso, o levamos para uma clínica de reabilitação. Por um tempo pensamos que Edward teria seguido sua vida normalmente, porém, atualmente, acompanhamos uma série de assassinatos com corpos esquartejados em Los Angeles, o que nos leva a pensar o contrário.

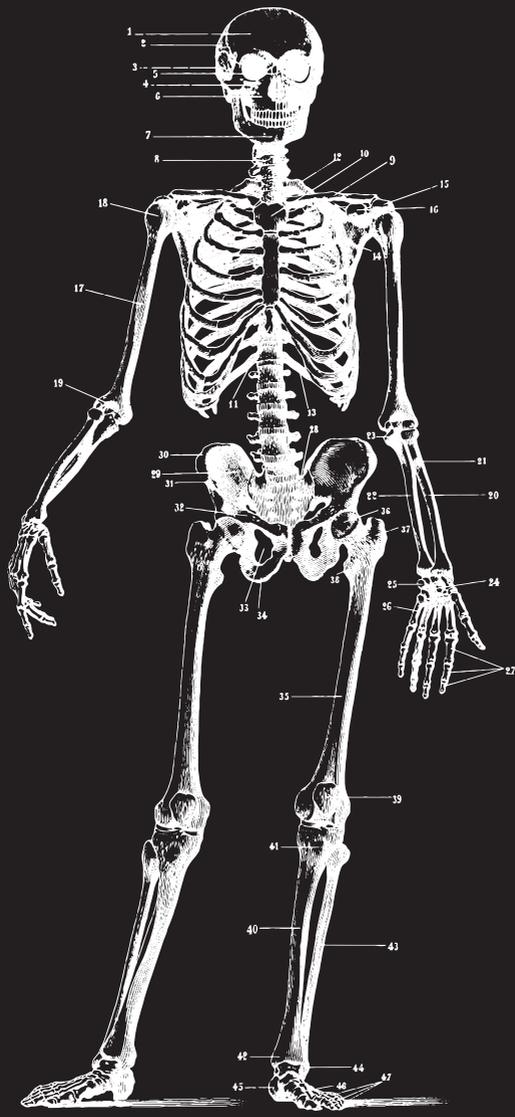
Ao ter contato com os pais de Edward, Thompson não teve dúvidas de que aquele seria o real assassino. Além desses fatos, as câmeras de segurança mostraram que Edward entrou pela sala sozinho, por volta das 09h16min, quando o casal Smith foi à cozinha com o intuito de acompanhar o cozinheiro Tom no preparo das bebidas. Ele subiu as escadas com uma faca escondida em sua roupa, sem que ninguém visse, foi até o quarto de Kate e a matou. A vítima tentou se salvar, porém o advogado foi mais forte e conseguiu o que pretendia. Logo depois, desceu e foi até a cozinha, onde encontrou o casal Smith, e os três seguiram para a sala.

Edward era um doente que se disfarçava muito bem, até mesmo para sua esposa, que ficou surpresa ao saber dos fatos. A família Smith, provavelmente, não tinha ideia de que eram amigos de um dos maiores assassinos de Los Angeles.



# ***REFERÊNCIAS***





ASSIS, Machado de. **Seus trinta melhores contos**. [Ed. Especial Saraiva de Bolso]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CORTÁZAR, Julio. **Final do jogo**. Tradução Paulina Wacht e Ari Roitman. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CORTÁZAR, Julio.. **O jogo da amarelinha**. Traduzido por Fernando de Castro Ferro. 16.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CORTÁZAR, Julio.. Alguns aspectos do conto. In: \_\_\_\_\_. **Valise de cronópio**. Traduzido por Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. Org. de Haroldo de Campos e Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 147-164.

CORTÁZAR, Julio.. Do conto breve e seus arredores. In: \_\_\_\_\_. **Valise de cronópio**. Traduzido por Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. Org. de Haroldo de Campos e Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 227-238.

FONSECA, Rubem. **Mandrake**: a bíblia e a bengala. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

JACKSON, Rosemary. **Fantasy**: Literatura y Subversión. Buenos Aires: Catalogos Editora, 1986.

KAISER, Wolfgang. **O Grotesco**. Configuração na Pintura e na

Literatura. São Paulo: Perspectiva, 1986.

KIEFER, Charles. **A poética do conto**: De Poe a Borges, um passeio pelo gênero. São Paulo: Editora Leya, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Organização de Benjamin Moser. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. Contexto, 2006.

POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. Seleção, apresentação e tradução José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaios**. Traduzido por Oscar Mendes e Milton Amado. 3.ed. Revista. São Paulo: Globo, 1999.

ROAS, David. La Amenaza de lo Fantástico. David Roas (Org.) **Teorías de lo Fantástico**. Madrid: Arco/Libros S.L., 2001, 7-44.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.





**Tipografias utilizadas:**

EB Garamond

Abolition

Dharma Gothic E

**Papel da capa:**

Cartão Supremo 250g

**Papel do miolo:**

Pólen Soft 80g

Impresso na Copiart.

-

Todos os direitos são reservados à Editora IFRN, não podendo ser comercializado em período de contrato de cessão de direitos autorais. Em caso de reimpressão com recursos próprios do autor, está liberada a sua comercialização.

NAME											
RECORD ID#	L	4	3	2	5	F	4	7	5	3	5
NATIONALITY					CITIZEN			USA			
GENDER					RACE/ ETHNICITY			AMERICAN INDIAN			
ARREST & SENTENCING INFO											

Sob a convicção de que o lúdico produz escritas que valem a pena ler, apresentamos *Por trás da lupa*. O livro apresenta uma seleção dos contos policiais escritos por discentes das turmas de 2º ano dos cursos Técnicos de Nível Médio em Alimentos e Apicultura e Informática, do IFRN campus Pau dos Ferros. A sequência didática que originou a obra incluiu estudos dirigidos de contos de diferentes autores, rodas de conversa, avaliação escrita, aulas expositivo-dialogadas com base em teóricos do gênero e na própria obra literária e crítica dos autores em estudo, adaptações das obras lidas para o audiovisual e oficinas de escrita em que os alunos assumiram a postura do detetive ou da detetive pronto(a) para desvendar mistérios. Partindo do jogo como um modo de construir narrativas completas e instigantes, não raro o acaso nos resultados das partidas e a modificação das regras gerou excelentes contos.

35688-136416      L4323 F47535

Transfer Number      OOP Number      **FILED**

FINGERPRINTS

ISBN 978-85-94137-83-8      **APR 15 2016**

9 788594 137838 >

IF THUMB      IF INDEX      IF MIDDLE      IF RING      IF LITTLE

 INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DO GRANDE RIO GRANDE DO NORTE

 **ABEU**  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

• DO NOT CROSS •

**TOP SECRET**



## **JUCELY REGIS DOS ANJOS SILVA**

Professora de Língua Portuguesa e Literatura do IFRN *campus* Lajes. Doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação Estudos da Linguagem (PPgEL-UFRN), possui mestrado em Literatura Comparada pelo mesmo programa e instituição, com licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura, também pela UFRN.

• DO NOT CROSS •

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



**editoraifrn**

• **DO NOT**

